

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**A REFERENCIAÇÃO METALINGUÍSTICA NAS
INTER@ÇÕES MEDIADAS PELO COMPUTADOR**

Mauricéia Silva de Paula Vieira

**Belo Horizonte
2009**

Mauricéia Silva de Paula Vieira

**A REFERENCIAÇÃO METALINGUÍSTICA NAS
INTER@CÕES MEDIADAS PELO COMPUTADOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Dra. Heliana Mello.

Linha G: Estudo da Inter-relação entre Linguagem, Cognição e Cultura.

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009**

FICHA CATALOGRÁFICA

V658r Vieira, Mauricéia Silva de Paula
A referenciação metalinguística nas interações mediadas pelo computador /
Mauricéia Silva de Paula Vieira. Belo Horizonte, 2009.
153f.

Orientadora: Heliana Mello
Pesquisa - Universidade Federal de Minas Gerais, Colegiado de
Pós Graduação em Estudos Linguísticos
Bibliografia.

1. Referência (Linguística). 2. Metalinguagem. 3. Interação homem-máquina.
I. Mello, Heliana Ribeiro. II. Universidade Federal Minas Gerais. Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU:800.852

Mauricéia Silva de Paula Vieira

A referência metalinguística nas interações mediadas pelo computador

Pesquisa apresentada ao Colegiado de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Dra. Heliana R. Mello – orientadora UFMG

Dr. Antônio Carlos Xavier – UFPE

Dr. Vicente Aguiar Parreiras – CEFET - MG

Dr. Tommaso Raso- UFMG

Dr. Ricardo Augusto de Souza - UFMG

Dra. Ana Elisa Ribeiro – CEFET - MG

Dra. Delaine Cafiero - UFMG



Dois Mistérios, René Magritte (1966)

AGRADECIMENTOS

A Heliana, minha orientadora, pelas leituras questionadoras sempre tão atentas e pelos comentários perspicazes que me fizeram crescer como pesquisadora.

Ao amigo Marcelo, pela amizade e pelos diálogos enriquecedores.

Aos professores Dr. Tommaso e Dr. Ricardo, pelos comentários pertinentes ao participarem da qualificação.

Aos meus familiares pelo apoio e compreensão incondicionais.

Aos meus alunos da Escola Estadual Cristiano Machado, pois foi lá que a semente para esta pesquisa começou a germinar.

Agradecimento especial

A Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, que me concedeu licença especial para cursar o Doutorado e sem a qual eu não teria condições de me dedicar à tese.

RESUMO

O computador e a internet fazem parte das novas tecnologias presentes na sociedade e colocam alguns questionamentos: como essas tecnologias influenciam a comunicação humana? Até que ponto a comunicação mediada pelo computador se difere da interlocução face a face e da interação mediada pelo texto impresso? As inovações tecnológicas trouxeram em seu bojo uma série de transformações linguísticas e sociais e esta pesquisa investiga as estratégias de referenciação metalinguística nas interações assíncronas mediadas pelo computador, a partir da análise de textos escritos, produzidos em fóruns de discussão. Consideramos que a referenciação é uma atividade cognitivo-interacional praticada por sujeitos sociais em eventos de interação e que a metalinguagem pode ser considerada como uma modalidade de referenciação cuja propriedade básica diz respeito ao caráter autorreflexivo da língua. Trata-se, portanto, de um fenômeno de autorreferenciação da língua: palavras ou expressões são empregadas para se referirem à própria atividade discursiva, considerando-se que a língua é uma sistematização estruturada nos planos gramatical, semântico-cognitivo, textual-discursivo e ativada em uma determinada situação de interação. Partimos das hipóteses segundo as quais as estratégias linguísticas que implementam a referenciação metalinguística no processamento de textos mediados pelo computador são relevantes e podem ser explicitadas a partir dos processos cognitivos de perspectivação, focalização, gerenciamento de atenção.

As análises evidenciam que as unidades metalinguísticas se configuram, prototipicamente, como unidades de informação de incisos e estão ligados à necessidade de se gerenciar o discurso e de se estabelecer um foco de atenção conjunta. Nas interações mediadas por computador, devido ao meio, a escrita recobre-se, em alguns gêneros, de uma dinamicidade muito próxima à do texto oral. Planejamento e execução do texto são realizações muito próximas – mesmo nas interações assíncronas em que o internauta pode revisar o texto antes de torná-lo público. Além disso, o contexto é partilhado e parte das informações não estão presentes na materialidade linguística, mas nos conhecimentos partilhados pelos participantes da comunidade virtual. O texto apresenta uma sintaxe muito parecida com a da língua falada, carregada de interrupções, reticências, inserções. Entretanto, como não há a presença física dos participantes e faltam elementos expressivos típicos da interação face a face, como gestos, entonação e expressão facial, diversas estratégias são empregadas. Além dos recursos gráficos, como aspas, parênteses, maiúsculas, e recursos

semióticos, como os *emoticons*, há a possibilidade de inserir comentários, avaliações, inserções, correções, ressalvas, etc. e isso é feito através dos enunciados metalinguísticos.

As análises evidenciam, ainda, a possibilidade de agrupar as unidades metalinguísticas em cinco categorias a partir dos elementos colocados em foco: a formulação linguística, a construção textual, o próprio ato comunicativo, nos participantes e, finalmente, o foco na informatividade.

Palavras-Chaves: Referência (Linguística). Metalinguagem. Interação homem-máquina

ABSTRACT

The computer and the Internet are part of the new technologies in society and present some questions: how do these technologies influence the human communication? Does computer mediated communication differ from face-to-face and mediated by the written text interactions to what extent? Technological innovations have brought itself into a series of linguistic and social transformations. This research investigates the strategies of metalinguistic reference in asynchronous interactions mediated by computer, from the analysis of written texts, produced in the discussion forums. We believe that the referral is an cognitive-interactional activity practiced by social subjects at events and that the metalanguage can be considered as a mode of reference whose basic property concerns the self-reflexive nature of language. It is thus a phenomenon of self-referencing of language: words or expressions are used to refer to the discursive activity, considering that language is a structured systematization in grammatical, semantic, cognitive, textual-discursive plans and activated in a particular situation of interaction. Our point of departure are the hypotheses in which the linguistic strategies that implement referral metalinguistic in the processing of texts mediated by computer are relevant and can be explained from the cognitive processes of perspective, focus and management attention.

The analysis show that metalinguistics announcements are units of informations and items are linked to the need of managing discourse and establishing a joint focus of attention. In interactions mediated by computer, due to the medium, the writing covers itself, in some genres, with a dynamics very close to the oral text. Planning and implementation of the text output is very close - even in asynchronous interactions in which the Internet user can review the text before making it public domain. Furthermore, the context is shared and parts of the information are not present in the linguistic accuracy, but are in the knowledge shared by the participants of the virtual community. The text presents a syntax very similar to the spoken language, full of interruptions, reservations and insertions. However, as there is not the physical presence of participants and there is lack of expressive elements typical of the interaction face-to-face, gestures, intonation, facial expression are used in addition to the graphical features like quotes, brackets, capitals, and semiotic resources, such as emoticons, it is possible to insert comments, ratings, insertions, corrections, exceptions, etc. and this is done through metalinguistic listed.

The analysis also show the possibility of grouping and categorizing the metalinguistic listed in five groups from the elements put into focus: a linguistic formulation, the textual construction, the communicative act itself, in participants and, finally, the focus in information technology.

Key-Words: Reference (Linguistics). Metalanguage Human-computer interation .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As meninas de Diogo Velásquez.....	31
Figura 2: O triângulo referencial.....	41
Figura 3: O processo de interação verbal.....	43
Figura 4: Analogia entre visão e cognição.....	44
Figura 5: Moldura de atenção.....	47
Figura 6: Espaço Discursivo Corrente	49
Figura 7: Representação imagética do Texto 01.....	52
Figura 8: Perfil entonacional.....	56
Figura 9: Perfil entonacional.....	57
Figura 10: Perfil entonacional.....	58
Figura 11: Página principal do Orkut.....	65
Figura 12: Perfil de usuário no Orkut.....	66
Figura 13: Multisemiose.....	67
Figura 14: A integração de múltiplos recursos.....	68
Figura 15: A linguagem na Internet.....	68
Figura 16: O processo de interação verbal em um ambiente virtual.....	69
Figura 17: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	71
Figura 18: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	72
Figura 19: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	72
Figura 20: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	73
Figura 21: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	73
Figura 22: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	74
Figura 23: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	75
Figura 24: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	77
Figura 25: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	77
Figura 26: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	77
Figura 27: O Menino Maluquinho.....	78
Figura 28: Mapa do bairro Coração Eucarístico.....	79
Figura 29: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	79
Figura 30: Página de uma comunidade no Orkut.....	94
Figura 31: O processo de interação verbal em um ambiente virtual.....	96
Figura 32: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	98
Figura 33: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	99
Figura 34: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	100
Figura 35: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	103
Figura 36: O processo de interação verbal em um ambiente virtual.....	104
Figura 37: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga..	106
Figura 38 Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	109
Figura 39: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	111
Figura 40: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	114
Figura 41: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu.....	116

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Quadro 1: Posições mais discutidas sobre o tema referência.....	27
Quadro 2: Interação on-line.....	63
Quadro 3: Descrição da amostra sem o contexto.....	87
Quadro 4: Categorização dos incisos metalinguísticos.....	119
Gráfico 1: Resultado do experimento.....	89
Gráfico 2: Resultado do experimento.....	90
Tabela 1 - Resultado do experimento.....	88

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
1.1 Introdução	14
1.2 Objeto de pesquisa e sua relevância.....	16
1.3 Objeto e objetivos	20
1.3.1 <i>Objetivo geral</i>	20
1.3.2 <i>Objetivos específicos</i>	20
1.4 O percurso metodológico	20
1.5 Organização do trabalho	22
2 A REFERENCIAÇÃO METALINGUÍSTICA NUMA PERSPECTIVA SÓCIO- COGNITIVA	24
2.1 Introdução	24
2.2 As questões sobre a referência numa visão sócio-cognitiva.....	25
2.3 Metalinguagem e referenciação metalinguística.....	31
2.4 Considerações finais	37
3 INTERSECÇÕES: LINGUAGEM, COGNIÇÃO, CULTURA E GRAMÁTICA COGNITIVA	38
3.1 Introdução	38
3.2 Linguagem, cognição e cultura: do Cognitivismo Clássico ao Sócio-cognitivismo interacional.....	38
3.2.1 <i>Cognição: processamento computacional</i>	39
3.2.2 <i>Cognição: ação corporificada e atenção conjunta</i>	40
3.3 Discurso e Gramática Cognitiva: alguns pressupostos norteadores.....	45
3.3.1 <i>Gramática Cognitiva e o processo de referenciação</i>	48
3.4 Discurso e Gramática Cognitiva: diálogos possíveis?	54
3.5 A Teoria da Língua em Ato e as interações mediadas pelo computador.	56
3.6 Considerações finais	59
4 REDES E RELAÇÕES: ORALIDADE, ESCRITA E COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR	61
4.1 Introdução	61
4.2 Da linguagem oral à escrita na Internet	61
4.3 A dinâmica das interações em ambientes virtuais: uma proposta de análise.....	70
4.4 As unidades de informação nas interações mediadas pelo computador	72
4.4.1 <i>O Tópico e o Comentário</i>	72
4.4.2 <i>O Apêndice</i>	73
4.4.3 <i>O Introdutor Locutivo</i>	73
4.4.4 <i>Os Auxílios Dialógicos</i>	74
4.4.5 <i>Os Incisos</i>	75
4.5 A stanza	75
4.6 A presença de outros recursos nas interações mediadas por computador.....	77
4.7 Considerações finais	81

5 METODOLOGIA.....	82
5.1 Introdução	82
5.2 Sujeitos.....	83
5.3 Corpus	83
5.4 Procedimentos de análise	84
5.4.1 <i>A segmentação dos textos presentes na comunidade caratinguense</i>	84
5.4.1.1 Descrição do experimento	88
5.4.1.2 Análise dos dados e resultados	89
5.4.1.3 Discussão dos resultados	91
5.4.2 <i>A segmentação dos textos presentes na comunidade do bairro Coração Eucarístico</i>	93
5.4 Considerações finais	93
6 ANÁLISES	94
6.1 Introdução	94
6.2 O Espaço Discursivo Corrente e os textos produzidos na Internet.....	94
6.3 Referenciação metalinguística nas interações mediadas pelo computador.....	103
6.4 Modalidades de metalinguagem encontradas no corpus	107
6.4.1 <i>O foco na formulação linguística</i>	107
6.4.2 <i>O foco na construção textual</i>	111
6.4.3 <i>O foco no próprio ato comunicativo</i>	113
6.4.4 <i>O foco nos participantes</i>	115
6.4.5 <i>O foco na informatividade</i>	118
6.5 Os incisos metalinguísticos e as interações mediadas por computador.....	120
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	131

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Introdução

Dois Mistérios, do pintor belga René Magritte, conjuga, na tela, uma linguagem híbrida e apresenta uma situação curiosa: a legenda *Ceci n'est pas une pipe*, grafada logo abaixo da imagem de um cachimbo, representa a negação do que o espectador vê na tela e serve como ponto de partida para as reflexões que propomos sobre o tema referencialidade. As palavras já foram associadas a uma função representacional da linguagem. Nomear seria etiquetar um mundo preexistente. Assim como Magritte rejeitou a ideia de que os símbolos representam diretamente a realidade, uma vez que, como argumentava o pintor, não é possível encher o cachimbo de fumo, grande parte dos estudos linguísticos atuais sobre o tema referencialidade descarta a noção de que há uma ligação direta entre palavra e objeto.

Este trabalho apresenta uma investigação sobre um aspecto do processo de referencialidade: a referencialidade metalinguística nas interações assíncronas mediadas por computador. Embora não seja um artefato cultural novo, os modelos que hoje temos superam - e muito -, em termos tecnológicos, seus ancestrais usados na década de 50 do século XX.

O uso da informática na comunicação, segundo Crystal (2005), provocou uma verdadeira revolução na linguagem. Com um click no mouse, selecionamos imagens, cores, tipos de letras, enviamos e recebemos mensagens. Pela tela de um computador, sabemos o que se passa em grande parte do mundo assim que o evento acontece. Com o uso da Internet, vivemos na era da informação e do conhecimento e habitamos um espaço desterritorializado, sem fronteiras espaciais. Interagimos com pessoas que conhecemos apenas no mundo virtual. Participamos de discussões e expomos pontos de vista sobre assuntos diversos. Devido às possibilidades que o computador oferece, é possível “bater papo” com um internauta, usando as teclas do computador. Dependendo do propósito comunicativo, a urgência em teclar e enviar o texto faz com que escrita e planejamento se apresentem como atividades muito próximas, resultando em uma escrita com características de língua informal. É possível, ainda, acrescentar recursos semióticos para representar detalhes típicos da oralidade, como, por exemplo, o uso de *emoticons* para representar expressões faciais. Nesse meio, como assegurado por Halliday (1985) a escrita pode se configurar um processo. Por outro lado, não é apenas a linguagem que sofre modificação, mas também a sociedade. Interagimos e participamos de novas formas de diálogos e agrupamentos: as comunidades virtuais. A professora Vera Menezes (2009) ressalta que na realidade, “deixamos de ser seres humanos

isolados para nos transformarmos em uma rede humana comunicante e conseguimos, através da mediação do computador, comunicar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas, sem limitações de tempo e espaço”. Essa interação reflete, porém, um grande paradoxo do século XXI: ao mesmo tempo em que nos tornamos “uma rede humana comunicante”, também nos isolamos cada vez mais diante de um computador e isso evidencia linguagem, cultura, cognição e discurso como processos interdependentes.

Diversos pesquisadores têm voltado seus olhares para essa nova forma de interação e este trabalho investiga a referenciação metalinguística nas interações mediadas por computador, a partir da análise de textos escritos postados em duas comunidades virtuais. Falar sobre a metalinguagem, corresponde a abordar uma propriedade da linguagem potencialmente presente em diversas áreas: na literatura, na pintura, no cinema, na linguagem do cotidiano. O novo olhar que proponho sobre a temática é investigar essa propriedade nas interações virtuais a partir das estratégias linguísticas usadas para implementá-la.

O tema proposto inicialmente estava circunscrito à análise das estratégias de referenciação. Urgia delimitar o objeto de pesquisa. Analisando o corpus, sempre me chamava a atenção o uso de determinados recursos usados pelos internautas: o discurso era interrompido e, mesclado ao fio discursivo, surgiam alguns comentários, perguntas e reflexões. Comecei a me questionar sobre o porquê de tais reflexões, que papel elas exerciam nesse tipo de interação em que os interactantes, às vezes, mal se conheciam, ou melhor, conheciam-se, geralmente, no mundo virtual! Pareceu-me que tal estratégia funcionava como um recurso para gerenciar a atenção do outro. Decidi então focalizar essa autorreflexão sobre a linguagem.

Dialogando com Langacker (2004) e Sinha (2005), construí um modelo para tentar explicitar uma faceta da comunicação mediada por computador a partir da noção de atenção conjunta.

Outros desafios foram surgindo à medida que era necessário estabelecer uma categoria de análise. Trabalhar com unidades oracionais seria inviável, pois o corpus apresenta uma estrutura sintática que envolve tanto características da língua oral quanto da escrita, e tais modalidades possuem formas próprias de se organizarem. Além disso, a categoria Sujeito + Predicado esbarrava-se na dinamicidade do discurso e na riqueza de estratégias de textualização presentes nas interações mediadas por computador. Adotar a noção de unidades entoacionais, como proposta por Chafe (1996), parecia adequado. Em estudos anteriores, ao propor tal categoria, o autor deixa clara a relevância dos sinais de pontuação na marcação dessas unidades. Ora, como proceder com um corpus em que a urgência de submeter o texto

faz com que os sinais de pontuação pareçam ser desnecessários? Isso sem contar a questão da proficiência que perpassa o uso correto de tais sinais.

Assim, optamos por considerar noções de enunciado, de unidade informacional e de *stanza*, oriundas dos estudos de Emanuela Cresti (2000, 2009) sobre a língua falada. A categoria enunciado, por prescindir do elemento verbal para caracterizá-la, configura-se abrangente e permite considerar as unidades informacionais de inciso, cuja função no processamento discursivo está ligada a fatores interacionais¹.

1.2 Objeto de pesquisa e sua relevância

O computador e a Internet fazem parte das tecnologias presentes na sociedade e colocam alguns questionamentos: como essas tecnologias influenciam a comunicação humana? Até que ponto a comunicação mediada pelo computador difere da interlocução face a face e da interação mediada pelo texto impresso? O certo é que as inovações tecnológicas trouxeram em seu bojo uma série de transformações para a comunicação humana numa velocidade surpreendente, de maneira que os usuários desses artefatos precisaram adaptar – de forma colaborativa – a tecnologia da escrita² a fim de usufruírem das múltiplas possibilidades que o computador oferece. Velocidade é a palavra de ordem: nas mudanças, no enviar/receber informações, no teclar, na emergência de gêneros textuais, etc. De certa forma, devido a essa velocidade, a sociedade não consegue ficar em consonância com as mudanças que a tecnologia impõe e, muitas vezes, se fecha numa explicação tradicionalista sobre as adaptações que os internautas conferem à língua.

Pesquisadores de diversas áreas voltam seus olhares para as possibilidades de comunicação que a informática oferece, focalizando não só aspectos estruturais dos gêneros emergentes, como também as modificações no âmbito da textualidade. Neste sentido, esta pesquisa investiga as estratégias de referenciação metalinguística nas interações assíncronas mediadas pelo computador, a partir da análise de textos escritos, produzidos em fóruns de discussão. Partimos das seguintes hipóteses que nortearão esta pesquisa: (i) a referenciação metalinguística pode ser compreendida como um fenômeno sócio-cognitivo, portanto, explicitada a partir dos processos cognitivos de perspectivação, focalização e gerenciamento

¹ Os conceitos de enunciado, de *stanza* e de incisos serão explicitados nos capítulos seguintes.

² Refiro-me à escrita alfabético-ortográfica, uma das tecnologias disponíveis para se representar a linguagem humana.

de atenção; (ii) tal estratégia é relevante no processamento de textos mediados por computador uma vez que possibilita assegurar a interação.

É importante destacar que o projeto inicial tratava das estratégias de referenciação nas interações mediadas por computador. Tínhamos a certeza de que o tema era muito abrangente e seria necessário um recorte. Enfocar a referenciação metalinguística encontra sua explicação no fato de que, ao lidar com o corpus coletado, deparei-me com a seguinte situação: tratava-se de texto escrito e o internauta possuía, em tese, a possibilidade de verificar alguns aspectos em seu texto antes de submetê-lo à página da comunidade. Entretanto, tal fato parecia não acontecer, já que, diversas vezes, enunciados que apresentavam reflexões sobre algum aspecto da língua – como, por exemplo, sobre a forma de escrever alguma palavra - eram registrados mesclados ao fio discursivo. Alguns enunciados apareciam entre parênteses, outros com maiúsculas, enfim, diversos recursos gráficos eram empregados. Questionamentos surgiram: qual a influência do suporte nesse “refletir” sobre aspectos da língua? Que função sócio-cognitiva-interacional essa reflexão desempenhava no processamento discursivo? Como explicitá-la, considerando-se os múltiplos aspectos – pragmáticos, cognitivos, interacionais, etc. – da linguagem humana?

Investigar essa autorreflexão sobre a língua/discurso é repensar a metalinguagem. A metalinguagem pode ser compreendida como uma propriedade discursiva potencialmente presente nas línguas naturais. Nesta investigação, entendemos que a metalinguagem pode ser considerada como uma modalidade de referenciação cuja propriedade básica diz respeito ao caráter autorreflexivo da linguagem. Em outros termos, trata-se de um fenômeno de autoreferenciação da língua. Palavras e/ou expressões são empregadas para se referirem à própria atividade discursiva, considerando-se não só a língua no seu aspecto de sistematização estruturada nos planos gramatical, semântico-cognitivo e discursivo, mas também quanto à sua ativação em uma situação de interação. Propomos, nesta abordagem, uma integração entre os conceitos de metalinguagem e de metadiscursividade, pois entendemos que uma distinção, na verdade, poderia reforçar uma visão dicotômica de língua que secciona o que é dito com o ato de dizer.

Nas interações face a face, o assunto já foi investigado por diversos pesquisadores como Koch (2001), Jubran (1999, 2005) e Jubran e Risso (1998). Encontramos, ainda, os estudos de Francis (2003) sobre os rótulos e, mais especificamente, sobre os rótulos metalinguísticos. Koch (2001) esclarece que as expressões referenciais desempenham funções cognitivas, coesivas, de organização textual e também indicam a orientação argumentativa. Embora elucidativos, os estudos sobre os enunciados metalinguísticos/metadiscursivos

restringem-se ora à função coesiva de tais enunciados, ora à função textual-interativa.

Entretanto, é necessário colocar o tema na agenda dos estudos linguísticos investigando a função cognitiva desses enunciados, principalmente nas interações mediadas por computador. Nesse suporte, a identidade do interlocutor, em alguns gêneros, pode ser mascarada. Ainda assim, a co-presença do outro é percebida. Isso nos faz refletir sobre a necessidade de o internauta empregar estratégias que garantam o gerenciamento discursivo eficaz. “Na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes, mas, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente”, assegura Koch (2005, p.99).

Argumentamos, a partir das considerações de Tomasello (2003) sobre o processo de referenciação, que o emprego da metalinguagem configura-se como recurso essencial para assegurar a interação através do suporte computador. Tomasello (2003, p.135) ressalta que é necessário reconhecer que a referência linguística é um ato social no qual uma pessoa tenta fazer com que outra dirija sua atenção para algo no mundo. Nesse sentido, “a referência linguística só pode ser entendida dentro do contexto de certos tipos de interação social” (TOMASELLO, 2003, p.135), denominadas cena de atenção conjunta³.

Acrescentamos que não basta somente estabelecer um foco de atenção conjunta, é indispensável ainda checar a compreensão em relação ao que está sendo dito, verificar se a atenção do outro interlocutor se volta para o mesmo foco, enfim, empregar estratégias discursivo-cognitivas que assegurem a manutenção da interação. Assim, mais que uma estratégia textual, a referenciação metalingüística envolve capacidades cognitivas gerais como a atenção e deixa à mostra a intencionalidade humana em estabelecer e manter o mesmo foco de atenção. Vale ressaltar que tal estratégia está relacionada ao gerenciamento discursivo e este, por sua vez, ultrapassa o nível individual, uma vez que há uma interdependência entre linguagem, cultura e cognição. A linguagem é um elemento da cultura e, ao mesmo tempo, condição para que a cultura seja transmitida. Pela linguagem, na interação com o outro, conhecemos o entorno que nos cerca e reformulamos nossas crenças, valores, conhecimentos, enfim, ressignificamos nossos saberes. Convenções, fatores externos e culturais estão interligados à linguagem e colocam em cena a necessidade de investigar a autorreflexão sobre

³ Segundo Tomasello (2003, p.135), cenas de atenção conjunta são interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma terceira coisa. É necessário ressaltar que essa noção pode ser estendida a qualquer evento de interação e o autor usa o termo crianças em virtude da natureza de sua investigação.

a linguagem a partir de um quadro teórico que considere fatores cognitivos, pragmáticos e interacionais. Para isso, na construção do quadro teórico, baseamo-nos nos estudos de Tomasello (2003), Sinha (2005), de Langacker (2004) e de Cresti (2000, 2009).

No processamento discursivo, entendido como o ato de colocar em funcionamento a língua, os interlocutores focalizam a atenção em determinados aspectos do discurso em detrimento de outros e juntos negociam significados com base no contexto físico, linguístico, social e a partir de suas experiências e conhecimentos culturalmente compartilhados. Desse modo, não há sentido dado, mas sentidos passíveis de serem construídos em um evento discursivo.

Na análise do fenômeno, partimos dos seguintes pressupostos: (i) a linguagem pode ser entendida como uma forma de ação no mundo e a língua como um fenômeno natural – com uma base biológica e cognitiva – sensível aos contextos de uso, às tecnologias disponíveis, ao momento sócio-histórico-cultural e às intenções dos participantes, instituídos como interlocutores no processamento discursivo; (ii) a cognição é fundada na percepção e na experiência corpórea e os sujeitos - seres multiperceptuais - são dotados de um aparato biológico e de uma história de desenvolvimento que lhes permitem interagir com o outro e com o meio ambiente e, a partir das experiências vivenciadas, constroem seu conhecimento; (iii) há uma interrelação entre linguagem, cultura e cognição: aspectos ontogenéticos e filogenéticos⁴ devem ser considerados em uma abordagem sócio-interativa que procura investigar o processamento discursivo; (iv) a referenciação é uma atividade cognitivo-interacional praticada por sujeitos sociais em eventos de interação.

A relevância da pesquisa pode ser justificada pela necessidade de se investigar o fenômeno a partir de um modelo teórico que estabelece uma interface entre linguagem, cognição e cultura. Além disso, é de suma importância para os estudos linguísticos atuais investigar a comunicação mediada pelo computador como nova possibilidade de uso da língua em virtude das tecnologias disponíveis.

⁴ A dicotomia ontogenia *versus* filogenia faz parte de outras polarizações, tais como inato *versus* adquirido, natureza *versus* cultura, que perpassam diversos estudos, ora centrados em uma concepção inatista, ora numa visão experiencialista sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Susan Oyama (2004) ressalta que o ponto crucial não é distinguir o que é inato e o que é adquirido, mas sim considerar que o desenvolvimento de todo indivíduo é influenciado pelos genes (filogenia) e pelo ambiente (ontogenia). Argumenta Oyama (2000) que todo organismo incorpora informação de genes e ambiente em variantes complexas que não podem ser dissociadas e que os genes não controlam o processo de desenvolvimento, pois, embora um gene possa ter múltiplas possibilidades para se desenvolver, tal desenvolvimento varia de acordo com o organismo e o contexto. Outro autor que também procura romper com o dualismo inato *versus* adquirido é Tomasello (2003). Para ele, aspectos ontogenéticos e filogenéticos devem ser considerados em uma investigação séria sobre cognição, linguagem e cultura.

1.3 Objeto e objetivos

O objeto de investigação desta pesquisa circunscreve-se às estratégias de referenciação metalinguística nas interações assíncronas mediadas pelo computador, a partir da análise de textos escritos, produzidos em fóruns de discussão.

São propostos os seguintes objetivos:

1.3.1 Objetivo geral

Verificar como ocorre o processo de referenciação metalinguística, em uma perspectiva sócio-cognitivista, a partir dos conceitos de perspectivação, focalização e gerenciamento de atenção.

1.3.2 Objetivos específicos

Contribuir com a construção de uma teoria sobre referenciação em hipertextos;
Contribuir com as pesquisas na área da Linguística Cognitiva.

1.4 O percurso metodológico

Um relatório de pesquisa é a etapa que põe fim a um ciclo de reflexões, escolhas, acertos, erros, enfim, é o relato de um longo processo em que o pesquisador apresenta as conclusões sobre determinado objeto investigado. Essas conclusões estão ligadas aos instrumentos utilizados e aos resultados a que estes instrumentos permitem chegar. Por isso, nesta seção, meu objetivo é refletir sobre o percurso, sobre os olhares empreendidos ao objeto, enfim, refletir sobre aspectos do processo de construção do caminho metodológico construído. A idéia de que há apenas um paradigma e um único método a ser seguido pelo pesquisador mostrou-se uma pretensão válida em um determinado momento da humanidade e da ciência. Com o advento das Ciências Humanas, um *pluralismo paradigmático* rompe esse monopólio uma vez que há várias possibilidades de como se conceber a relação sujeito/objeto (SEVERINO, 2007, p. 108). Na prática, seguir um único caminho, às vezes, pode levar o pesquisador a descartar questões relevantes em sua pesquisa.

Esta investigação conjuga princípios de uma abordagem quantitativa a uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados me inseri em comunidades virtuais e participei de fóruns de discussão. Entretanto, a abordagem qualitativa não foi uma opção dada *a priori* e nem foi a apresentada, seja no momento de entrega do projeto final, seja no momento da qualificação.

Na fase inicial, houve uma grande preocupação em estabelecer, a partir de critérios semânticos, uma categoria de análise, e uma série de princípios foram elencados para justificar a segmentação do corpus. Foi realizado um experimento com o objetivo de verificar a aceitação dos falantes em relação à segmentação apresentada. De um total de 140 enunciados, foram selecionadas, aleatoriamente, 14 amostras que foram apresentadas a quatro informantes voluntários, todos falantes nativos do português e com nível universitário de formação. Os dados foram analisados com o auxílio do software SPSS V. 13 e do teste qui-quadrado com o objetivo de medir a associação entre a “variável tipo de enunciado” e a “variável segmentação aceitável”.

Os resultados demonstraram que a aceitabilidade ou não da segmentação proposta era dependente do contexto, pois este garantia a interpretabilidade pragmática dos enunciados apresentados.

No processo de qualificação, tais dados foram apresentados e o objetivo era ampliar a amostragem, garantindo maior confiabilidade aos dados.

Entretanto, após a qualificação, observações da banca me fizeram repensar o processo. A noção de enunciado adotada por Cresti (2000) definida a partir da entonação e de critérios pragmáticos esbarrava-se no fato de que o corpus analisado, embora apresentasse uma sintaxe muito parecida com a da língua falada, era constituído por textos escritos. Por outro lado, além destes dois critérios para se definir um enunciado, os estudos de Cresti consideram ainda os critérios distributivos, funcionais, morfossintáticos e caracterizam cada enunciado como uma unidade informacional.

A adoção da noção de enunciado e da unidade de informação como princípio de análise justifica-se por dois motivos: em primeiro, os estudos de Cresti (2000) para a língua falada serviram de base para que pesquisadores analisassem a escrita, uma vez que, a entonação, embora relevante, não é o único critério utilizado e, em segundo lugar, a orientação da própria pesquisadora para que, na análise do corpus desta investigação, fossem usados critérios semânticos e pragmáticos. Definida a categoria de análise, fez-se necessário repensar a metodologia adotada uma vez que o objetivo da pesquisa não era segmentar e categorizar todos os enunciados presentes no corpus, mas localizar os enunciados que se

configurassem como unidades informacionais de inciso. Para isso, não era preciso ampliar as análises quantitativas e nem propor a segmentação à validação de informantes voluntários.

Outro fator considerado: os projetos de análise, tomando por base os estudos de Cresti e o uso do software Win Pich são recentes no Brasil. Desse modo, além de ser uma proposta muito ambiciosa e inviável para uma tese, seria desnecessário segmentar um corpus extenso e categorizar cada enunciado encontrado. Assim, para a primeira parte do corpus, manteve-se a segmentação proposta e validada por informantes, considerando-se que tal segmentação partiu da necessidade de preservar os aspectos semânticos e pragmáticos dos trechos. O que procuramos fazer, além de analisar os enunciados metalinguísticos, foi exemplificar que as unidades de informação de tópico, comentário, auxílios dialógicos, apêndices e introdutores locutivos mostram-se como categorias de análise amplas e, portanto, permitem analisar a escrita mediada pelo computador. Acreditamos que isso abre espaço para futuras pesquisas.

Partindo destas reflexões, aliar à abordagem quantitativa princípios do enfoque qualitativo mostrou-se uma decisão adequada à análise e aos objetivos propostos.




1.5 Organização do trabalho


Este trabalho consta desta apresentação cujo objetivo é focalizar, em linhas gerais, o tema abordado e sua importância no cenário atual. O segundo capítulo, denominado “A referenciação metalinguística numa perspectiva sócio-cognitiva”, aborda os estudos sobre a referenciação a partir do pressuposto de que no processo de referir/nomear os sentidos são culturalmente construídos. “Intersecções: linguagem, cognição, cultura e discurso” é o título do terceiro capítulo que tem por objetivo apresentar conceitos relevantes para a construção do quadro teórico desta pesquisa, a partir dos estudos de Langacker (2004) e das considerações de Tomasello (2003) sobre os aspectos culturais da aquisição do conhecimento humano. O quarto capítulo propõe uma reflexão sobre oralidade e escrita e apresenta as noções de enunciado, de *stanza* e de estrutura informacional a partir dos estudos de Cresti (2000; 2005; 2009). As interações em comunidades virtuais mediadas por computador são situadas numa interface entre as modalidades oral e escrita de uso da língua e um modelo do processamento discursivo - a partir de um foco de atenção conjunta virtualmente construída - e estão presentes no quarto capítulo, intitulado “Redes e relações: oralidade, escrita e comunicação mediada pelo computador”. A pesquisa é desenvolvida a partir de uma abordagem que conjuga as metodologias qualitativa e quantitativa na análise dos dados, coletados através de

interações em fóruns de discussão mediados pelo suporte computador, e consta no quinto capítulo. O sexto capítulo traz as análises e discussões possibilitadas pelo trabalho. As considerações finais apontam as contribuições oriundas desta investigação e estão presentes no sétimo e último capítulo.



2 A REFERENCIAÇÃO METALINGUÍSTICA NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-COGNITIVA



2.1 Introdução

Seu  de pulso tocou. Ainda zozzo pelas doses de  da noite anterior, e com gosto de  na boca, Luís abriu os olhos.


Ouviu o barulho do  elétrico ligado vindo do banheiro.

Opa, acho que me dei bem ontem, pensou.

Olhou as peças de  espalhadas pelo chão. Que corpinho é esse, pensou. Viu os  de pingente, delicados. Que orelhinha é essa, pensou.


Viu o  de barbear... peraí,  de barbear?!

Que pernã é esse?, pensou.

De repente o  tocou. De dentro do banheiro uma voz grossa disse:

“Atende pra mim, garanhão.”

Pode imaginar. Aqui tem.



GIOVANNI.FEB

A propaganda veiculada brinca com a capacidade do leitor de preencher lacunas, deixadas propositalmente, a partir de sentidos compartilhados pelos leitores em potencial. Não é difícil perceber as pistas linguísticas deixadas pelo produtor do texto a fim de que sejam explicitados os possíveis referentes sugeridos: relógio, uísque/ vinho/cachaça, chuveiro, roupas, brincos, aparelho, aparelho, telefone/celular/interfone seriam algumas sugestões pertinentes.

Percebemos que o sentido não está dado no texto de modo que o efeito de humor é alcançado devido à dupla leitura que se faz necessária e aos conhecimentos culturalmente compartilhados sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Esta propaganda exemplifica dois pontos básicos no processo de referenciação: (i) os participantes de uma interação atuam colaborativamente na construção da referência, uma vez que nem todas as informações estão explícitas na materialidade linguística, e (ii) os sentidos são culturalmente construídos, a partir da mobilização de conhecimentos prévios. Nesse processo de interação e de construção de sentido, como seres sócio-culturais, os participantes se valem ainda das tecnologias disponíveis. A partir destes pressupostos, este capítulo tem por objetivo apresentar alguns aspectos sobre referenciação e metalinguagem.

2.2 As questões sobre a referência numa visão sócio-cognitiva

Entre as questões que perpassam os estudos linguísticos, o tema “referência” desperta a atenção de diversos pesquisadores que investigam as questões de significação e linguagem. Discutir a interrelação entre língua, cognição e mundo faz parte de uma agenda de discussões que remonta à filosofia grega e que procura explicar “como” e “se” a língua nomeia diretamente a realidade. No cerne de tais discussões encontram-se noções como verdade e representação, além do dualismo mente-corpo.

O tempo passou e novas tecnologias foram surgindo. Os estudos sobre a referência perpassaram diversos momentos sócio-históricos e, nesse sentido, sempre estiveram atrelados às tecnologias disponíveis e às concepções de língua, de cultura e de cognição.

A noção de referência pode ser entendida, basicamente, de duas maneiras. Para ilustrá-las, usaremos a metáfora conceitual de Reddy (1979). A primeira situação é exemplificada pela Metáfora do Tubo que explicita a questão do sentido como algo preexistente, passível de ser transportado de um locutor a outro. Ao ouvinte, caberia a tarefa de receber o sentido

pronto e extraí-lo das palavras. É como se entre falante e ouvinte houvesse um tubo e palavras e sentidos fossem transportadas de uma a outro.

A segunda metáfora, denominada Metáfora dos Utensílios, é exemplificada a partir da seguinte situação: várias pessoas, a princípio incomunicáveis, isoladas em setores com especificidades: diferentes tipos de árvores, solo, plantas, etc. Em cada um desses setores, os moradores desenvolvem instrumentos rudimentares necessários à sua sobrevivência, mas só conseguem passar informações aos outros setores através de desenhos, rabiscados em folha de papel. Ao receber o desenho, cada um o adapta de acordo com as especificidades de seu ambiente, uma vez que não há palavras ou instruções que determinem como construir tal objeto. Reddy conclui, com essas duas alegorias, que enquanto a Metáfora do Tubo vê a comunicação como exigindo um gasto mínimo de energia, cuja fonte central é o produtor do enunciado, o Paradigma dos Fabricantes de Utensílios ilustra que o sentido não está pronto nas palavras, mas é co-construído pelos participantes de uma interação. Essa atividade de co-construção requer habilidades de reconstruir padrões de pensamentos com base nos sinais.

Para a primeira alegoria, o comportamento inteligente requer a capacidade de representar adequadamente o mundo. Nesse sentido, a língua funcionaria como um espelho do pensamento / instrumento de comunicação pronto à disposição dos falantes e sua função seria estabelecer uma relação biunívoca entre a linguagem e o mundo. Tal aceção está em consonância com uma perspectiva cognitivista clássica⁵ (gerativista) onde palavras servem como instrumentos que possibilitam representar a natureza intrínseca do ambiente.

Atrelada a esta visão de linguagem como representação do mundo, os estudos linguísticos sobre o tema referência desconsideraram a influência de fatores externos, portanto, sociais, no funcionamento da língua.

À medida que os pilares do Cognitismo foram questionados, os estudos sobre o ato de referenciar passaram a considerar que os fatores externos, sociais e culturais são relevantes nesse processo.

A visão de língua como atividade sócio-interativa está muito próxima da Metáfora do Fabricante de Utensílios. As descrições usadas são relativas, uma vez que servem aos propósitos de quem as faz, e estão relacionadas às crenças que o indivíduo possui. Este, ao usar a linguagem não está tentando representar ou copiar o que existe, mas interagir, de forma coordenada, com seus co-específicos (RORTY, 1991). Cultura, experiência, situação

⁵ O cognitismo clássico tem sua gênese na primeira metade do século XX e surge como uma alternativa aos cânones *behavioristas*. A Linguística Cognitiva desponta no bojo das Ciências Cognitivas, a partir dos estudos de Chomsky.

comunicativa, crenças⁶ são alguns dos fatores que influenciam na forma de dizer o mundo. No processo de referenciação consideram-se o aspecto dinâmico da língua e a negociação entre falantes para a construção do sentido, pois este não está dado. As categorias – linguísticas e cognitivas – são, em sua essência, instáveis em sua constituição, mas passam por processos coletivos de estabilização (MONDADA, 2001).

Adotamos, nesta investigação, o termo referenciação como proposto por Mondada e Dubois (1995). Citando Rastier, afirmam as autoras que a referenciação não diz respeito a uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado.

Para entender a referenciação, o mais importante não é perguntar como as informações são transmitidas ou se os estados do mundo são representados adequadamente. É preciso uma visão dinâmica que considere o ser humano como sujeito sócio-cognitivo que constrói o mundo à medida que desenvolve as práticas sociais (MONDADA, 2001). A questão da referenciação não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação entre sujeitos sociais no seio da qual versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas, às tecnologias presentes e às ações em curso dos enunciadores. No processo de interação, os participantes escolhem intencionalmente os elementos lingüísticos para introduzir ou recuperar um objeto de discurso. Os referentes escolhidos são objetos de discurso, compreendidos como:

*[...] entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com os objetos de mundo ou com sua representação cognitiva, mas as entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes ao fio de sua enunciação. (MONDADA, 2001, p.67)*⁷

A escolha desses objetos de discurso, selecionados tendo em vista um projeto de dizer, exige um trabalho cognitivo complexo, em que o sujeito constrói uma imagem desse objeto, a partir da percepção que possui sobre as condições em que o discurso se desenvolve. Um falante, ao dizer, por exemplo, *Marcos Valério foi espancado na prisão*, emprega a

⁶ As crenças dos indivíduos são tradicionalmente concebidas como conjuntos seja de *proposições* mentais discretas, verdadeiras/falsas a respeito do mundo, seja de *representações* interiores discretas, corretas/incorretas a seu respeito. As crenças podem ser reconceituadas, no entanto, como *configurações de tendências perceptivas/comportamentais associadas* com diversos graus de *força*, continuamente formadas, transformadas e reconfiguradas por nossas contínuas interações com nossos ambientes. Isto é, em vez de serem sobre, ou imagens de, um mundo *externo* localizadas *dentro* da mente, cérebro ou físico do organismo, e motivando dessa forma suas ações, o que chamamos de crenças poderia ser visto como as tendências a perceber e agir no mundo de certas formas, tendências essas completamente ligadas ao mundo – e continuamente mudando, crescendo, enfraquecendo, recombinação – e apresentadas pelo organismo como um *todo*. (SMITH, 2002, p.101-102, grifos do autor)

⁷ As traduções são de minha inteira responsabilidade e as citações, no original, se encontram no Anexo II.

expressão referencial *Marcos Valério* para identificar um objeto de discurso. É importante ressaltar que essas categorias não preexistem ao discurso, pois nenhum falante usaria a expressão nominal *Marcos Valério* sem que antes houvesse uma menção prévia ao referente que ela nomeia. Essas categorias emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva e aliam referenciação a processos interacionais. Assim é que, por exemplo, ao referir *Marcos Valério* como o *empresário*, o falante poderia ser contestado por outro enunciador, que por se situar em outro contexto comunicativo, ter outras crenças, outras experiências, leituras e informações sobre o referente, poderia nomeá-lo *pai do mensalão*.

Em síntese, a referenciação se realiza no discurso. É uma atividade cognitiva, social e culturalmente situada. Assim, ao adotarmos a noção de que os referentes são objetos de discurso, estamos descartando a noção de referência na perspectiva clássica, em que os referentes servem para etiquetar um mundo preexistente, bastando, para isso, estabelecer uma correspondência biunívoca entre referente e mundo extralinguístico.

O quadro a seguir procura sintetizar as duas posições mais discutidas sobre o tema referenciação:

Referente como objeto do mundo extralinguístico	Referente como objeto de discurso
Concepção objetivista, realista e representacional da linguagem;	Concepção sócio-cognitiva interacional da linguagem;
Língua como código ou espelho do mundo;	Língua como fenômeno natural, com uma base biológica, cognitiva e social;
Correspondência biunívoca entre o signo linguístico e um objeto do mundo extralinguístico, real ou imaginário.	Cultura, experiência, interação, crenças compartilhadas, situação comunicativa são alguns dos elementos que interferem na forma de referenciar.

QUADRO 1: Posições mais discutidas sobre o tema referenciação

No processamento discursivo, os objetos de discurso são apresentados e ao serem retomados de diferentes formas, permitem a construção de cadeias tópicas ou referenciais. A informação conhecida funciona como âncora para as novas informações, como exemplificado a seguir:

Os bugios não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para *estes símios* e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões. *Os bugios*, aliás, parecem a todo instante, comprovar as teorias de Charles Darwin. Nada mais parecido com um lutador de luta livre do que um *destes macacos* batendo no peito e roncando para amedrontar o adversário. (CAFIERO, 2002).

A expressão *os bugios* traz uma informação nova. Se o leitor/ouvinte não souber o que são bugios, precisa avançar na leitura até encontrar uma informação conhecida para se apoiar. Na implementação desta cadeia referencial, a expressão nominal *estes símios* retoma o referente *os bugios*. O demonstrativo *estes* sinaliza que a atenção do ouvinte deve se voltar para o objeto de discurso *bugios*, mencionado anteriormente. Se o ouvinte ainda não possuir informações para relacionar *bugios* a *símios*, a expressão *destes macacos* será então âncora para a interpretação da informação nova. Novamente, o pronome *destes* sinaliza que a atenção do ouvinte deve se voltar para os referentes *bugios* e *símios* presentes no discurso.

Para que um texto tenha progressão é preciso que esses objetos de discurso possam ser mantidos e recuperados na memória discursiva e algumas estratégias linguísticas são empregadas. Entre as estratégias de progressão referencial que permitem a construção de cadeias referenciais podemos citar: a) uso de pronomes ou elipses: trata-se da *pronominalização* (anafórica ou catafórica) de elementos contextuais; b) uso de expressões nominais⁸ definidas; c) uso de expressões nominais indefinidas.

Podemos observar algumas dessas estratégias no exemplo a seguir, retirado do Jornal Hoje em Dia (15/03/2009, p.02, Política):

No mundo fantástico do empresário Marcos Valério Fernandes de Souza também há espaço para a vida real. Apontado como pivô do esquema de compra de votos para o Governo Lula no Congresso (mensalão), que pode ter movimentado a cifra de R\$ 300 milhões, o empresário agora mantém pressão quase desesperadora sobre o PT. Valério tenta receber três parcelas de R\$ 40 mil relativas a um dos empréstimos que a agência de publicidade SMPB teria feito ao banco BMG. Afinal, tem contas a pagar. [...] (OLIVEIRA, 2009).

No texto, o referente *Marco Valério* é retomado pela expressão nominal definida em *o empresário* e por uma elipse ou anáfora zero em *afinal, tem contas a pagar*. O uso da expressão nominal para retomar o referente indica que uma, entre as várias propriedades deste referente, está sendo destacada.

A continuidade referencial pode ainda ocorrer através do uso de anáforas indiretas, estratégia que se caracteriza pelo “fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa), que se pode denominar *âncora*” (KOCH, 2002, p.107). Nesse caso, os referentes são ativados através da mobilização

⁸ Segundo Koch (2002), as expressões nominais são formas linguísticas constituídas de, no mínimo, um determinante (artigo ou demonstrativo) seguido de um nome (substantivo). As formas nominais podem ser encontradas através de descrições definidas, nominalizações, anáforas indiretas e também pelo uso de expressões nominais indefinidas com função anafórica. Para a autora, as expressões nominais são multifuncionais e exercem papel importante na construção textual.

de conhecimentos prévios armazenados na memória dos falantes. É o que acontece no exemplo: *A corrupção está sendo fortemente combatida no Brasil. O empresário Marcos Valério está até preso.* O termo genérico corrupção permite a ativação de conhecimentos prévios que possibilitam associar Marcos Valério ao escândalo do mensalão e inferir que o mesmo está preso por corrupção.

É importante destacar que essas estratégias de referenciação desempenham, segundo Koch (1998), diferentes funções: cognitivas, coesivas, de organização textual e de orientação argumentativa.

- a) Cognitivas: no exemplo acima, além de possibilitar a reativação, na memória do interlocutor, de elementos já apresentados no texto, as expressões referenciais que retomam o referente *Marcos Valério* podem conduzir a uma reinterpretação ou refocalização do mesmo;
- b) Coesivas: as expressões *Marcos Valério, Valério, pivô do esquema de compra de votos, o empresário*, etc. estabelecem a coesão textual ao funcionarem como mecanismos de retomada. Essa é uma das estratégias para conferir unidade ao texto.
- c) Organização textual: à medida que operam no nível da organização tópica, essas expressões referenciais servem como organizadores textuais, sinalizando ou destacando para o leitor aspectos relevantes.
- d) Orientação argumentativa: as expressões referenciais servem também para sinalizar pontos de vista do enunciador que as escolheu. Ainda no exemplo acima, as expressões referenciais *pivô do esquema de compra de votos para o Governo Lula* e *o empresário* indicam uma avaliação e um ponto de vista sobre o objeto de discurso totalmente diferente de um outro enunciador que empregasse *chefe do mensalão*.

São de grande importância para os estudos linguísticos as contribuições de Koch (2002, 2004, 2005), Marcuschi (1999) Koch e Marcuschi (1998), Mondada e Dubois (1995) sobre a questão da referenciação. Entretanto, embora definam a referenciação como “atividade cognitivo-interacional, realizada por sujeitos sociais”, acredito ser necessário investigar o fenômeno tendo como instrumento uma teoria que trate dos processos cognitivos que subjazem à utilização da linguagem, aliados aos aspectos pragmáticos, discursivos e interacionais. Entendemos que, no cerne das funções cognitivas apresentadas por Koch (2002), há ainda um aspecto que merece um olhar mais específico: trata-se da atenção como processo cognitivo. A atenção se inclui entre as capacidades cognitivas humanas e a cognição não é, de forma alguma, uma cognição individual. Fatores sociais, históricos e culturais

influenciam na construção do conhecimento, na interação e no gerenciamento discursivo. Esse gerenciamento discursivo - construção sócio-coletiva – é essencial para a manutenção da interação e, nesse sentido, a função cognitiva parece funcionar como uma macrofunção que englobaria as demais funções das estratégias de referenciação: a coesão, a organização textual e a orientação argumentativa. Para nós, ao produzir um texto – oral ou escrito – estabelecer a coesão adequada, sinalizar a organização textual e a orientação argumentativa são estratégias que indicam, primordialmente, a necessidade de os interactantes manterem uma cena de atenção conjunta. Essa cena de atenção conjunta revela uma intersubjetividade compartilhada, ainda que virtualmente construída. Por exemplo, textos que apresentam problemas coesivos trazem empecilhos ao leitor, pois dificultam a manutenção da atenção no mesmo foco.

No processo de referenciação, há, ainda, uma estratégia discursiva em que o falante não retoma, necessariamente, um termo específico da cadeia referencial. O processo de referenciação é interrompido momentaneamente e o falante volta sua atenção para elementos do próprio discurso. A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre esta estratégia: a referenciação metalinguística.

2.3 Metalinguagem e referenciação metalinguística

Ao buscarmos em um dicionário da língua portuguesa o significado do verbete metalinguagem uma das definições encontradas é a transcrita a seguir, extraída do dicionário Aurélio:

Metalinguagem [De met(a)- + linguagem] S.f. 1 Semiol. A linguagem utilizada para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação: todo discurso acerca de uma língua, como as definições dos dicionários, as regras gramaticais, etc. Ex.: chover é um verbo defectivo. (FERREIRA, 2000).

Presente nas línguas naturais, a metalinguagem pode ser compreendida como uma propriedade discursiva, potencialmente presente em toda e qualquer manifestação textual. Sua propriedade básica diz respeito à autorreflexividade, ou seja, trata-se de um fenômeno de autoreferenciação da língua. Palavras e expressões são empregadas para se referirem à própria atividade discursiva.

A literatura, por excelência, a emprega tanto em romances como em textos poéticos. Machado de Assis faz da metalinguagem uma das características marcantes de sua obra. O *Bruxo do Cosme Velho* diversas vezes interpela o leitor e o convida a refletir sobre alguns

aspectos da própria obra. Na poesia, diversos poetas refletiram sobre o fazer poético. *Catar Feijão*, de João Cabral de Melo Neto, exemplifica essa propriedade da linguagem.

Catar feijão
Catar feijão se limita com escrever:
Joga-se os grãos na água do alguidar
E as palavras na folha de papel;
E depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
Água congelada, por chumbo ser verbo
Pois para catar esse feijão, soprar nele,
E jogar fora o leve e oco, palha e eco.
 [...] (MELO NETO, 1975).

A propriedade metalinguística não é exclusividade da literatura. A música, o cinema e a crítica também se valem dessa propriedade. No cinema, podemos citar o filme *Sonhos*, de Kurosawa (1990), mais precisamente, no episódio *Os corvos*, onde se retrata o pintor Van Gogh dialogando com um rapaz que visita uma exposição do mestre. Outro campo que se vale da metalinguagem são as artes plásticas. Tal recurso pode ser encontrado na obra clássica *As meninas*, do pintor Diogo Velásquez, que conjuga, de forma primorosa, a pintura e o processo artístico do pintar, em um jogo de olhares que transformam o observador no foco de atenção.



Figura 1: As meninas de Diogo Velásquez
Fonte: LA FAMÍLIA..., 2007

O tema autorreflexividade faz parte da agenda de diversos pesquisadores. Roman Jakobson (1969), em seu estudo sobre as funções da linguagem, faz referência à função metalinguística para designar os casos em que a mensagem centra-se no próprio código. A palavra código, aqui, não deve ser entendida apenas como sistema, isolado de seu contexto discursivo, uma vez que, para Jakobson, os enunciados metalinguísticos decorrem da necessidade de os participantes da comunicação verificarem a eficácia da mensagem.

Nesta mesma linha de pensamento e explicitando a relação entre sistema e fatores pragmáticos, Borillo (1985) afirma que:

A metalinguagem é na verdade um discurso centrado no código, mas código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema, quanto à sua ativação em situação de comunicação, isto é, movido por um locutor, que se dirige a um destinatário – real ou virtual – em circunstâncias particulares. (BORILLO, 1985, p. 49).

É possível perceber, na definição de Borillo, que o conceito de metalinguagem trata o fenômeno da autorreflexividade da língua de forma mais abrangente: além de tratar o aspecto da língua enquanto sistematização estruturada nos planos gramatical, semântico-cognitivo, considera ainda o plano discursivo, a partir de uma visão pragmática da linguagem. Pensar a metalinguagem, nessa perspectiva, é enfatizar a autorreflexividade em situação concreta de comunicação: participantes que efetivamente interagem por meio da língua e que se valem dessa propriedade a fim de melhor gerenciarem o discurso.

Esse conceito de metalinguagem apresentado por Borillo aproxima-se da noção de metadiscursividade, no sentido de que não secciona o que é dito com o ato de dizer. Também os estudos de Jubran (1998, 2005) sobre a autorreflexividade na língua falada consideram o enunciado e o processo de enunciação a partir de uma ótica textual-interativa aproximando esses dois conceitos. Na interação face a face, o discurso oral é dependente das condições de produção e ancorado no contexto imediato de produção, favorecendo o aparecimento de traços enunciativos mesclados ao enunciado proferido. As unidades metalinguísticas/metadiscursivas são, geralmente, construções “parentéticas, ou seja, não se integram sintaticamente a nenhum enunciado do segmento textual no qual se inserem e são proferidas com uma demarcação prosódica que as distingue dos enunciados circundantes, condutores do tópico discursivo focal na interação” (JUBRAN, 2005, p.226). Isso pode ser percebido no exemplo (AUTHIER-REVUZ, 1998): *Ah, não, trocar bebês o dia inteiro, eu acho isso uma merda... no sentido próprio aliás, enfim, próprio [risos] se se pode dizer.* Nesse exemplo, a expressão *no sentido próprio aliás, enfim, próprio [risos] se se pode dizer* não está

relacionada à expressão *trocar bebês o dia inteiro*, mas sim especifica como deve ser interpretado o sentido da palavra *merda*.

Outra característica relevante de grande parte das unidades metalinguísticas é que elas funcionam como Incisos – unidades de informação funcionais à articulação do enunciado. Como todas as unidades de informação contempladas na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), os incisos são identificados a partir de três critérios: funcional, distributivo e entonativo. As unidades informacionais de incisos servem para que os falantes comentem de maneira direta o conteúdo de seu enunciado. Elas explicitam a avaliação modal do falante no enunciado em fase de produção, não participam de maneira direta da composição do texto, constituindo uma interpretação ou uma instrução linguística voltada ao interlocutor (critério funcional). Podem aparecer em qualquer posição no interior do enunciado (critério distributivo). Na língua oral, são marcados por um abaixamento do tom de voz e de uma variação da velocidade de elocução. Tal variação, geralmente, caracteriza-se pelo aumento de velocidade (critério entonativo).

A inserção metalinguística pode se referir à totalidade do enunciado ou a uma unidade de informação anterior ou posterior ou, ainda, a uma determinada palavra desse enunciado.

Borillo considera três tipos de intervenções metalinguísticas, a saber: (i) as que fazem referência ao discurso, explicando aspectos do código empregado na construção do texto; (ii) as que se referem ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, como inteligibilidade, inclusão do interlocutor no seu dizer, etc. (iii) as que fazem referência à construção do discurso, a fim de explicitar seu desenvolvimento, suas estratégias e sua organização argumentativa. Cresti⁹ (2008) considera tais enunciados como unidades informacionais de incisos e apresenta uma categorização mais ampla, a partir das funções que exercem: (i) avaliação modal; (ii) adição de informação; (iii) comentários simultâneos ao enunciado sobre a atividade linguística dos falantes; (iv) instrução para o ouvinte sobre a atividade dialógica e (v) glosa.

Na esteira dos estudos de Borillo, Jubran (1999) analisa as funções textual-interativas dos parênteses¹⁰ e propõe uma tipologia de funções, instituindo classes dispostas que vão desde uma proximidade maior dos parênteses à construção tópica do segmento contextualizador da inserção parentética, até uma maior aproximação dos parênteses à

⁹ Curso na UFMG. Seminário de Tópico Variável em Linguística e Cognição: Seminário Avançado sobre a Teoria da Língua em Ato – aplicações a um corpus do português brasileiro. Período 05 a 14 /08/2008. Anotações pessoais.

¹⁰ Jubran, em suas pesquisas, usa o termo parênteses referindo-se às estruturas linguísticas que exercem a função de incisos.

situação enunciativa em si mesma. Jubran propõe quatro classes, a saber: (i) elaboração tópica do texto, (ii) parênteses com foco no locutor, (iii) parênteses com foco no interlocutor e, finalmente, (iv) parênteses que focalizam o ato comunicativo em si. No grupo dos parênteses relacionados à elaboração tópica do texto, Jubran analisa aqueles que realizam uma função metalinguística, uma vez que focalizam, reflexivamente, a própria linguagem e também os relacionados com a construção textual, denominando-os de metadiscursivos.

Como podemos perceber pelas categorizações apresentadas, os estudos sobre as inserções metalinguísticas estão circunscritos à língua enquanto código, à presença dos enunciadores e também ao processamento do texto como ato comunicativo. Tais categorizações são relevantes, pois permitirão que estabeleçamos categorias para contemplar a análise do fenômeno nas interações mediadas pelo computador.

Em relação às características morfossintáticas e lexicais que compõem as unidades metalinguísticas encontramos na literatura os estudos de Francis (2003), abordando os rótulos. O autor investiga o papel desses rótulos¹¹ na coesão lexical e isola, neste grupo, os rótulos metalinguísticos – “grupos nominais que falam sobre uma extensão do discurso como um ato linguístico [...]” e esclarece que eles são “rótulos para estágios de um argumento, desenvolvido dentro e através do próprio discurso, à medida que o escritor apresenta e avalia suas próprias proposições e as de outra fonte.” (FRANCIS, 2003, p.191).

Francis agrupa os rótulos metalinguísticos da seguinte forma:

- a) nomes ilocucionários: nominalizações de processos verbais, geralmente atos de comunicação. São exemplos: acusação, aviso, alegação, anúncio, resposta, apelo, argumento, asserção, comentário, conclusão, crítica, proposição, predição, resposta, etc.
- b) nomes de atividades languageiras: nomes que se referem a alguns tipos de atividades languageiras ou aos resultados disto. Exemplos: consideração, ambiguidade, critério, debate, defesa, descrição, disputa, conversa fiada, linguagem, referência, discussão, sumário, conto, conversa, etc.
- c) nomes de processo mental: nomes que se referem a estados e processos cognitivos e a seus resultados, tais como: análise, suposição, atitude, crença, conceito, hipótese, idéia, interpretação, conhecimento, opinião, pensamento, etc.

¹¹ Francis esclarece que a principal característica do que será chamado de rótulo é que ele exige realização lexical, ou lexicalização, em seu cotexto. Os rótulos podem funcionar tanto cataforicamente, quanto anaforicamente.

- d) nomes de textos: nomes que se referem à estrutura textual formal do discurso, rotulando extensões do discurso precedente, tais como: frase, pergunta, excerto, página, parágrafo, citação, seção, termo, etc.

Embora bastante elucidativo, os estudos de Francis restringem-se ao subconjunto de grupos nominais metalinguísticos e destacam as funções coesivas desses nomes na construção textual.

Tucci (2003), embasada nos estudos de Cresti, apresenta duas tipologias morfossintáticas e lexicais dos incisos: os incisos adverbiais, como em: *Eu lhes devo fazer todas as perguntas/ obviamente*. Esses, segundo Tucci, desenvolvem funções acessórias dentro do enunciado em que são encaixados e, em sua maioria, são “constituídos por advérbios que precisam, limitam reforçam a locução primária”. Ao lado deles, a autora apresenta os incisos verbais. Nestes, a presença do verbo determina a produção de cláusulas parentéticas dependentes ou independentes. Também permitem uma explicitação do juízo pessoal do falante sobre o próprio enunciado, como evidencia o exemplo: *a conta fiscal vocês usam/ não sei que tipo de atributo tem/ em via contínua*.

Nosso objetivo é explicitar essa modalidade de referenciação onde o próprio fazer discursivo se configura como objeto de discurso - a referenciação metalinguística ou metadiscursiva¹² - a partir do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva. O uso de estratégias linguísticas indiciadoras da metalinguagem parece se configurar indispensável no processamento discursivo em interações assíncronas mediadas pelo computador. Impelido a submeter o texto na página de discussões de uma maneira mais ágil, o conceitualizador se utiliza da referenciação metalinguística para gerir o processamento discursivo, assegurando a interação.

Conforme mostramos anteriormente, os estudos sobre a referenciação apontam as funções coesivas, cognitivas, textual-interativas das expressões referenciais. No que diz respeito à referenciação metalinguística, os estudos vigentes mostram-se restritivos, pois se voltam, ora para a função coesiva, como é o caso dos estudos de Francis (2003), ora para a função textual-interativa, conforme investigações de Jubran (1999; 2005). Novamente argumentamos que a função cognitiva das expressões referenciais não recebe um tratamento adequado. Um outro fator relevante é que diversas pesquisas que abordam a referenciação o

¹² Nesta investigação não se estabelece uma dicotomia entre metalinguagem e metadiscursividade, uma vez que se considera uma noção de língua que conjuga o que é dito com o ato de dizer.

fazem ou em textos orais ou em textos impressos e não em textos produzidos nas interações mediadas pelo computador.

2.4 Considerações finais

Neste capítulo, abordamos a referenciação numa perspectiva sócio-cognitivista interacional. Tal visão coaduna-se à visão sócio-cognitiva interacional de língua/linguagem. Assim, os referentes são objetos de discurso, construídos e reconstruídos por sujeitos que são social e culturalmente situados e que atuam colaborativamente no processo discursivo.

Partindo desse embasamento, apresentamos a referenciação metalinguística como uma modalidade de referenciação em cujo processamento o discurso se dobra sobre si mesmo, num movimento de autorreflexividade. Destacamos, ainda, que a noção de metalinguagem, se entendida referindo-se à língua apenas como sistema linguístico, deixa de lado os fatores necessariamente envolvidos no processamento discursivo (a presença de interlocutores, por exemplo), tornando-se uma visão restrita. Assim, as noções de metalinguagem e metadiscursividade se aproximam, no sentido de não seccionarmos o que é dito com o ato de dizer. Argumentamos ainda sobre a necessidade de que as investigações sobre os processos de referenciação se dediquem a investigar a função cognitiva das expressões referenciais, considerando que o suporte computador favorece o uso de novas estratégias de textualização. Nesse sentido, destacamos a necessidade de se investigar a referenciação metalinguística.

O capítulo a seguir apresentará o quadro teórico que embasa esta investigação.

3 INTERSECÇÕES: LINGUAGEM, COGNIÇÃO, CULTURA E GRAMÁTICA COGNITIVA

3.1 Introdução

“Non si studia tutta la botanica facendo fiori artificiali”
(Sinclair, 1991)

O objetivo deste capítulo é apresentar aspectos do quadro de referência que embasam esta investigação. Discutiremos as noções de língua, de linguagem e de cognição que orientam esta investigação a partir dos estudos de Tomasello (2003) e Sinha (2005), a fim de situá-los como fenômenos interdependentes, a partir de uma visão sócio-cognitivista interacional. Depois apresentaremos o referencial teórico da Gramática Cognitiva e os estudos de Emanuela Cresti (2000; 2009), elegendo alguns conceitos que contribuem para delinear o quadro teórico.

3.2 Linguagem, cognição e cultura: do Cognitívismo Clássico ao Sócio-cognitivismo interacional

Para compreender melhor a inter-relação entre linguagem, cultura¹³ e cognição, torna-se imprescindível voltar nossa atenção para um tempo/espaço remoto - há mais ou menos seis milhões de anos - por onde passaram os ancestrais do *Homo sapiens*. A linguagem faz parte da história evolutiva da espécie humana e seu surgimento trouxe em seu bojo uma verdadeira revolução cognitiva, biológica e cultural. O desenvolvimento do tamanho do cérebro e a conquista da postura ereta, liberando a mão para o uso do utensílio e para a construção de ferramentas; a posição do rosto, facilitando o ângulo de visão e, conseqüentemente, a interação; o uso de símbolos para a comunicação com os co-específicos e a criação de novas organizações sociais exemplificam parte dessas mudanças.

Claro que tais conceitos sofreram alterações ao longo da história humana, uma vez que novas descobertas sempre trazem novos olhares para os fenômenos investigados pelos estudos científicos. Com isso, a maneira como se compreende cognição e cultura influencia os estudos

¹³ Foley (1977) define a cultura como o domínio de práticas culturais, transmitidas de geração a geração, através do qual os organismos humanos – em um dado sistema social - comunicam entre si. O autor ressalta que saber e agir são práticas humanas, vividas em um ambiente social contínuo e, portanto, entre cognição e ação há uma interdependência.

sobre a linguagem em maior ou menor grau. Examinaremos a seguir algumas dessas concepções e seus pressupostos fundamentais.

3.2.1 Cognição: processamento computacional

Uma das formas de se explicar a cognição advém da hipótese de que a inteligência, incluindo a humana, assemelha-se à computação em suas características essenciais¹⁴. Conhecer, portanto, é processar informações sob a forma de computação simbólica, a partir da capacidade de se representar adequadamente o mundo. Na base desta noção de cognição, estão subjacentes os seguintes dogmas adotados pelas Ciências Cognitivas: (i) o mundo é predeterminado; (ii) a cognição é sobre este mundo; (iii) o modo pelo qual se conhece esse mundo é através de representação (VARELA et al, 2003, p.58).

Dizer que a cognição pode ser definida como computação implica estabelecer uma relação intrínseca entre símbolos e semântica, de modo que, analogicamente ao que ocorre no computador, no pensamento a sintaxe do código simbólico espelha ou codifica sua própria semântica. Embora tal modelo tenha servido para explicitar a cognição e orientado diversas pesquisas na área da cognição humana, a metáfora computacional não é compartilhada por pesquisadores que entendem que os computadores, por operarem apenas com a forma física dos símbolos, oferecem um modelo mecânico de pensamento (VARELA et al, 2003).

Arelada a esta visão do que seja cognição, a noção de linguagem pode ser compreendida como representação de um mundo externo. Embasados por estes conceitos, os estudos linguísticos desconsideraram a influência de fatores externos e sociais no funcionamento da língua. Até meados de 1970, a Linguística preocupou-se primordialmente com os estudos circunscritos à sentença, à estrutura frasal. Saussure, ao distinguir *langue* e *parole* como faces distintas da mesma moeda – a linguagem –, abre espaço para os estudos linguísticos modernos. Embora já se vislumbrem avanços, o estruturalismo saussuriano, preocupado com a descrição sincrônica das unidades da língua e regras de combinação dessas

¹⁴ Tal hipótese encontra respaldo nas das premissas defendidas pelo Cognitivismo Clássico, apresentadas por Gardner (1996):

- a) a crença de que para se entender o pensamento humano é necessário falar de representação mental através de símbolos, regras, imagens e proceder a análises desvinculadas do biológico ou neurológico, do sociológico ou cultural;
- b) a crença de que o computador eletrônico se apresenta como protótipo ideal do cérebro humano;
- c) a exclusão de fatores emocionais, históricos, culturais e contextuais da análise de fatores cognitivos;
- d) os estudos interdisciplinares como uma forma de obter resultados mais eficazes;
- e) a asserção de que as raízes dessa nova ciência estão centradas em questões que inquietam os epistemologistas da tradição filosófica atual.

unidades, ainda favorece a visão de língua como estrutura desvinculada de suas condições de uso. Os estudos linguísticos, baseados no modelo gerativo, ao pesquisarem a linguagem a partir de estruturas inatas e individuais e procurarem determinar universais linguísticos dados *a priori* não circunscrevem seu objeto de estudo no âmbito das condições reais de uso da língua, por entenderem que fatores externos não interferem na elucidação dos fenômenos da linguagem. Explicitando: ao investigar como o conhecimento da língua é adquirido, o programa gerativista¹⁵ estabelece uma dicotomia entre língua I¹⁶ e língua E¹⁷. Chomsky (1999) considera que a língua E é um objeto artificial, extensional e externo e delimita seu objeto de investigação na língua I. Consequentemente, fatores situacionais, biológicos, psicológicos e sócio-histórico-culturais são relegados a um plano inferior em nome de uma busca por universais linguísticos geneticamente determinados.

Aos poucos os pilares do cognitivismo foram questionados, uma vez que questões fundamentais sobre a linguagem e a cognição não receberam tratamento satisfatório. Estudos sobre a percepção visual e experiências com sistemas autônomos¹⁸, entre outros, demonstram que o significado de uma interação para um sistema vivo não pode ser especificada através da separação radical entre fenômenos internos (mentais) e fenômenos externos (culturais), mas pela soma da organização e da história desse ser vivo em suas interações com o meio. Com isso, a noção do que é conhecer assume outra perspectiva.

3.2.2 Cognição: ação corporificada e atenção conjunta

Nas duas últimas décadas do século XX, a partir da descoberta de que as conexões cognitivas desempenham papel relevante na organização do pensamento, pesquisadores passam a defender que na base da estrutura da linguagem há uma organização conceptual que emerge da experiência humana no mundo. Ronald Langacker (1987), dissidente do gerativismo clássico, propõe que a linguagem seja entendida como forma de ação no mundo e a língua considerada como um fenômeno natural, com uma base biológica, cognitiva e sócio-

¹⁵ Para maiores esclarecimentos ver CHOMSKY (1999).

¹⁶ Língua interna, intensional e individual; definida como um estado da mente/cérebro e se relaciona à capacidade mental-cognitivo-biológica do ser humano.

¹⁷ Língua externa é entendida como comportamento linguístico real ou potencial; é um fenômeno externo à pessoa e que não considera as propriedades inatas da mente.

¹⁸ Em *Intelligence without representation*, Brooks (1991) relata experiência realizada no MIT, cujo objetivo era construir sistemas inteligentes que co-existissem no mundo com humanos. Para isso, são construídos robôs móveis, autônomos, que operam sem supervisão, em áreas e laboratórios do MIT, desenvolvendo atividades que requerem as condições prévias necessárias para inteligência de alto nível no estilo atribuído aos humanos.

cultural. Em vez de constituir um módulo autônomo e autossuficiente, a linguagem é considerada como uma faceta integrante da cognição e se baseia em capacidades cognitivas mais elementares - como memória, percepção, categorização, organização conceitual – aliadas à experiência cultural, social e individual. A metáfora da mente computacional presente no Cognitivismo Clássico é rejeitada. Dialogando com essa noção de linguagem, é preciso compreender que a cognição humana é uma forma particular de conhecimento e difere da cognição de outras espécies, uma vez que processos históricos, ontogenéticos e filogenéticos são interdependentes e próprios da espécie *Homo sapiens* (TOMASELLO, 2003). Embora chimpanzés e homens possuam em comum cerca de 99% do material genético, a espécie humana desenvolveu habilidades cognitivas que lhe permitiram inventar e conservar desde os mais simples instrumentos até os mais complexos meios de comunicação. Nossos ancestrais vêm aprimorando descobertas e criações: da roda ao automóvel, do 14 bis a naves espaciais, da pólvora à bomba atômica, da máquina de Turing ao supercomputador, evidenciado que, nas sociedades humanas, as tradições culturais acumulam modificações.

O ser humano “está de pé sobre ombros de gigantes”, afirma Tomasello, baseando-se em Isaac Newton, e o efeito catraca¹⁹ faz com que cada geração não recomece do zero. Essas modificações acontecem num processo dialético ao longo do tempo, de modo que um estágio do conhecimento sobre determinado objeto funciona como plataforma para o estágio subsequente. Típico da espécie humana, esse modelo de aprendizagem cultural é condizente com um aparato cognitivo que permite que apenas os seres humanos compreendam seus co-específicos como agentes institucionais e intencionais iguais a ele mesmo. Essa compreensão cognitiva surge inicialmente por volta dos nove meses, quando a criança começa a demonstrar um conjunto de comportamentos que envolvem “uma coordenação de suas interações com objetos e pessoas, resultando num triângulo referencial composto de criança, adulto e objeto ou evento” (TOMASELLO, 2003, p.85). A emergência desse triângulo referencial é marca importante no processo de aquisição da linguagem, pois evidencia o uso do símbolo como mediador na construção da referência compartilhada. A criança, intencionalmente, dirige seu olhar para o cuidador e deste para o objeto de seu próprio interesse, a fim de que juntos focalizem a mesma cena. Esse conjunto de comportamentos coordenados revela uma

¹⁹ Para Tomasello (2003, p.51-54), a metáfora da catraca permite dar conta do processo de transmissão cultural cumulativa, evidenciando que, no transcurso do tempo, as modificações necessárias são mantidas em dado artefato e servem como base até que surjam inovações que possam substituir as anteriores, sem ser necessário recomeçar sempre. Tal transmissão é essencial para manter a nova variante dentro do grupo, além de preservar a história do objeto. Vejamos o exemplo do martelo, citado por Tomasello, que já passou por várias evoluções, indo de simples pedra até os modelos que conhecemos atualmente.

intersubjetividade compartilhada e recebe o nome de *atenção conjunta*, representada por Sinha (2005) através da figura a seguir, baseada nos estudos de Bühler.

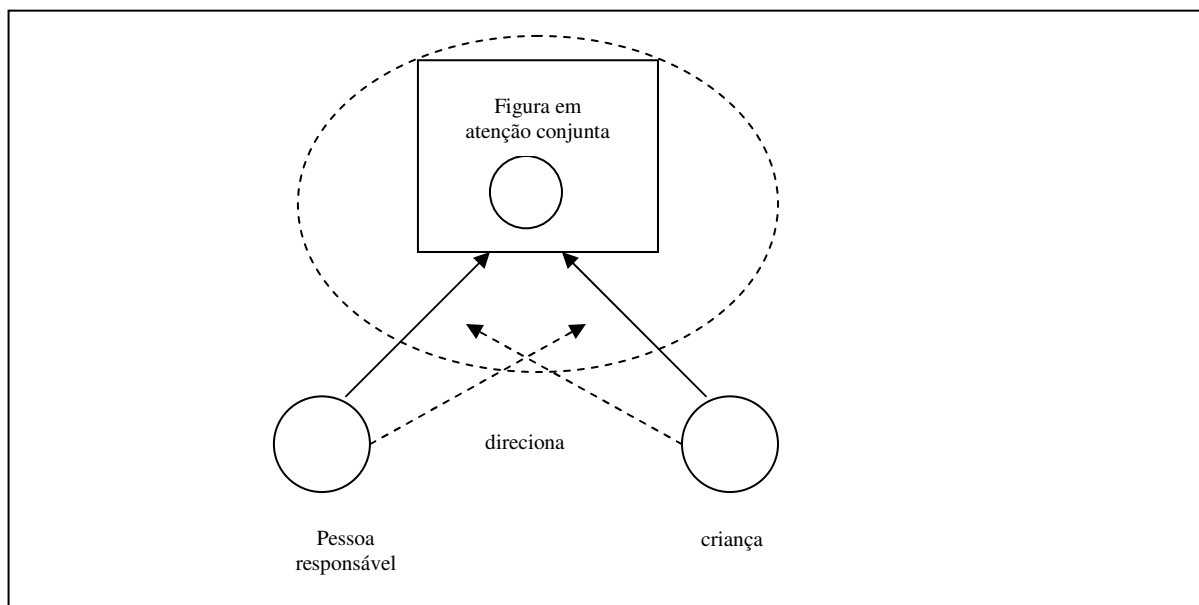


Figura 2: O triângulo referencial
Fonte: SINHA, 2005, p. 323

A figura anterior mostra a construção do triângulo referencial pela criança e seu cuidador. As setas pontilhadas indicam a troca de olhares entre ambos e a focalização em uma mesma cena de atenção conjunta é representada pelas setas cheias.

É essencial compreender a atenção como um tipo de percepção intencional, uma vez que os seres humanos escolhem intencionalmente prestar atenção a certas coisas e não a outras, dependendo dos objetivos que pretendem alcançar. Também é preciso compreender que os processos culturais que possibilitaram a adaptação biológica do homem não criaram novas habilidades cognitivas do nada. Pelo contrário, habilidades cognitivas individuais existentes foram transformadas em habilidades cognitivas culturais com dimensão sócio-coletiva (TOMASELLO, 2003, p.09) devido ao envolvimento dialógico com outras mentes. Esse envolvimento dialógico manifesta-se também na linguagem e é considerado por Bakhtin como condição constitutiva da linguagem humana. Bakhtin (1992) ressalta que a interação é fator essencial e norteador de toda atividade humana e também da discursiva. A palavra não existe fora do contexto social.

Princípio basilar da concepção bakhtiniana, o dialogismo constitui uma propriedade imanente e definidora de linguagem e está presente em toda e qualquer forma de comunicação, inclusive na interação mediada pelo computador. “Mesmo com a possibilidade

de mascaramento da identidade, um pacto de aceitação da urgência da conversação é estabelecido entre os interactantes e a co-presença do outro é percebida”. (SOUZA, 2002). O suporte computador é um dos artefatos culturais e tecnológicos que atualmente funciona como possibilidade facilitadora dessa interação.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1992, p.123).

Partir dos pressupostos de que a linguagem é uma faceta integrante da cognição humana e de que a língua é um fenômeno natural - com uma base biológica, cognitiva e social – implica considerar que em seu funcionamento há uma série de fatores relevantes que devem ser considerados no processo de interação.

Nos eventos de interação, falante/escritor e ouvinte/leitor – como seres intencionais²⁰ que são – possuem objetivos e expectativas a alcançar. Possuem também conhecimentos prévios²¹ – de mundo, linguísticos, textuais e discursivos - e crenças culturalmente construídos e compartilhados pela comunidade em que estão inseridos. Tais conhecimentos constituem o *background* que possibilita que falantes e ouvintes, além de produzirem enunciados, possam também compreendê-los em uma dada situação discursiva. Além dos conhecimentos prévios, fatores como os objetivos que os interlocutores possuem, as imagens que constroem e as condições de produção determinam, em grande parte, o processo de significação e de escolhas lexicais.

Retomamos a figura (2), apresentada anteriormente, e a apresentamos acrescida de alguns elementos envolvidos em um processo de interação em que os participantes, dentro de um universo intersubjetivamente compartilhado no discurso, constroem colaborativamente uma situação referencial, sempre mediada pela simbolização linguística (SINHA, 2005):

²⁰ Sinha (2005) esclarece que o termo intencionalidade pode ser compreendido em três acepções: (i) com propósito ou direcionamento de objetivo; (ii) orientação para outros seres “com mentes”; (iii) direcionamento para o mundo ou referência. Para o autor, estes três aspetos da intencionalidade estão interligados no uso dos símbolos para a construção da referência conjunta.

²¹ Não estabelecemos uma dicotomia entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, pois “se a linguagem serve para categorizar o mundo, então o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento de mundo” (SILVA, 2003, p 1-18)

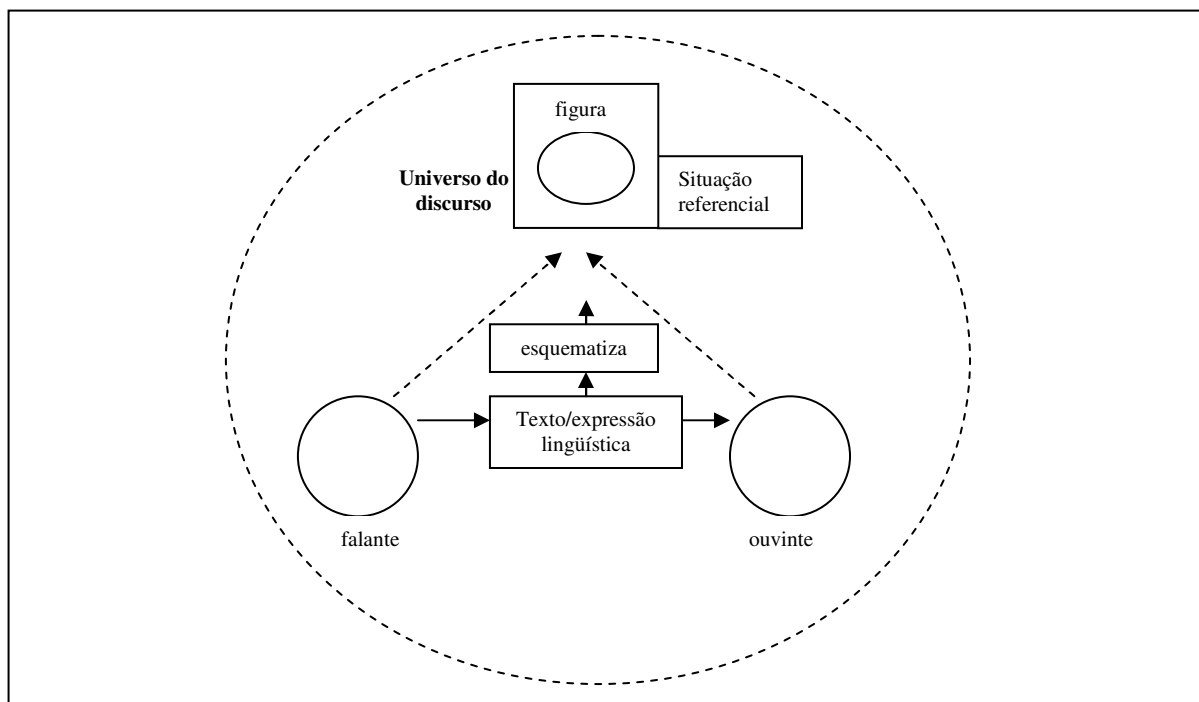


Figura 3: O processo de interação verbal
Fonte: SINHA, 2005, p.325

Assim como a criança e seu cuidador, para interagirem, devem compartilhar um foco de atenção comum, no processamento discursivo falante e ouvinte – participantes – também precisam construir colaborativamente uma mesma cena de atenção conjunta. Na figura (3), a linha pontilhada representa não só a elaboração de uma cena de atenção, mas também a construção mútua de uma situação referencial pelo falante e pelo ouvinte dentro de um universo intersubjetivamente compartilhado do discurso (SINHA, 2005).

Nesse processo de interação, falante e ouvinte mobilizam seus conhecimentos prévios, focalizam a atenção na mesma entidade conceitualizada e, juntos, negociam significados a partir de seus entendimentos totais e contextualmente delimitados. O texto, oral ou escrito, materializa esses conhecimentos e permite perceber as intenções comunicativas dos participantes, além de intermediar essa interação.

Em síntese, entender a linguagem como uma forma de ação no mundo e parte integrante da cognição coloca em evidência o fato de que em toda atividade linguística está subjacente a necessidade de interagir com o outro e essa interação requer a construção e manutenção de uma cena de atenção conjunta. Isso revela a intencionalidade e evidencia a intersubjetividade compartilhada, próprias da espécie humana. Como os seres humanos vivem em grupos, linguagem e cognição são processos dinâmicos, sociais, corporificados. A noção de cultura como o domínio de práticas culturais que possibilitam novas aprendizagens coletivas é um conceito que se entrelaça às acepções de linguagem e de cognição. Numa

perspectiva sócio-cognitivista interacional, as experiências corpóreas e a concepção de mente incorporada²²/corporificada são relevantes para entendermos a cognição como um fenômeno situado e social.

Aprofundando um pouco mais na discussão sobre a interface linguagem, cognição e cultura, na próxima seção, analisaremos alguns pressupostos básicos da Linguística Cognitiva.

3.3 Discurso e Gramática Cognitiva: alguns pressupostos norteadores

Um dos pontos motivadores de críticas à Linguística Cognitiva e também à Gramática Cognitiva é o fato de, muitas vezes, as análises propostas estarem centradas em enunciados fora de contextos de uso. Langacker (2004) se propõe estabelecer esse diálogo, argumentando que o aparato teórico da Gramática Cognitiva permite tal incursão.

A Linguística Cognitiva, de base langackeriana, defende que a cognição é fundada na percepção e na experiência corpórea. Langacker (2000; 2004) estabelece um paralelo entre percepção e conceitualização que pode ser representado pela figura (4):

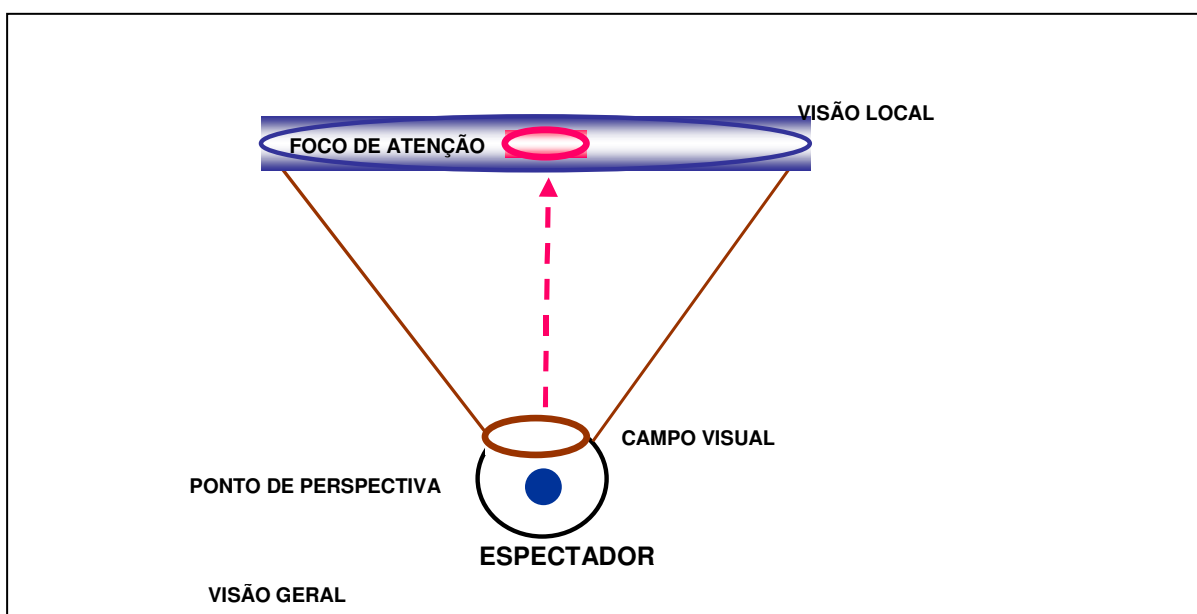


Figura 4: Analogia entre visão e cognição
Fonte: LANGACKER, 2000, p.205

²² Segundo Varela et al (2003) entender a cognição como *ação incorporada* requer considerar dois pontos básicos: “(i) a cognição depende dos tipos de experiências decorrentes de se ter um corpo com várias capacidades sensório-motoras e, (ii) essas capacidades sensório-motoras individuais estão, elas mesmas, embutidas em um contexto biológico, psicológico e cultural mais abrangente.”

Assim como ocorre na percepção visual, na conceitualização há o observador/conceitualizador, sujeito da percepção/conceitualização, que olha em uma direção particular, determinando assim o campo máximo de visão/conteúdo pleno de uma conceitualização dada (escopo máximo). Prosseguindo na analogia, tanto na percepção como na conceitualização, observadores/conceitualizadores concentram a atenção em determinados pontos em detrimento de outros e o lugar geral da atenção é definido como o escopo imediato.

Para Langacker, mecanismos cognitivos gerais como *especificidade*, *perspectivação*, *focalização* e *proeminência* podem ser aplicados na explicitação de fenômenos linguísticos e, analogicamente, ao processamento discursivo, uma vez que, para a Gramática Cognitiva, a linguagem não difere de outros mecanismos cognitivos²³.

No processamento discursivo, uma expressão linguística pode ser caracterizada em diferentes níveis de especificidade, partindo de esquemas mais genéricos (esquematicidade) a patamares altamente específicos. A sequência: *coisa->criatura->animal->cão->poodle* evidencia que “coisa” é mais esquemático que “criatura” e assim sucessivamente. O termo especificidade refere-se, portanto, ao nível de precisão e detalhe com o qual uma situação é caracterizada.

É necessário que os conceitualizadores tenham uma apreensão global e organizada do cenário discursivo onde a interação se desenvolve. Base da cognição humana, a perspectivação pode ser descrita como processo cognitivo constitutivo da linguagem e está ligada ao escopo de uma visão particular de um ponto.

Prosseguindo na analogia entre visão e processamento discursivo, ambos apresentam numerosos tipos de assimetrias que podem ser explicitadas em termos de perfilamento e de alinhamento proeminência focal primária/proeminência focal secundária. No processo de interação e da construção do sentido, falante e ouvinte – conceitualizadores – focalizam a atenção em uma determinada entidade/ cena. Para que a interação seja bem sucedida é necessário que ambos coordenem essa ação e focalizem a atenção na mesma entidade conceitualizada – perfil²⁴.

No processamento discursivo, quando uma relação é perfilada, são conferidos variados graus de proeminência às expressões. Vejamos como isso ocorre a partir da análise do enunciado *Ontem, as crianças viram muitos brinquedos no parque*. O verbo coloca em perfil

²³ Langacker ressalta que a Gramática Cognitiva não assume que todos os sentidos/significados sejam baseados na percepção visual, mas sim que a metáfora visual sugere um modo de classificar as várias facetas da construção.

²⁴ Perfil (*profile*): refere-se ao foco específico de atenção. O perfil de uma expressão é a entidade por ele designada, sua referência com a base conceptual provida pelo escopo máximo e pelo escopo imediato.

uma relação de ver entre um sujeito e um objeto. O termo *as crianças* se configura como a proeminência focal primária e a expressão *muitos brinquedos* como a proeminência focal secundária dessa relação que ocorreu em um contexto temporal e espacial codificado pelas expressões *ontem* e *no parque*.

Finalmente, na construção do sentido de um enunciado outra noção relevante é a de escopo. O escopo máximo de uma expressão é a extensão total do conteúdo que ela evoca. Há, ainda, uma subparte – o escopo imediato - que compreende o conteúdo de relevância direta para um determinado propósito em um nível específico de organização e pode ser entendido como o lugar geral de atenção. Na sequência *corpo->cabeça->rosto->olho->pupila* a concepção do corpo funciona como o escopo máximo. Além disso, o referente de cada termo funciona como o escopo imediato para o termo posterior: na concepção de *corpo*, a de *rosto* é relevante e sustenta a caracterização de *olho*.

A proposta de Langacker (2004b) de estabelecer uma interface entre discurso e cognição baseia-se no pressuposto de que para a Gramática Cognitiva “todas as unidades linguísticas/simbólicas são abstraídas dos eventos de uso” (2004, p.01). Um evento de uso é uma ação coordenada entre falante e ouvinte e ocorre em um contexto imediato de fala, incluindo circunstâncias físicas, mentais, sociais e culturais. Engloba, portanto, enunciados reais em contexto real de discurso. Esses enunciados podem ser considerados padrões esquematizados de ação que emergem pelo reforço e progressivo entrincheiramento de uma característica comum que é recorrente em um número suficiente de eventos.

Assim, ao interagirem por meio da linguagem, falante e ouvinte praticam ações coordenadas. Cada expressão linguística engloba uma conceitualização abrangente, ou seja, a compreensão contextual de uma expressão, aliada a uma vocalização elaborada, incluindo todos os detalhes fonéticos. Tanto no pólo da conceitualização quanto no da vocalização, há canais que atuam de forma coordenada e complexa, como pode ser observado na figura (5), a seguir:

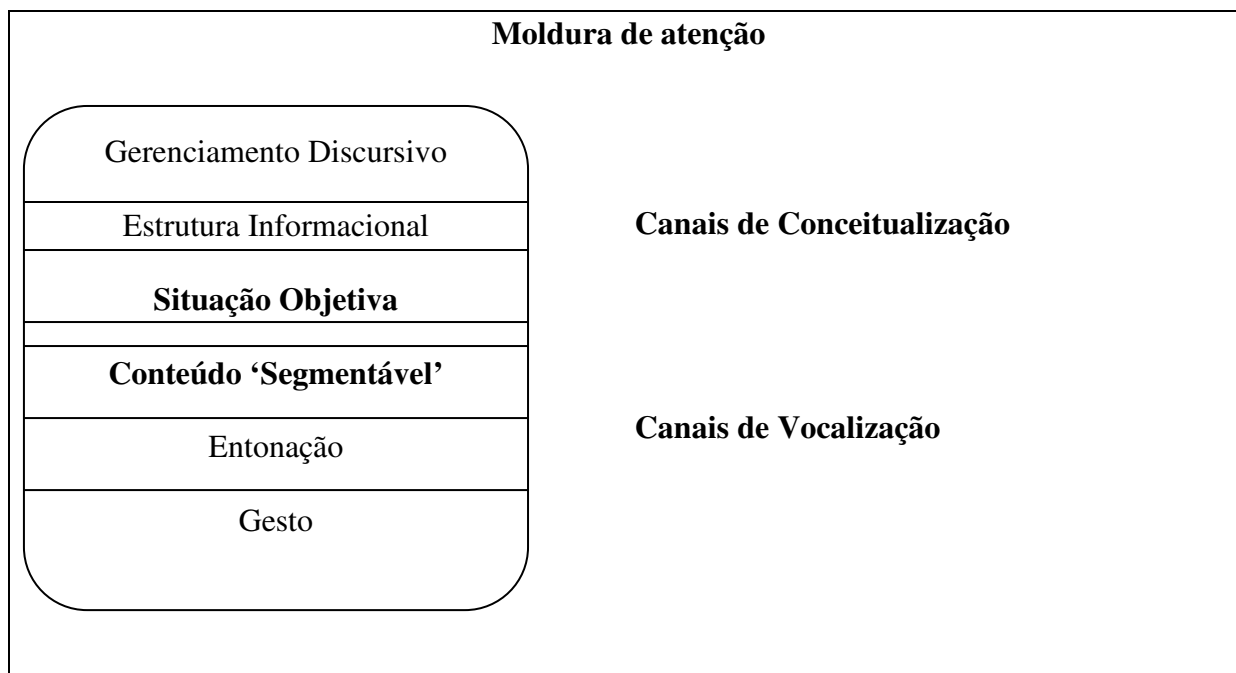


Figura 5: Moldura de atenção
Fonte: LANGACKER, 2004b, p.02

No pólo da conceitualização, o gerenciamento discursivo compreende a tomada, a manutenção e a cessão de turno. A estrutura informacional engloba o tópico discursivo, informações dadas em oposição a informações novas e aspectos como ênfase. Já a situação objetiva compreende a situação mais concreta, ou seja, o centro da atenção. A conceitualização inclui ainda a apreensão, por parte dos interlocutores, das circunstâncias interativas e do próprio discurso em que estão engajados, a apreensão da base e do Espaço Discursivo Corrente.

O pólo da vocalização compreende o conteúdo segmentável e está relacionado ao nível fonético da linguagem, perceptualmente marcado. Gestos e entonação estão incluídos nesse pólo. Em um evento de uso da linguagem, vocalização e conceitualização não são mutuamente excludentes.

3.3.1 Gramática Cognitiva e o processo de referenciação

Ao interagirem por meio da língua os falantes se valem de alguns padrões esquematizados para construir a referência. Esses padrões são rotinas cognitivas compartilhadas culturalmente, negociados nas interações e funcionam como protótipos. Tomemos, por exemplo, o vocábulo *cadeira*. Podemos imaginar que seja uma cadeira

universitária, uma cadeira giratória, ou ainda, dentre vários modelos, uma cadeira comum. No processo de categorização há um melhor exemplo numa dada situação. Falar em categorização não pressupõe algo fechado ou estanque, uma vez que um objeto de discurso é construído nas interações. As unidades linguísticas não são entidades dadas *a priori* em determinada língua, mas rotinas cognitivas multifacetadas que, uma vez convencionalizadas, podem ser ativadas e executadas, demandando menor esforço cognitivo.

Outro ponto importante para se entender o discurso a partir do arcabouço teórico da Gramática Cognitiva é o que diz respeito à construção dos sentidos. Langacker (2004a) ressalta que numa interação, um item lexical não pode ser concebido como um *container*, mas como algo que evoca certos domínios cognitivos de conhecimentos e experiências culturalmente compartilhados. Os significados:

- a) derivam da experiência humana corporificada;
- b) emergem dinamicamente no discurso e na interação social;
- c) em vez de fixos e predeterminados, eles são ativamente negociados pelos interlocutores com base no contexto físico, linguístico, social e cultural;
- d) não são localizados, mas distribuídos: envolvem aspectos inerentes da comunidade de fala, nas circunstâncias pragmáticas do evento de fala, e no mundo que o rodeia;
- e) são identificados com conceitualização .

A conceitualização é qualquer tipo de experiência mental, em cuja construção estão inseridos fatores sociais, emocionais, linguísticos, contextuais e experiências sensório-motoras, conforme se depreende do trecho a seguir:

Conceitualização é definida amplamente para abranger qualquer faceta da experiência mental. Compreende-se como envolvendo (i) concepções novas e concepções estabelecidas; (ii) não somente noções “intelectuais”, mas também experiências sensoriais, motoras, e emotivas; (iii) apreensão do contexto físico, linguístico, social e cultural; (iv) e concepções que se desenvolvem e se desdobram com o passar do tempo (de preferência manifestadas simultaneamente). (LANGACKER, 2004a, p.02).

Contemplar a conceitualização no estudo sobre o discurso não exclui e nem relega a segundo plano os fatores interacionais, sociais e culturais, pois “as mentes individuais não são entidades autônomas, mas corporizadas-encarnadas e altamente interativas em seu meio; e é através desta interação e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem, se estruturam” (SILVA, 2004, p. 1-18).

Para explicitar o processamento discursivo, Langacker propõe o Espaço Discursivo Corrente como modelo, definindo-o como um “espaço mental que compreende elementos e relações de conhecimento construídas e compartilhadas pelo falante e ouvinte como uma base para a comunicação em um dado momento no fluxo discursivo” (LANGACKER, 2004, p. 01). Para o autor, o termo espaço mental é uma construção teórica, um espaço dinâmico e que somente possui sentido na interação.

Neste modelo, base e Espaço Discursivo Corrente estão entre os domínios cognitivos capazes de serem invocados como a base conceitual para os significados dos elementos linguísticos. Em um evento de uso, falante e ouvinte – conceitualizadores - atuam de forma coordenada com conceitualização e vocalização e focalizam a atenção na mesma entidade conceitualizada, conforme mostra a figura (6), a seguir:

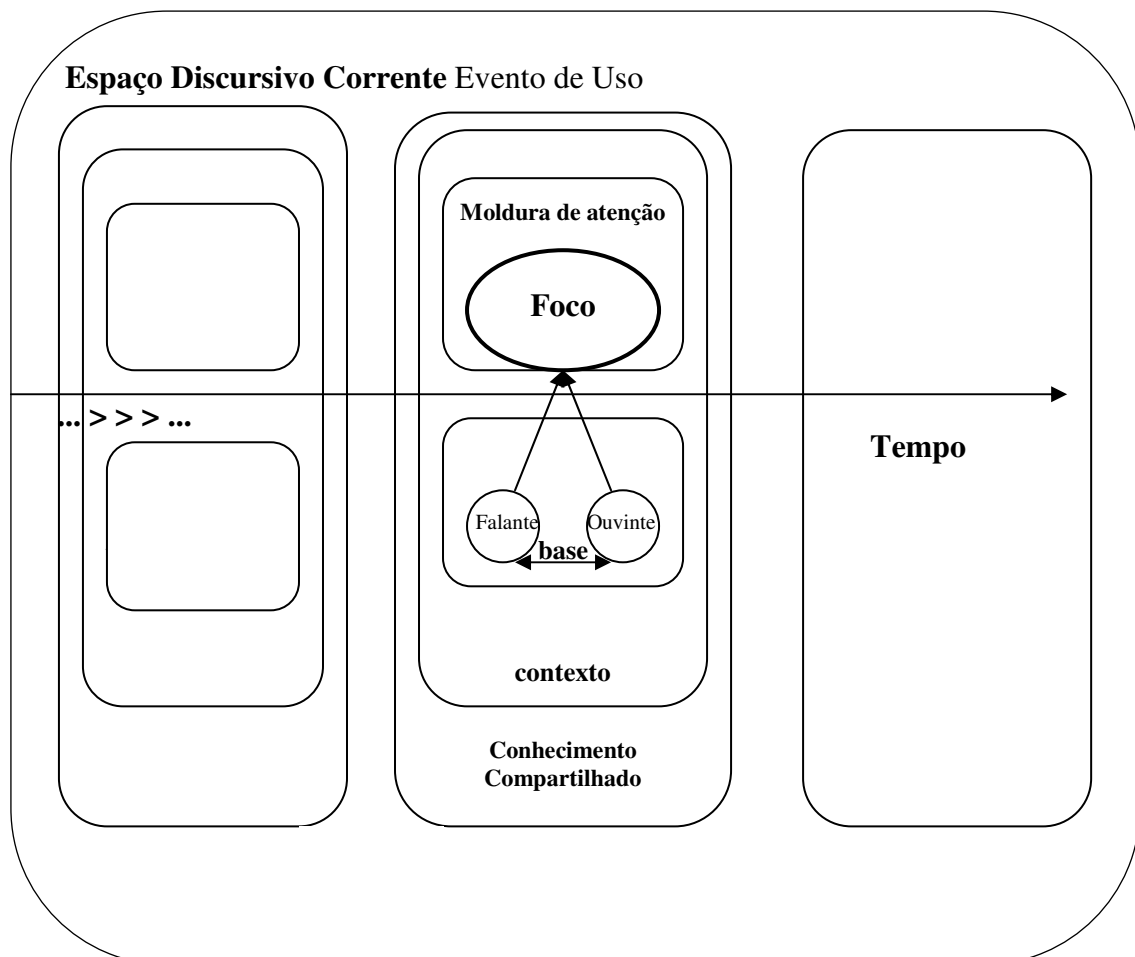


Figura 6: Espaço Discursivo Corrente
Fonte: LANGACKER, 2004b, p.02

O modelo acima permite visualizar os elementos envolvidos no processo de interação. Numa relação dialógico-interacional, falante e ouvinte, situados em um determinado tempo e

espaço, além de coordenarem a atenção na mesma entidade conceitualizada, também gerenciam a fala por meio de tomada, manutenção e cessão de turno. As unidades linguísticas produzidas por ambos servem como estruturas para implementar e ampliar este espaço discursivo e cada porção discursiva funciona como uma moldura focal. O processo de significação dessas unidades é negociado e compartilhado considerando-se as múltiplas facetas das circunstâncias físicas, mentais, sociais e culturais em que esse discurso se desenvolve.

As estruturas linguísticas produzidas por falante e ouvinte podem ser entendidas como instruções que servem para modificar o Espaço Discursivo Corrente. O Espaço Discursivo Corrente é atualizado a cada nova moldura e a expressão linguística pode fazer referência a cenas anteriores ou então servir de base para o discurso subsequente. Nesse sentido, na atualização do Espaço Discursivo Corrente há pelo menos duas molduras discursivas: uma moldura anterior, que corresponde ao Espaço Discursivo Corrente de ‘input’, isto é, aquele a ser atualizado, e a moldura de foco, correspondente a que está sendo criada pelo processo de atualização.

O exemplo a seguir, extraído de Langacker, ilustra o processamento discursivo e a atualização do Espaço Discursivo Corrente²⁵.

*Eu estava sentado no parque ontem.
Um homem passou andando.
O homem viu um cão.
Ele o chutou
Ele ganiu.* (LANGACKER (2004b, p.24).

Langacker (2004b) esclarece que, no caso mais simples, que a atualização primordial do Espaço Discursivo Corrente ocorre em uma base oração-a-oração e ressalta que uma oração é a unidade típica escolhida para uma única janela de atenção simbolizada por um grupo de entonação. Ressalta que cada oração, no exemplo acima, fornece um bloco conceitual para fins de atualização desse espaço implementado²⁶.

Vejamos o processamento das orações acima, no Espaço Discursivo Corrente:

Eu estava sentado no parque ontem.

²⁵ O conteúdo desta análise é apresentado por Langacker (2004b).

²⁶ O exemplo analisado por Langacker (2004) permite considerar uma organização oração - a- oração para atualizar o Espaço Discursivo, uma vez que apresenta uma organização sintática Sujeito + predicado. Para Cresti (2000), a unidade básica do discurso é o enunciado, composto de unidades tonais. Além disso, esses enunciados são categorizados como diferentes unidades informacionais, dependendo da função, da forma como são entoados e da posição que ocupam na organização desse discurso. Os estudos de Cresti (2000) serão apresentados na próxima seção.

Essa expressão inicial arruma o cenário ao especificar o tempo e o local - em relação à base - onde a estrutura conectada do discurso vai ser construída. Exerce também a função informacional de apresentação e o falante se autorreferência através do dêitico eu.

Um homem passou andando.

O fragmento *Um homem passou andando* tem a função informacional de introduzir um evento (*passar andando*) que traz um novo participante para a cena. Entretanto, toda a porção discursiva está focalizada, uma vez que o referente homem precisa ser introduzido no Espaço Discursivo Corrente, o que se dá através do uso do artigo indefinido. Nesse espaço, tal referente é focalizado como proeminência focal primária de uma instância de *passar andando*, situada no contexto espacial e temporal já estabelecido na moldura focal anterior.

O homem viu um cão.

A oração acima requer do Espaço Discursivo Corrente a que ela se aplica uma instância única da categoria *homem* – referente retomado acompanhado de um artigo definido. A oração se aplica ao Espaço Discursivo Corrente atualizando-o e perfilando um evento de *ver* envolvendo o homem, como proeminência focal primária, e um participante recentemente introduzido, um cão, como proeminência focal secundária. O evento anterior (um homem passar andando) não desaparece abruptamente do Espaço Discursivo Corrente, mas ele não mais está em foco, como perfilado na moldura focal da oração em processamento nesse momento, isso porque quando um evento é posto em foco em uma dada fase de processamento, os eventos que estavam focalizados anteriormente perdem saliência e podem, eventualmente, desaparecer totalmente, não mais ficando disponíveis no Espaço Discursivo Corrente.

O processo de construção do Espaço Discursivo Corrente continua com a oração *Ele o chutou*. Essa oração constitui uma instrução para introduzir e perfilar um evento de dinâmica de força envolvendo dois participantes. Uma vez que proeminência focal primária e proeminência focal secundária são ambos expressos por pronomes pessoais, seus referentes já devem estar acessíveis no Espaço Discursivo Corrente, e terem sido individualizados anteriormente pelo falante e pelo ouvinte.

Um novo evento é introduzido no espaço discursivo instaurado através da oração *Ele ganiu*. O pronome *ele* é suficiente para identificar a proeminência focal primária, uma vez que o Espaço Discursivo Corrente contém apenas um participante saliente não humano.

Langacker (2004b) ressalta que um discurso²⁷ normalmente compreende uma série de orações (cada uma evocando/perfilando uma relação) e que apenas em circunstâncias muito especiais, um discurso coerente consiste de uma série de expressões nominais. Ressalta que o exemplo analisado é um “discurso trivial e, obviamente, inventado” cujo objetivo é ilustrar o processo de implementação e atualização do Espaço Discursivo Corrente.

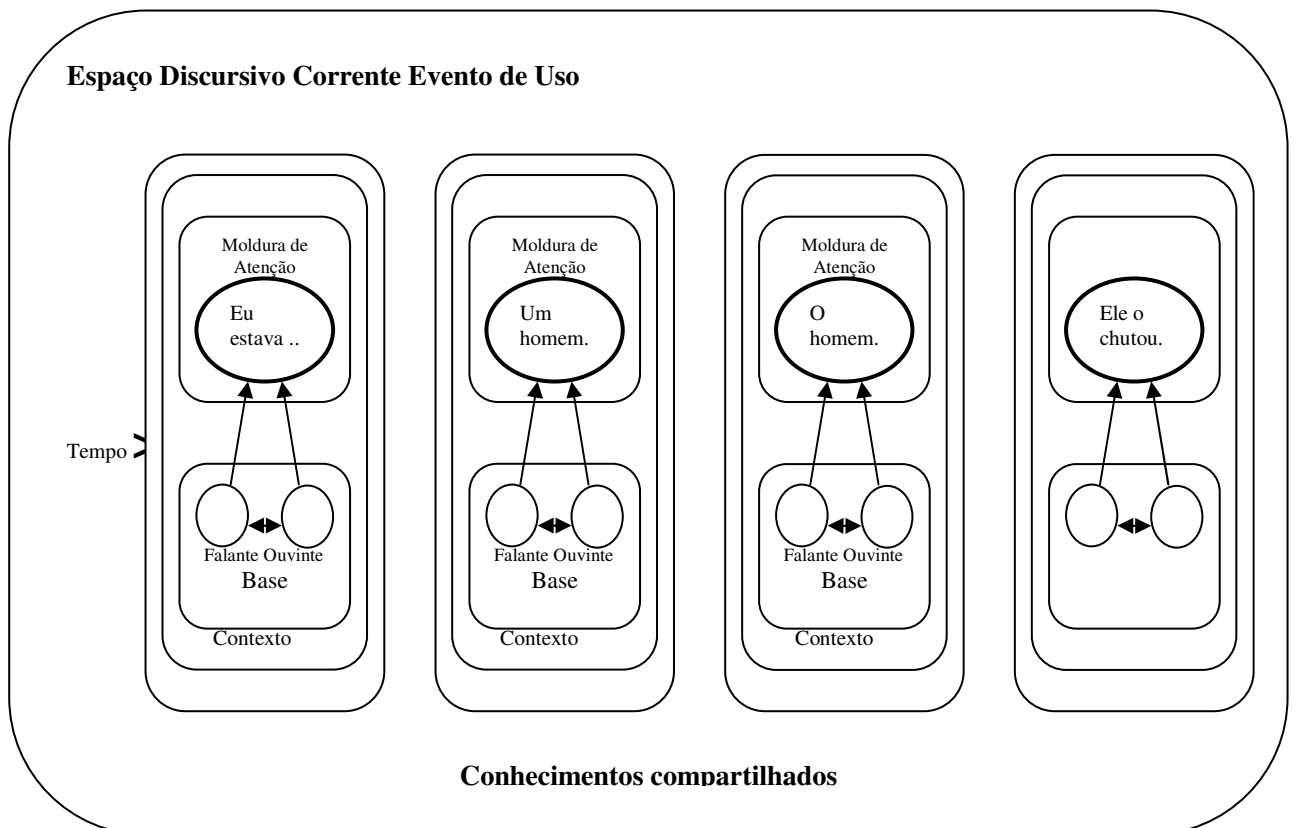


Figura 7: Representação imagética do Texto 01
Fonte: Adaptado de LANGACKER, 2004

A figura (7) mostra a implementação e atualização do Espaço Discursivo Corrente, a partir do exemplo langackeriano. Cada oração constitui um bloco conceitual que atualiza o Espaço Discursivo e funciona como uma moldura de atenção onde os participantes do discurso focalizam a atenção. Na ampliação desse Espaço Discursivo Corrente, as partes de uma expressão que apresentam conteúdo novo e saliente são tratadas como o foco e a informação conhecida funciona como âncora para o novo conteúdo adicionado. Artigos, demonstrativos e certos quantificadores, quando ativados, indiciam que falante e ouvinte

²⁷ Para o pesquisador, um discurso compreende uma sucessão de molduras, cada uma representando a cena ‘observada’ e influenciada pelo falante e pelo ouvinte em um dado instante.

dirigem a atenção para uma instância particular, além de sinalizarem o modo como esse gerenciamento de atenção ocorre.

3.4 Discurso e Gramática Cognitiva: diálogos possíveis?

Ao propor o quadro teórico da Linguística Cognitiva para analisar o discurso e a noção de Espaço Discursivo Corrente como modelo para esta análise, Langacker (2004) apresenta uma “carta de boas intenções” para o estudo da língua. Afinal, como dissidente e crítico de um paradigma cujas análises linguísticas - centradas em frases isoladas - buscavam compreender a estrutura profunda e a superficial de sentenças como *Paulo nos viu observar a garota*, o modelo proposto por ele parte de uma premissa básica: a importância de os estudos linguísticos tomarem por base os textos orais ou escritos, produzidos a partir de discursos efetivamente produzidos, conciliando discurso e cognição. Em sua “carta de intenções”, argumenta que todas as unidades linguísticas são abstraídas dos eventos reais de uso.

Entretanto, entre o que propõe e o que efetivamente faz com o modelo proposto é contraditório. Retomemos o exemplo analisado por Langacker (2004) e o comparemos a um trecho produzido em uma interação mediada pelo computador, a fim de entendermos esta contradição:

*Eu estava sentado no parque ontem.
Um homem passou andando.
O homem viu um cão.
Ele o chutou
Ele ganiu.*

... 6/1/2005 13:30
acho q uma das maiores diversoes da minha infancia era mexer c os doidos q tinha na cidade.. e como tinha doido, pqp! soh figura:
-> caxambu (figurassa!)
-> skisse tubisquis
-> 7 saias (mto foda)
-> mutchatcho (quem tinha coragem de mexer c ele?!)
-> cata-toco!
-> filho do coco (peter, experimenta chamar ele desse nome...)
... caramba qta figura!!!...

Se adotarmos o pressuposto de que em um discurso coerente a atualização do Espaço Discursivo é feita, principalmente, através de orações, compreendidas como enunciados estruturados em torno de verbos, o exemplo anterior poderia ser considerado incoerente? A coerência textual estaria, então, ligada a um determinado modelo de sintaxe?

Langacker, em sua obra, não explicita como considerar trechos que fogem ao padrão oracional. Trechos como *...e como tinha doido, pqp! soh figur, mto foda e ...caramba qta figura!!!* não poderiam ser inseridos no Espaço Discursivo Corrente. É justamente neste ponto que apontamos que os exemplos apresentados por Langacker, além de artificiais e simplistas, não refletem a dinâmica e complexa estrutura do discurso. Atualmente, é preciso considerar que o uso das tecnologias intermediando a interação possibilita o uso de gêneros digitais que se constituem na interface entre oralidade e escrita.

Por outro lado, numa perspectiva de análise que considera fatores sociais, cognitivos e linguajeiros, não podemos negar a relação entre linguagem, cognição e cultura. Há no referencial teórico da Linguística Cognitiva e nas considerações de Langacker pontos relevantes com os quais compartilhamos. Compreender a linguagem como uma forma de ação no mundo e considerá-la como parte integrante da cognição humana põe em evidência aspectos biológicos, sócio-culturais e cognitivos desse fenômeno que permitiu que seres humanos se desenvolvessem e se diferenciasssem de seus ancestrais primatas. A construção de cenas de atenção conjunta como base para a interação e o fato de que em uma interação os participantes praticam ações coordenadas relacionam-se ao estar na linguagem²⁸ e ser, ao mesmo tempo, um sujeito de linguagem.

Investigar as estratégias de referenciação metalinguística nas interações mediadas por computador requer uma abordagem dinâmica que considere fatores pragmáticos, cognitivos e interacionais e nesse sentido, a categoria oração, para categorizar as pequenas porções de discurso a serem inseridas no Espaço Discursivo Corrente, tal como proposta por Langacker (2004, b) é reducionista. Somente em textos fabricados com o objetivo específico de demonstrar o funcionamento de um modelo teórico podemos encontrar apenas estruturas canônicas do tipo Sujeito + Predicado e a organização oração a oração, como exemplificado no texto (1). Assim como no texto oral informal encontramos rupturas, unidades incompletas, digressões, elipses, devido à forte dependência contextual, nas interações mediadas por computador, também é possível encontrar marcas típicas da oralidade. Isso nos coloca frente a questões que envolvem fala e escrita como um *continuum* e indiciam a necessidade de propor uma análise que não contemple apenas orações como unidades a serem inseridas no Espaço Discursivo Corrente.

²⁸ Maturana é outro pesquisador que entende a linguagem como ação coordenada a linguagem como “fenômeno consiste no operar em coordenações consensuais de comportamento de coordenações consensuais de comportamento.” Para ele, os comportamentos consensuais são condutas que se efetivam na interação entre organismo e meio. Não estamos, nesta pesquisa, adotando a Biologia do Conhecer como referencial, mas apontando que a noção de ação coordenada é partilhada por outros pesquisadores.

Na próxima seção, apresentaremos os estudos de Cresti (2000) sobre a língua falada, a fim de delimitarmos uma categoria de análise condizente com a especificidade do corpus, constituído por textos mediados pelo computador.

3.5 A Teoria da Língua em Ato

A partir da análise de um corpus do italiano falado, Cresti (2000) propõe o enunciado como categoria base para a análise da oralidade – definindo-o como a contraparte linguística de um ato²⁹ e elegendo-o a unidade linguística de referência da língua falada. Todo falante percebe quando um enunciado termina, pois percebe que foi concluída uma intenção comunicativa.

Na língua falada, um enunciado é identificado a partir de duas características básicas: a entonação e a interpretabilidade pragmática.

Em relação à entonação, um mesmo conteúdo locutivo pode servir para ilocuções diversas se estiver entoado de maneira apropriada. Tomemos como exemplo o enunciado *A porta está aberta*. Proferido por um professor, em uma sala de aula, em que alguns alunos estão desinteressados, pode ser entendido como um pedido para que se retirem. Em outro contexto, por exemplo, quando alguém bate à porta e o dono diz *A porta está aberta*, este mesmo conteúdo locutivo será proferido e interpretado como um convite para que o visitante entre.

A outra característica relevante do enunciado é sua autonomia. O enunciado é autônomo no sentido de que possui interpretabilidade pragmática. A consequência dessa característica é que qualquer expressão como *não*, *hum hum*, *caramba!*, etc. pode se configurar como um enunciado, uma vez que pode ser interpretada pragmaticamente. Tomada isoladamente a expressão *uma rosa* não constitui enunciado. Proferida como resposta à pergunta *O que você quer ganhar?* o termo possui valor comunicativo, pois realiza uma ilocução, configurando-se, portanto, como um enunciado³⁰.

Na constituição de um enunciado podemos considerar, segundo Cresti, no mínimo três unidades informacionais: o tópico (TOP), o comentário (COM) e o apêndice (AP), cada

²⁹ Tal definição está embasada na Teoria dos Atos de Fala (Austin) e na hipótese de que é possível estabelecer uma equivalência entre unidade de domínio do agir humano (ato) e unidade linguística (enunciado). Desse modo, há uma relação de interdependência entre enunciado (unidade de linguagem) e ilocução (ato de fala) uma vez que cada enunciado proferido corresponde a uma intenção comunicativa.

³⁰ Cresti (2005) estabelece uma distinção entre enunciado e frase. Enquanto o enunciado é identificado pela entonação e pela interpretabilidade pragmática, a frase caracteriza-se pela completude semântica e sintática. Tal completude é fundada sobre uma predicação, em particular, constituída por uma forma verbal finita.

unidade identificada a partir de três critérios: funcional, distributivo e entonativo³¹. O tópico é a unidade de informação que desempenha a função de campo de aplicação da força ilocucionária. Os apêndices constituem a integração textual de uma unidade informativa de tópico ou de comentário e não possuem um foco entonativo. Por sua vez, “o comentário³² é a expressão que serve para cumprir uma ilocução, por isso é a unidade necessária para constituir um enunciado” (CRESTI, 2000, p. 81).

Além dessas unidades há, ainda, os Incisos (INX), os Introdutores Locutivos (INT) e os Auxílios Dialógicos (AUX).

Empregando o software WinPitch de Ph. Martin, Raso et al. (2007) analisam o enunciado *João me ligou ontem* e esclarecem que esse mesmo conteúdo locutivo proferido com diferentes perfis entonacionais veicula diferentes estruturas informacionais³³.

- 1) Como resposta à pergunta Recebeu alguma notícia dos amigos que estão na praia? O enunciado *João me ligou ontem*/³⁴. (FIG. 8) é executado em uma única unidade tonal, correspondente, portanto, a uma unidade informacional de comentário, necessária e suficiente para veicular a força ilocucionária. A figura 8 ilustra esse perfil entonacional.

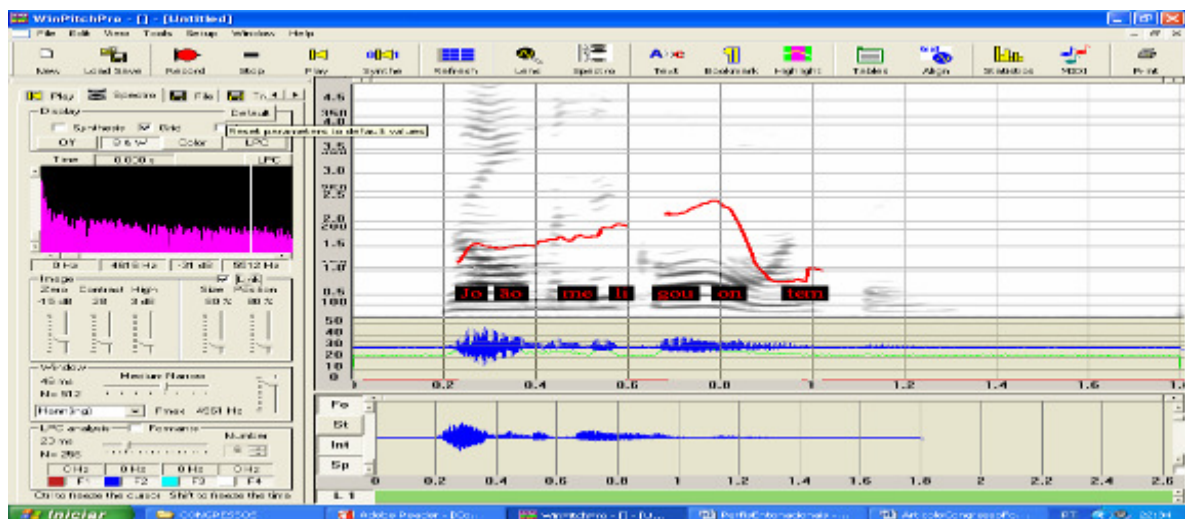


Figura 8: Perfil entonacional

³¹ O corpus desta investigação não permite que o critério entonativo seja empregado.

³² Cresti esclarece que comentário é diferente de (i) predicado, uma vez que comentário não é descrito em termos de relações estruturais (semântica e sintática) da locução.; (ii) rema ou propósito: pois não é explicado em termos de construção textual da locução ou de representação psicológica; (iii) modo, porque não é descrito em termos de expressão da modalidade da locução; (iv) novo, pois não refere-se a novidade semântica da locução; (v) foco, porque não é descrito em termos de relevância semântica ou de contraste contextual da locução. (CRESTI, 2000, p.81)

³³ Os exemplos e a s análises foram retirados, na íntegra, de Raso et al. (2007)

³⁴ A dupla barra (/) sinaliza o perfil terminal, ou seja, a fronteira de enunciado; a barra simples (/) sinaliza o perfil não terminal, ou seja, a fronteira de unidade tonal e informacional.

Fonte: RASO et al., 2007

- 2) Executado em duas unidades tonais, o enunciado *João / me ligou ontem//*. (FIG.9) apresentaria uma unidade de tópico e uma de comentário. Poderia ser executado como resposta à seguinte pergunta:

A: *Você tem notícias do João?*

B: *João / me ligou ontem*

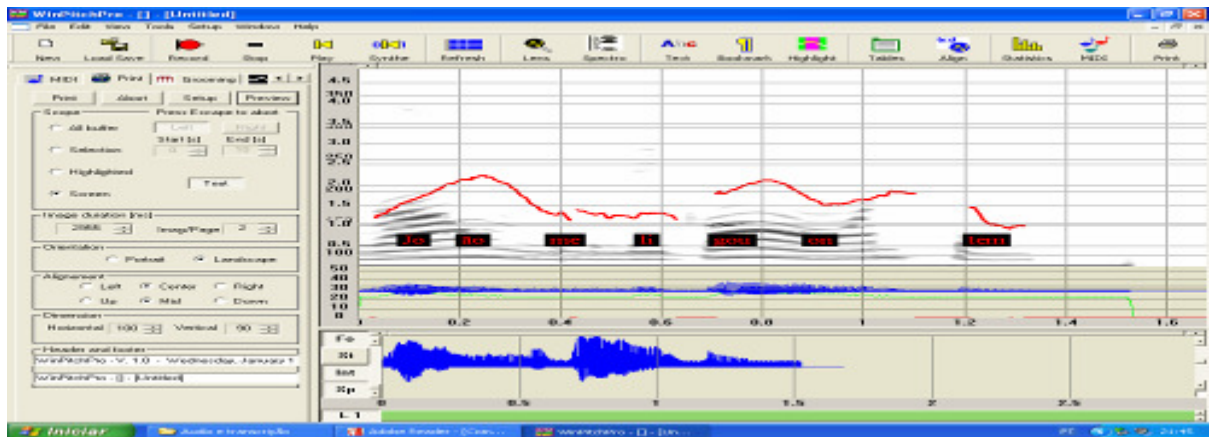


Figura 9: Perfil entonacional

Fonte: RASO et al. (2007)

- 3) No terceiro exemplo, o enunciado *JOÃO / me ligou ontem//* seria pronunciado destacando-se o termo João e os autores empregam maiúsculas para indicar a proeminência entonacional. Ressaltam que, neste caso, também, há duas unidades entonacionais (FIG. 10) e, portanto, duas unidades informacionais; a primeira unidade configura-se como uma unidade de comentário e a segunda, como uma unidade de apêndice. Um possível contexto, apresentado por Raso et al. (2007), em que essa execução seria apropriada é o seguinte:

A: *Quem te ligou ontem?*

B: *João / me ligou ontem*

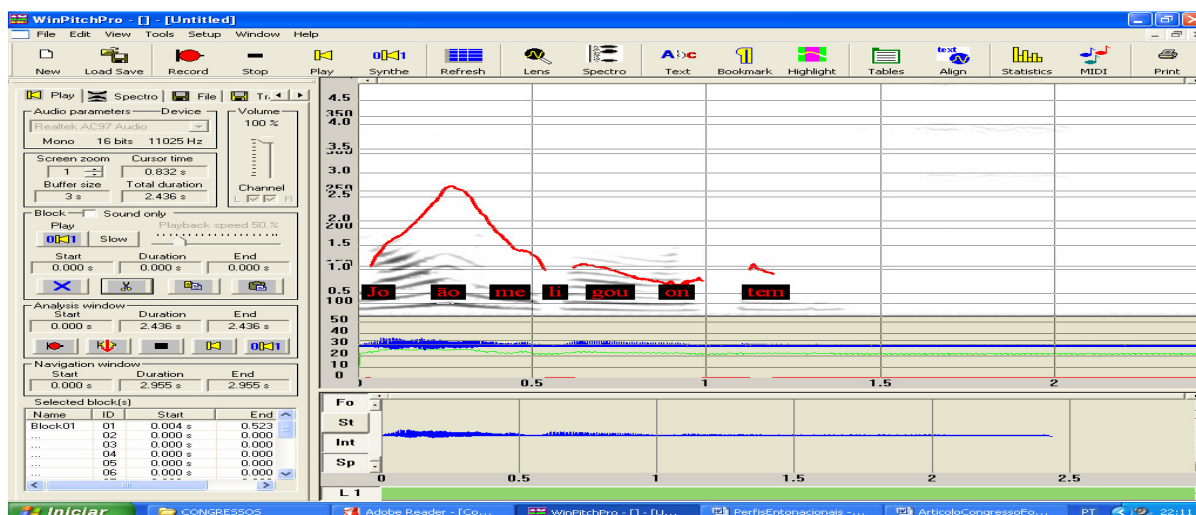


Figura 10: Perfil entonacional
Fonte: RASO et al. (2007)

Em síntese, embora apresentem o mesmo conteúdo locutivo, em cada caso *João me ligou ontem* realiza diferentes atos linguísticos. Em relação à estrutura entonacional também os três exemplos também diferem:

- *João me ligou ontem//* configura-se como um enunciado simples, possuindo apenas *comentário* (Figura 8),
- *João / me ligou ontem//*. Estrutura-se como um enunciado complexo possuindo *tópico-comentário* (Figura 9)
- *JOÃO / me ligou ontem//* exemplifica um enunciado complexo com estrutura *comentário-apêndice* (Figura 10).

3.6 Considerações finais

Antes de passarmos para o próximo capítulo, faz-se necessário ajustar a lupa, apresentar os pontos básicos que orientam esta pesquisa. Neste capítulo, apresentamos os estudos de Langacker (2000; 2004), de Sinha (2005), de Tomasello (2003) e de Cresti (2000; 2005; 2009), a fim de construirmos o quadro teórico que embasa esta investigação.

Partindo das seguintes premissas desenvolvidas ao longo do trabalho:

- A referenciação pode ser compreendida como uma atividade cognitivo-interacional praticada por sujeitos sociais em eventos de interação;

- A referenciação metalinguística pode ser compreendida como um fenômeno sócio-cognitivo, portanto, explicitada a partir dos processos cognitivos de perspectivação, focalização e gerenciamento de atenção;
- Linguagem, cultura e cognição entendidos como fenômenos interdependentes;
- Aspectos cognitivos como o gerenciamento de atenção, a focalização e a noção de perspectivação podem ser aplicados para a compreensão de fenômenos da linguagem.

A partir dessas considerações, o próximo capítulo tem por objetivo apresentar aspectos relevantes sobre a interação mediada por computador e apresentar um modelo para explicitar essa interação.

4 REDES E RELAÇÕES: ORALIDADE, ESCRITA E COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR

4.1 Introdução

Myyyyy boyfriend q eu amuuu demaizzzzzzzzz...so pa lembra q c e tdd pa mim tah? E agora agnt casaa viu amr?? Casa e tem 3 filhus.....hauha t amu d+....tao e sohhh...fuizzzzzzzzzz

Deparar com o texto acima pode suscitar uma série de reações: podemos argumentar que se trata de um texto típico de adolescente; é possível ficarmos escandalizados, dizer que o *internetês* está corrompendo “a última flor do Lácio” e, ainda, podemos assumir uma postura investigativa com o intuito de responder a alguns questionamentos básicos: como as tecnologias influenciam na comunicação humana? Até que ponto a comunicação mediada pelo computador difere da interlocução face a face e da interação mediada pelo texto impresso? No que diz respeito à referenciação, a tecnologia influi em algum aspecto?

Crystal (2005) defende que a tecnologia da internet provocou uma verdadeira revolução na linguagem, não só em termos linguísticos, mas também em seus aspectos tecnológicos e sociais. Ressalta, ainda, que um meio de comunicação que tivesse o poder de afetar toda a sociedade não aparecia há dez mil anos e, por isso, não é possível descrever tal comunicação nos moldes tradicionais.

Neste sentido, o objetivo deste capítulo é refletir sobre oralidade e escrita como modalidades não dicotômicas de uso da língua e evidenciar que o computador possibilita o surgimento de uma escrita que se assemelha a um processo dinâmico, uma vez que incorpora a congregação de múltiplos recursos. Além disso, apresentaremos um modelo para exemplificar as interações mediadas pelo computador.

4.2 Da linguagem oral à escrita na Internet

A língua reflete, em boa medida, a organização da sociedade, acentua Marcuschi (2001, p.35). As primeiras sociedades humanas centravam sua comunicação na oralidade. Os conhecimentos produzidos, as crenças, enfim, todo o saber cultural era transmitido oralmente de geração a geração. A memória era a “ferramenta” que permitia o acervo de informações para posterior transmissão. A comunicação face a face ocorria no mesmo tempo e espaço e a presença dos interlocutores era primordial, fosse num sistema de negociação de turnos ou em comunicações para um grande número de participantes. Com o surgimento da escrita, novas

tecnologias, intrinsecamente ligadas a tal inovação, foram desenvolvidas: a inscrição em barro, o papiro, o pergaminho, o papel, a tinta, o livro e, também a escrita tipográfica. Surgiram periódicos, jornais, revistas, romances, etc. e o espaço biblioteca. Tais tecnologias não só libertaram a memória da tarefa de armazenar tantas informações, como também possibilitaram o registro e a veiculação/difusão de informações e conhecimentos em maior escala e o rompimento de barreiras temporais e territoriais. A escrita passa a ocupar um papel primordial em várias sociedades e possibilita organizar e regulamentar “por escrito” as normas dessa nova sociedade grafocêntrica. Além disso, ela baliza não só as relações pessoais como também as relações de poder que se configuram nestes novos espaços instituídos. Os estudos linguísticos, por sua vez, centralizam suas investigações tendo por base textos escritos, uma vez que a língua oral é considerada o lugar do caos.

A partir da década de 1980, faz-se uma discussão multidisciplinar sobre a linguagem e evidencia-se que é um grande erro polarizar oralidade e escrita, uma vez que ambas são “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI, 2001, p.16). Claro que de um ponto de vista filogenético e ontogenético, a língua falada precede a escrita e a aquisição da oralidade se realiza primeiro na espécie humana, mas ambas evidenciam a organização e a interação sociocultural. (BAZZANELLA: 1994, p.09).

A linguagem como fenômeno histórico, social, cognitivo faz parte da história do homem. Ligada à interação, a língua é utilizada nas diferentes esferas da atividade humana. Em cada uma dessas esferas, ou domínios discursivos, existem “tipos relativamente estáveis de enunciados”- os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000), que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas através de três elementos: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Bakhtin (2000) ressalta a natureza heterogênea dos gêneros do discurso (orais e escritos) e classifica-os como primários e secundários. Enquanto os gêneros primários se caracterizam por serem construídos em situações comunicativas verbais espontâneas (mais simples), os secundários estão presentes em situações comunicativas culturais mais complexas e evoluídas, envolvendo a escrita. Entretanto, esta classificação não coloca os gêneros em compartimentos fechados, uma vez que os gêneros primários podem tornar-se componentes dos gêneros secundários e, com isso, perdem sua relação imediata com a realidade. Segundo Marcuschi (2005, p.19), os gêneros textuais são fenômenos históricos e intrinsecamente ligados à vida cultural e social. O aspecto cultural é de suma relevância, conforme se depreende do trecho a seguir:

Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. (MARCUSCHI, 2005, p.20).

Embora tais modelos sirvam para estabilizar as atividades comunicativas diárias, eles não são modelos estanques. Pelo contrário. Com o surgimento das tecnologias da informação surgem gêneros textuais, intrinsecamente dependentes de um novo artefato: o computador. Este coloca em cena a necessidade de que os estudos sobre oralidade e escrita não se realizem de maneira dicotômica.

A existência, hoje, de uma Internet que permite interligar redes de informações tem sua gênese no ano de 1945. Em “As we may think”, Vannevar Bush descreve um processo de acesso e de gerenciamento de informações baseado em redes associativas e não-lineares, conforme se depreende do excerto a seguir:

A mente humana [...] opera por associações. Retendo um dado, ela salta instantaneamente para o próximo que é sugerido pela associação de idéias, de acordo com alguma rede intrincada de caminhos formados pelas células do cérebro. (BUSH *apud* BRASIL, 2000, p.90)

Embora não tenha concluído o “memex” – sistema de gerenciamento de informações - as idéias de Bush influenciaram diversos cientistas e centros de pesquisa. Nesse contexto de 45, era essencial um sistema de comunicação seguro que pudesse sobreviver a ataques inimigos e possibilitasse aos Estados Unidos transferência segura de informações entre os seus centros de controle.

O certo é que, atualmente, a Internet, além de instaurar novas relações sociais, permite veicular informações em rede e possibilita diferentes formas de textualização e implementação de gêneros textuais³⁵ que não se configuram como inovações absolutas, uma vez que nascem ancorados em outros gêneros já existentes. Nesse sentido, para analisarmos a escrita veiculada na Internet é preciso considerar, como defendido por Halliday (1985), que cada linguagem está inserida em sua própria cultura e adaptada para servir às necessidades dessa cultura. Além disso, embasar tais análises em critérios apenas da língua oral ou da

³⁵ O termo gênero textual refere-se a “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI 2001, p. 20). Os gêneros organizam nossa vida social porque definem padrões para as ações de linguagem orais e escritas que realizamos nos diferentes contextos sociais: na convivência cotidiana com a família e os amigos, no trabalho, na igreja, na universidade, etc.

escrita é desconsiderar o efeito da tecnologia sobre a linguagem³⁶.

A expressão “comunicação mediada pelo computador”³⁷ é utilizada para referir-se tanto às possibilidades de interação pessoa/computador quanto à interação pessoa/pessoa por meio do computador esclarece Souza (2002, p.111-118). Tais comunicações podem ocorrer de forma síncrona ou assíncrona. A modalidade síncrona caracteriza-se por ser uma comunicação em tempo “real”, ou seja, enquanto os interlocutores estão conectados à mesma rede. Claro que uma comunicação síncrona não significa comunicação instantânea, pois a velocidade do digitador e a da transmissão influenciam o intervalo de tempo entre o envio de uma mensagem e o recebimento da resposta. Também a rede pode estar sobrecarregada, ou ainda o internauta dividir sua atenção em várias interações.

O exemplo a seguir ilustra uma interação síncrona, na modalidade chat:

<i>Data</i>	<i>Hora</i>	<i>De</i>	<i>Para</i>	<i>Mensagem</i>
13/8/2006	23:56:27	H	G	Voltei
13/8/2006	23:56:49	G	H	Blz
13/8/2006	23:57:07	H	G	e aê, o que vc tem feito de bom?
13/8/2006	23:57:36	G	H	ah nada nada e vx?
13/8/2006	23:58:20	H	G	esse fds fiquei em casa mesmo. tô um pouco desanimado
13/8/2006	23:58:52	G	H	hum eu tbm só sai sexta feira
13/8/2006	23:59:28	G	H	ow temos q juntar uma turminha e sair né
13/8/2006	23:59:39	H	G	com certeza.
14/8/2006	00:00:02	H	G	é só marcar o lugar que a gente vai
14/8/2006	00:00:17	G	H	blz]
14/8/2006	00:00:50	H	.G	vc costuma sair aonde?
14/8/2006	00:01:24	G	H	lá em taguatinga ah qualquer lugar
14/8/2006	00:02:22	H	G	tem um tempo que eu tô com vontade de ir na macadâmia. minha irmã falou que lá é muito bom
14/8/2006	00:03:01	G	H	hum axu q ela esta fechada para reforma nesses tempo
14/8/2006	00:03:20	G	H	mais tem uma outra q é muito boa tbm
14/8/2006	00:03:37	G	H	axu q é trend (axu q é assim)
14/8/2006	00:03:49	G	H	alguma coisa assim
14/8/2006	00:03:54	.G	H	lá é muito bom
14/8/2006	00:04:02	H	G	tbm já ouvi falar de lá.
14/8/2006	00:04:09	G	H	pois é
14/8/2006	00:04:38	H	G	como foi a viagem lá em [...]?
14/8/2006	00:52:42	H	G	priminha, tô indo agora pq tô morrendo de sono. Depois a gente marca direito o final de semana. BJKS!!!!
14/8/2006	00:52:54	G	H	Falow
14/8/2006	00:52:56	G	H	boa noite
14/8/2006	00:52:58	G	H	Beijos

Quadro 2: Interação on-line

Fonte: Arquivo pessoal

³⁶ Halliday (1985, p. 81-82) pontua que enquanto a língua escrita representa o fenômeno como produto, portanto estático, a fala o representa como processo, logo, dinâmico. Ressalta que com o advento dos computadores o texto escrito, nesse meio, tem se tornado um processo.

³⁷ Em sua tese de doutoramento, McCleary (1996) pondera que quando se fala em “comunicação mediada pelo computador” não se está enquadrando todo o uso da informática na comunicação. Ressalta que tanto a telefonia moderna quanto a imprensa fazem uso de computadores, mas que nesses casos o computador está agilizando operações antes feitas por outras tecnologias. Para o autor, na comunicação mediada pelo computador, o papel do computador modifica fundamentalmente os parâmetros da interação, tanto entre o locutor e seu texto, quanto entre os interlocutores.

Em sua gênese, a conversação é o protótipo do uso da língua falada e se efetua principalmente por meio da articulação fônica. Os textos falados apresentam algumas características que são mais recorrentes nessa modalidade³⁸. Devido à natureza altamente interacional da fala, esses textos produzidos revelam um planejamento muito próximo ao momento da verbalização, e muitas vezes retratam o próprio processo de construção. Geralmente, o fluxo discursivo apresenta uma sintaxe marcada por descontinuidades, reformulações, pausas, incisos, rupturas e repetições que se justificam por questões de ordem cognitivo-interacional (KOCH, 2001). A modalidade oral possui alguns recursos paralinguísticos que são parcialmente transferidos para a escrita (BAZANELLA, 1994, p. 09).

O exemplo anterior ilustra uma conversação mediada pelo computador. Embora os interlocutores estejam distantes, o tempo entre a produção e a recepção é muito pequeno (questão de segundos) e o contexto é compartilhado pelos participantes. A urgência em interagir com o outro e a necessidade de teclar evidenciam que planejamento e verbalização acontecem muito próximos. O trecho *lá em taguatinga ah qualquer lugar* como resposta para a pergunta *vc costuma sair onde* exemplifica uma sintaxe muito próxima da língua oral. A presença de incisos como em *axu q é trend (axu q é assim)* também indicam uma proximidade entre o texto escrito e estratégias de processamento do texto falado, além de retratar o próprio processo de construção do enunciado. Esse modelo de comunicação síncrona conjuga escrita e diversos recursos semióticos na tela do computador. *Emoticons*, excesso de sinais de pontuação, alongamentos vocálicos, abreviações, elementos presentes na interação face a face como risos são registrados nessa “conversação”³⁹.

Outra forma de interação mediada pelo computador é a comunicação assíncrona, modalidade em que as mensagens são gravadas em caixas postais ou em páginas de comunidade. Não é necessária a presença dos interlocutores conectados ao mesmo tempo, pois as mensagens ficam arquivadas e disponíveis para leitura posterior.

Atualmente, uma forma de comunicação assíncrona é possibilitada pelo Orkut - que pode ser definido como uma rede social. Criado por Orkut Buyukkokten, funcionário do

³⁸ Estas considerações são feitas pois estamos considerando a conversação espontânea como modelo do texto falado. Tais considerações não negam um contínuo tipológico entre oralidade e escrita. Assim, em um jornal televisivo, embora seja apresentado oralmente, há um planejamento anterior à verbalização, há o auxílio para o jornalista através do ponto eletrônico, etc..

³⁹ A criatividade, a liberdade e as especificidades do meio contribuem para esses múltiplos recursos se conjuguem na tela do computador. Entretanto, não podemos nos esquecer de que os fatores pragmáticos, tais como: quem é o interlocutor, qual o objetivo para a escrita, que gênero, qual a situação de interação e as imagens que os interlocutores possuem, devem ser considerados na produção de qualquer texto, seja na interação face a face, na mediada por computador ou na comunicação escrita. Não é possível ignorar as modificações ocorridas nessa escrita, mas o meio por si só não determina tais mudanças.

Google, o sistema funcionou inicialmente através de convites. Um participante enviava um convite a um amigo, parente ou pessoa conhecida que, após se cadastrar, passa a fazer parte de “comunidades” organizadas por interesses. A partir de 2006 não é mais necessário que o internauta receba um convite para criar uma conta.

O Orkut foi criado em 2004 e rapidamente disseminou-se entre os brasileiros, de modo que o Brasil ocupa a primeira posição no ranking no que se refere a usuários cadastrados⁴⁰. Definido como uma rede social, permite que novos relacionamentos afetivos ou profissionais sejam estabelecidos. É possível, ainda, criar fóruns de discussões, opinar sobre acontecimentos, comentar e discutir o tópico proposto por um participante, etc.

Na ilustração a seguir, encontrada na página principal do Orkut, encontramos a descrição da função social deste site.



Figura 11: Página principal do Orkut
Fonte: Arquivo pessoal. Acesso em 20/10/2005

O Orkut guarda outros dados do usuário, além da simples identificação de nome, e-mail e endereço. No Orkut, o perfil do usuário é traçado através de informações que o próprio participante fornece no momento em que se cadastra. Essas informações referem-se ao perfil do participante e podem ser de cunho pessoal, social e profissional.

O exemplo a seguir, ilustra uma página em que o participante expõe seu perfil:

⁴⁰ Segundo dados publicados na Wikipédia. Acesso em 23 de abril de 2009.

FOTO	
home	
editar perfil	
<p>Nome do participante</p> <p>11 fãs 39 recados 1 fotos</p> <p>Quem pode ver meu perfil desta maneira: <input type="text" value="só eu"/></p> <p>gerais - editar</p>	
quem sou eu:	hmmmm...to em fase de conhecimento de mim mesma ...assim como todo mundo tenho defeitos e qualidades, que tal vc me conhecer assim poderá saber como sou e ajudar a me descobrir...
relacionamento:	namorando
aniversário:	21 de julho
idade:	18
interesses no orkut:	amigos
filhos:	não
idiomas que falo:	Português
religião:	Cristão/católico
humor:	extrovertido/extravagante, simpático
orientação sexual:	heterossexual
estilo:	elegante, na moda, urbano
fumo:	não
bebo:	socialmente
animais de estimação:	prefiro que fiquem no zoológico
moro:	com meus pais
interesses - editar	
paixões:	douglas meu namorado (mo ti amuuu), amigos, praia, axé, funk, forro, bja na bok , festa
esportes:	handball, volei... puts jogo mal ta...? mas o que vale é a intenção
atividades:	estudar, bja na bok, fik na net, papear com meus amigos
livros:	o outro lado da meia noite, as mentiras que os homens contam, a marca de uma lágrima
música:	milla, todas do babado novo , todas do jota quest , a maioria de axé, várias
programas de tv:	beija sapo
cozinhas:	massas
contato - editar	
e-mail:	xxxxxxxxxx@hotmail.com
MSN:	xxxxxxxxxx@hotmail.com
MSN:	www.flogao.com.br/xxxxxxxxxx
país:	Brasil

Figura 12: Perfil de usuário no Orkut

Fonte: www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Em sua página inicial, o internauta insere fotos⁴¹, expõe seu perfil, preferências, e-mail pessoal em uma página que será de domínio público, pois qualquer usuário do Orkut poderá visualizá-lo. A escrita apresenta reduções, léxico coloquial, frases truncadas, períodos simples, repetições de vogais e outras características, o que a aproxima do nível coloquial de linguagem e algumas reduções podem ser justificadas pela urgência em teclar e enviar o texto.

Outro aspecto que se destaca nessa escrita é a congregação de múltiplas linguagens e de *links* que permitem ir para outra página, ressaltando o caráter hipertextual/multimodal dos textos produzidos e que circulam nesse espaço virtual. A linguagem apresenta uma forma híbrida e dialoga com outras interfaces semióticas, conjugando em seu bojo outras formas de textualidade⁴².

Os exemplos a seguir ilustram essa multiplicidade de linguagem:

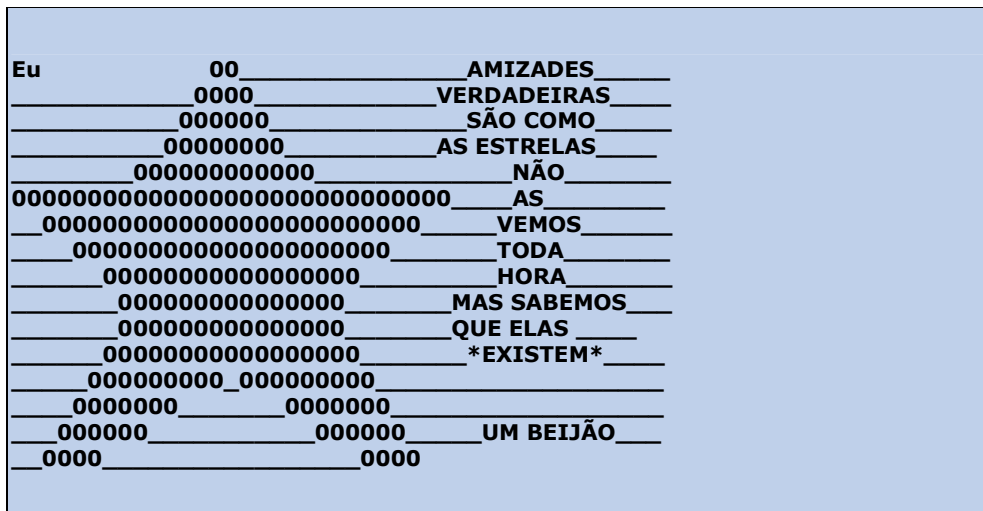


Figura 13: Multisemiose

Fonte: www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

⁴¹ Por questões éticas todas as fotos foram retiradas ou substituídas por ícones e o nome do participante retirado.

⁴² A noção de hipertexto como uma “forma híbrida de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície outras formas de textualidade” (XAVIER, 2004, p.171) se faz presente nessa modalidade de interação assíncrona. Marcuschi (2005), relaciona as seguintes características do hipertexto.

- a) não-linearidade: aponta para a flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas entre nós que constituem redes; não há um foco dominante;
- b) volatilidade: o hipertexto caracteriza-se por não ter estabilidade
- c) topografia: o hipertexto é topográfico, ou seja, um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver;
- d) fragmentariedade: apresenta porções em geral breves, fragmentadas;
- e) acessibilidade ilimitada: em princípio, não há limites;
- f) multisemiose: integra, simultaneamente, a linguagem verbal com a não verbal (musical, cinematográfica, visual e gestual);
- g) interatividade: interação propiciada pela multisemiose e pela acessibilidade ilimitada, além da contínua relação leitor-navegador com diversos autores, quase simultaneamente
- h) iteratividade: marcado pela natureza intertextual.

Este exemplo ilustra a característica da multimediosidade, tão comum nas interações mediadas pelo computador. O nome do remetente funciona como um link: uma vez clicado, remete o leitor-navegador para outra página de recados.

Na Figura (14), outros aspectos da hipertextualidade ficam evidenciados:

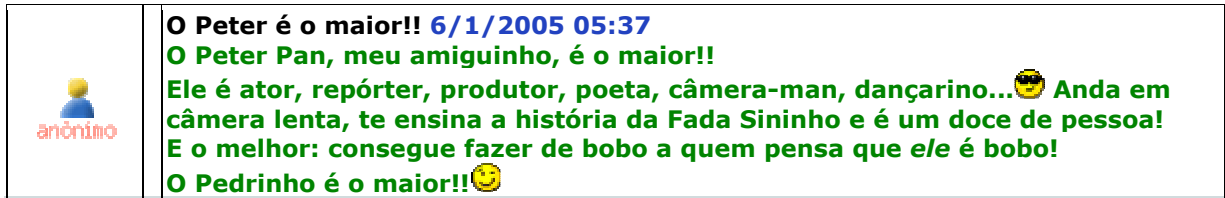


Figura 14: A integração de múltiplos recursos.
 Fonte: www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Nesse exemplo, podemos perceber a presença dos *emoticons*⁴³, recursos que procuram realizar o que é tipicamente realizado por expressão facial, olhar, gestos, prosódia e etc.

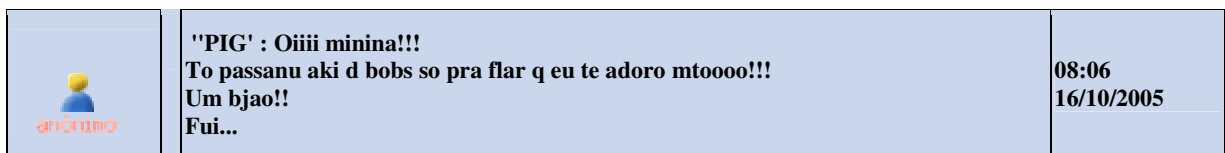


Figura 15: A linguagem na internet
 Fonte: www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Na Figura (15), é evidente a mesclagem de recursos da oralidade no texto escrito. A repetição de algumas letras em *oiiii* e *mtoooo* indiciam ênfase. Por outro lado, a ausência de algumas letras em exemplos como *bobs*, *flar*, *q* pode ser explicada pela necessidade de agilidade e rapidez para teclar, além do fato de que em palavras como *d*, *bjão* e *q* o nome das consoantes *d*, *b* e *q* já remete ao som que representam. O registro de *minina* e *passanu* ilustra uma escrita muito próxima da forma como são pronunciadas as palavras *menina* e *passando*. Nosso objetivo, ao tecer esses comentários, não é o de fazer um estudo exaustivo dos aspectos presentes nos textos veiculados na Internet, mas sim apresentar algumas facetas desse objeto complexo que é o texto mediado pelo computador, a fim de argumentar que mesmo se apresentando como um texto escrito, esta escrita não é de forma alguma um produto. Ela apresenta-se dinâmica, planejada e executada em momentos muito próximos, com uma sintaxe semelhante à da língua falada em alguns gêneros digitais. No caso das interações assíncronas, em tese, há a possibilidade de rever, reformular, corrigir, reescrever. Entretanto, parece que isso o que acontece, pois o texto escrito na tela do computador pode apresentar

⁴³ Os emoticons são símbolos usados para expressar emoções. Como as emoções, os gestos e as expressões faciais são recursos típicos na interação face a face, essas imagens são usadas como estratégias para preencher a ausência de recursos paralinguísticos.

uma estruturação própria, determinada e possibilitada pelo meio, pelos propósitos comunicativos e pelo gênero em questão.

4.3 A dinâmica das interações em ambientes virtuais: uma proposta de análise

Atualmente, o computador determina certas especificidades na comunicação e determinadas estratégias textuais. Assim como nas outras formas de interação, na comunicação mediada pelo computador, há a necessidade de se estabelecer um foco de atenção conjunta e de se construir colaborativamente a referência. Esse processo de interação verbal é mediado por sistemas simbólicos que emergem a partir do uso comunicativo. O desenvolvimento dessa simbolização é necessário ao processo da função representacional da linguagem (SINHA, 2005).

O gráfico a seguir, construído a partir das considerações de Sinha (2005) e de Langacker (2004), procura explicitar os elementos envolvidos nesse processo.

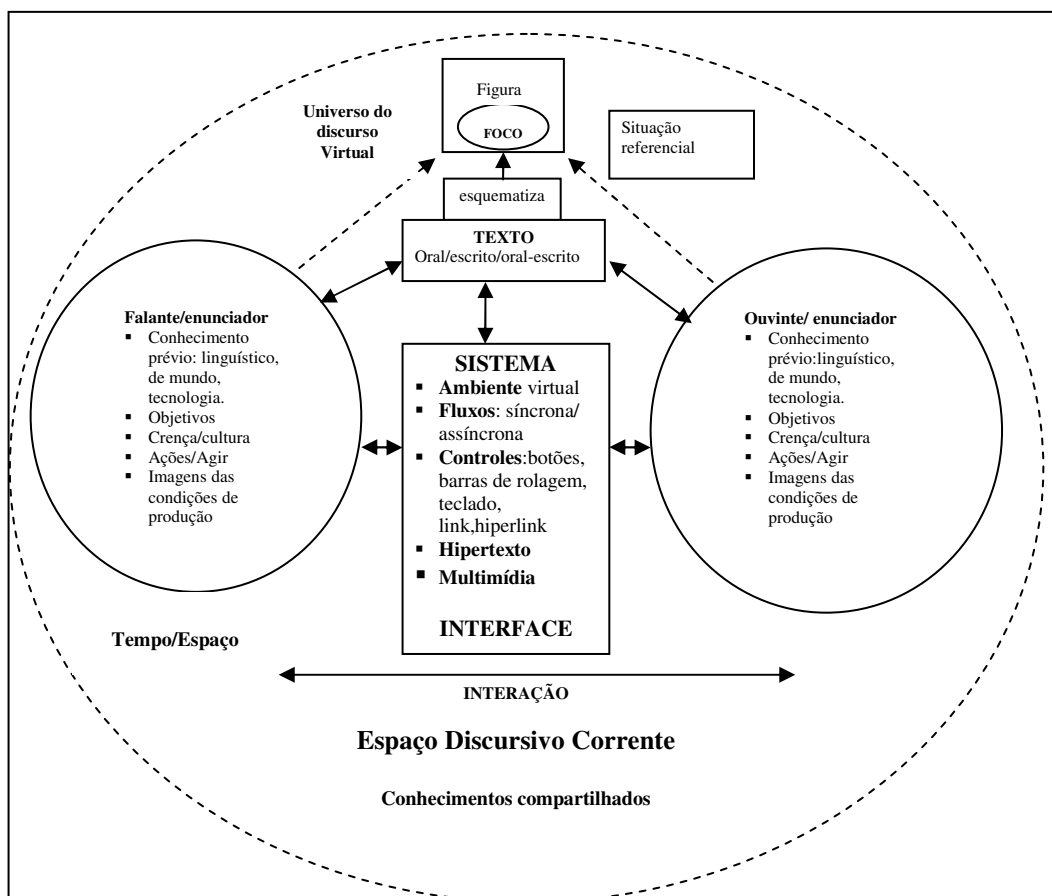


Figura 16: O processo de interação verbal em um ambiente virtual⁴⁴

Fonte: adaptado de SINHA, 2005, p.325

⁴⁴ A linha pontilhada representa a construção mútua de uma situação referencial pelo falante e pelo ouvinte dentro de um universo intersubjetivamente compartilhado do discurso (SINHA, 2005).

Nesse processo de interação verbal, falante e ouvinte são caracterizados como usuários de um sistema responsável por estabelecer a interface na interação. Os usuários possuem conhecimentos prévios sobre a língua, sobre o mundo e também devem possuir conhecimentos sobre o sistema. Dominar os controles presentes, usar botões, teclado, barras de rolagem, digitar corretamente a URL, acessar a Internet, manusear o mouse com precisão são exemplos de ações que competem ao internauta. Ao seguir uma série de comandos, acionar uma tela, escolher uma opção em um menu, abrir uma página, modificações são produzidas na tela e exigem novas decisões e ações do usuário do sistema⁴⁵. As setas de mão dupla procuram indicar esse processo recursivo e circular, visto que as condições de produção são dinâmicas. Há um constante reformular, pois uma dimensão interfere na outra.

Neste tipo de interação, além das ações que são próprias dos internautas, há outras específicas do sistema. Assim, escrever uma mensagem e teclar o comando enviar não garante que a interação ocorra. É necessário que o sistema possa executar tal tarefa e isso depende de suas configurações próprias, do perfeito funcionamento da rede óptica, do volume de informações, da velocidade do processador e de outros elementos relevantes.

O ambiente em que as interações ocorrem é o virtual e o usuário pode se valer da tecnologia da comunicação para pesquisar, trabalhar, estabelecer relacionamentos⁴⁶. Outro elemento relevante diz respeito às imagens que os usuários fazem das condições de produção e do interlocutor. São essas condições de produção aliadas à imagem que constroem do interlocutor que vão dar pistas sobre qual padrão de linguagem empregar, sobre quais assuntos podem ser postados na comunidade, que estilo empregar ao produzir um texto, etc.

O texto produzido pode ser oral, nos casos em que os participantes empregam recursos como Msn e Skype⁴⁷ ou escrito. No processamento discursivo, o foco de atenção é dinâmico e virtualmente construído. Cada interactante, ao tomar a palavra e produzir o seu discurso, o faz como um enunciador. O que é colocado como foco de atenção são pequenas porções do discurso que possuem interpretabilidade pragmática. Além disso, elas se configuram como

⁴⁵ As duplas setas em negrito procuram indicar esse movimento constante entre as ações do usuário do sistema e as alterações produzidas no texto. As ações do usuário provocam alterações imediatas e visíveis no sistema e este, por sua vez, faz com que o usuário tenha que tomar novas decisões. Claro que a escrita convencional e outras tecnologias como a TV, por exemplo, permitem a interatividade entre o usuário e o sistema, mas o suporte computador congrega em si uma multiplicidade de recursos, tornando seu funcionamento muito mais complexo.

⁴⁶ Em relação ao Orkut -um site de relacionamentos- o acesso ao sistema atende aos objetivos dos participantes que podem ser: expor sua personalidade, interagir com pessoas conhecidas, “conhecer” novas pessoas, espiar o perfil dos outros, saber com quem os outros se relacionam, divertir-se com os textos que circulam em algumas comunidades, divulgar fotos, etc.

⁴⁷ O MSN e o Skype são softwares que permitem a comunicação pela Internet através de conexão de voz.

porção capaz de ser apreendida cognitivamente pelo participante, e não se restringem somente à frase ou ao texto em sua totalidade.

Para explicitar a interação mediada por computador, a categoria de análise que propomos são os enunciados – unidades de informação estudadas por Cresti (2000).

4.4 As unidades de informação nas interações mediadas pelo computador⁴⁸

Para a Teoria da Língua em Ato, os enunciados podem se configurar como unidades de informação. Cresti (2000) aponta as seguintes: tópico, comentário, apêndice, incisos, introdutores locutivos e auxílios dialógicos. Tais unidades podem ser exemplificadas a partir de excertos retirados do corpus.

4.4.1 O Tópico e o Comentário

O tópico é uma unidade de informação que recebe a função de campo de aplicação da força ilocucionária e especifica a coisa que é referida pelo ato ilocutivo expresso no comentário. Sua posição é precedente em relação à unidade informacional de comentário. Por sua vez, o comentário é a unidade necessária para constituir um enunciado.

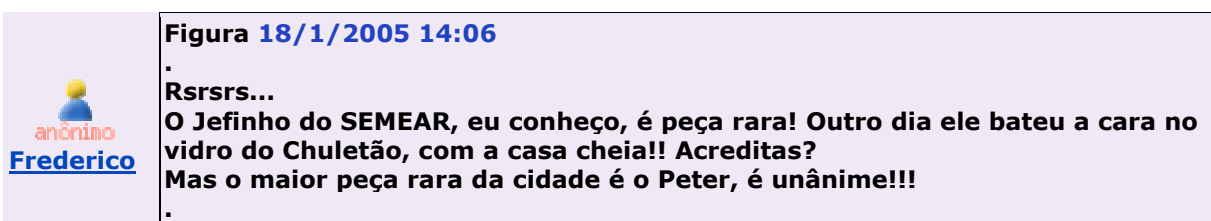


Figura 17: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: Fonte: www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

No exemplo anterior, o enunciado *O Jefinho do SEMEAR* funciona como unidade informacional de tópico em relação ao comentário *eu conheço*. Para a Teoria da Língua em

⁴⁸ Nesta seção, nosso objetivo não é aprofundar na discussão sobre as unidades de informação, tal como é feito na Teoria da Língua em Ato, uma vez que neste corpus não temos a entonação para marcar o perfil entonacional de cada tipo de enunciado. Além disso, foge aos objetivos desta pesquisa tal análise, pois o nosso objeto de investigação são as unidades de inciso. Embasamo-nos em critérios semânticos, funcionais e pragmáticos para selecionar os exemplos empregados. Para maiores esclarecimento sobre estas unidades de informação ver CRESTI (2000), FROSALI, (2003), TUCCI (2003), FIRENZUOLI; SIGNORINI (2002) e GIANI (2003). Além desses autores, há um grupo de pesquisadores na UFMG que analisa o Português falado no Brasil, a partir do referencial teórico da Teoria da Língua em Ato, sob a orientação do professor Dr. Tommaso Raso.

Ato, a categoria tópico não corresponde ao sujeito, o que pode ser identificado pelo fato de o sujeito do verbo conhecer estar representado pelo dêitico *eu*. A unidade de tópico possui a capacidade de mudar o foco de atenção do interlocutor para um referente não presente. No exemplo acima, o enunciado o Jefinho do SEMEAR já havia aparecido nas opções apresentadas em 02 de janeiro de 2005, mas não estava presente, nem cognitiva e nem discursivamente nesta interação, e isso justifica sua posição de tópico precedente à do comentário *eu conheço*.

4.4.2 O Apêndice

Unidade de informação que constitui a integração textual de uma unidade informativa de tópico ou de comentário. O apêndice pode ser retirado sem prejudicar a estrutura informacional do enunciado. No exemplo apresentado anteriormente e retomado a seguir, o trecho *com a casa cheia* ilustra uma unidade de apêndice.

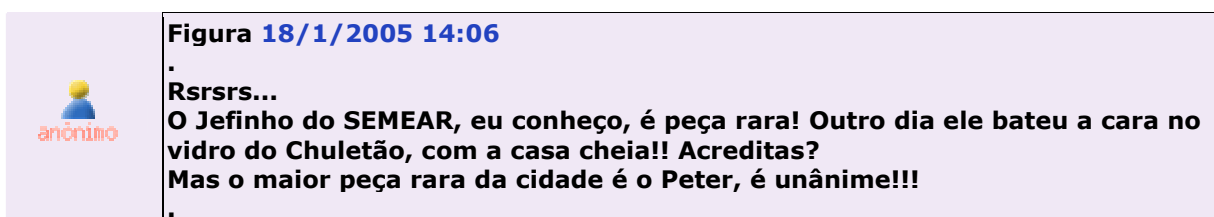


Figura 18: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
 Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

4.4.3 O Introdutor Locutivo

Os introdutores locutivos sinalizam o discurso direto citado e podem ser exemplificados pelo trecho *a moçada começava a gritar*, presente no texto a seguir:

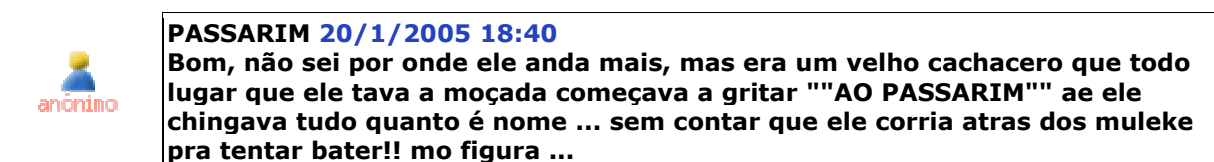


Figura 19: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
 Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

4.4.4 Os Auxílios Dialógicos

São unidades de informação que não estão ligadas à construção textual, ou seja, não se relacionam ao conteúdo proposicional do enunciado. A função dessas unidades é regular a interação, e por isso eles se voltam de maneira direta ao interlocutor. Os auxílios dialógicos podem ser: fáticos, conativos, expressivos, alocutivos, introdutivos e os incipitários. Na Teoria da Língua em Ato, esses enunciados são caracterizados pelo perfil entonativo, pela função e pela posição no enunciado. O texto a seguir apresenta exemplo de um auxílio dialógico:

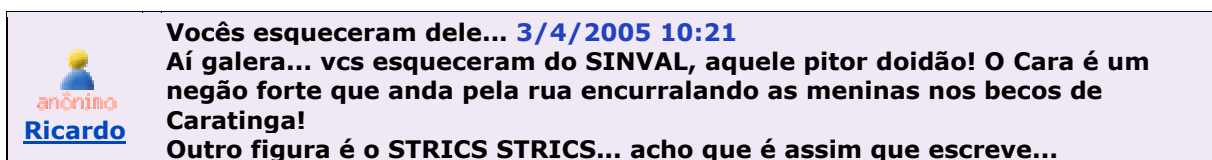


Figura 20: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

A expressão *ai galera* exemplifica a unidade informacional de auxílios dialógicos do tipo alocutivo. A função desta unidade é atuar diretamente sobre o interlocutor, de modo iniciar a interação.

Também há os auxílios dialógicos que podem ser representados pelas interjeições, como em *Caraca...*, ilustrado a seguir:

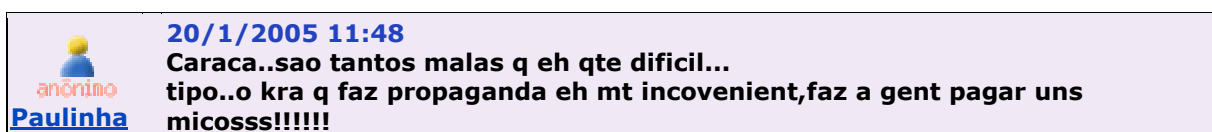


Figura 21: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Embora os auxílios dialógicos não estejam diretamente vinculados ao conteúdo proposicional do texto, eles são relevantes no gerenciamento discursivo, uma vez que estão ligados ao início da interação, à sua evolução, à manutenção e ao encerramento. Expressões como *ai galera*, *caraca...* são comuns na língua falada e, discursivamente, possuem interpretabilidade pragmática .

4.4.5 Os Incisos

Os incisos são unidades que fornecem instruções sobre como um enunciado deve ser interpretado e possibilitam que o falante comente o conteúdo da própria elocução. No processamento discursivo, eles provocam uma ruptura em relação à cadeia referencial implementada e focalizam o próprio fazer discursivo. A função destes enunciados está ligada à interação e não ao nível proposicional, conforme se verifica no exemplo a seguir:

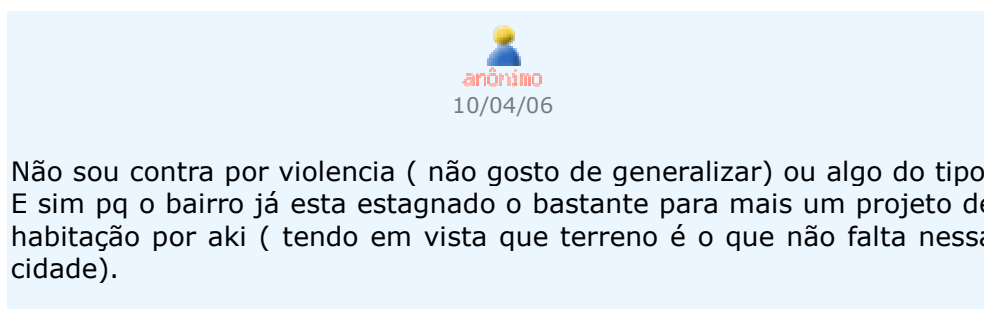


Figura 22: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu
Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

O tema da discussão anterior era a construção de moradias populares no bairro Coração Eucarístico. Após opinar ser contra, o internauta abre um parêntese e insere o inciso *não gosto de generalizar*, enunciado que não interfere no conteúdo proposicional, mas traz um comentário do enunciador sobre sua opinião.

Por se configurarem, prototipicamente, como unidades informacionais metalinguísticas, os incisos serão retomadas nos próximos capítulos.

4.5 A stanza

Além das unidades de enunciado, Cresti⁴⁹ (2009) observa que no discurso há unidades mais gerais e mais extensas com um valor ilocutivo fraco e difuso: as *stanzas*. Elas correspondem a uma atividade linguística que visa à realização de um texto oral.

Cresti ressalta que, prosodicamente, a *stanza* pode ser considerada uma unidade, uma vez que seu início e seu término situam-se entre pausas identificadas por pausas prosódicas terminais. No interior de uma stanza é possível encontrar pausas prosódicas não terminais.

⁴⁹ La stanza: un'unità di costruzione testuale del parlato. Lablita. Università di Firenze (manuscrito).

Semanticamente, a *stanza* desenvolve um pensamento global e permite comentários ligados que possibilitam conjugar, em seu interior, diferentes opiniões sobre o mesmo assunto.

Embora os estudos de Cresti⁵⁰ tenham por base a língua falada, e as *stanzas* sejam consideradas uma realidade básica do texto oral, a autora destaca que elas ocorrem em qualquer tipo de texto.

Nos fóruns de discussão presentes nas interações mediadas por computador, é comum os participantes submeterem nas páginas da comunidade porções de discurso que evidenciam um pensamento global sobre determinado tema. Vejamos:

07/05/2006 00:29
 nossa vei...tem uns post os caras comecam a xingar tanto, sem necessidade, q vc nem entende o q ele qr dizer...parece q o post eh soh pra enxer linguica e xingar o cara q tem opiniao diferente...
 radicalismo fede.

07/05/2006 00:30
 qnto pena de morte, fede tbm.

Figura 23: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu
 Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

Nos exemplos, o horário registrado permite verificar que o internauta procedeu a duas submissões na página da comunidade. Embora o intervalo de tempo seja muito próximo, parece que o participante considerou que o primeiro conjunto estava concluído e o submeteu à publicação. A seguir, faz nova submissão, acrescentando um comentário. Semanticamente, percebemos que cada conjunto, embora interligado, desenvolve um pensamento global sobre o fato de textos servirem para xingar aqueles que possuem opiniões divergentes e a opinião sobre a pena de morte. O texto, embora escrito, revela uma sintaxe carregada de interrupções, marcada pelo uso de reticências. A expressão *vei* é muito utilizada entre jovens para cumprimentar e iniciar o diálogo face a face.

No interior de uma *stanza*, não há um padrão de informação pré-constituído, pois ela pode ser descrita como uma entidade processual que se constitui pelo agrupamento de comentários vinculados desenvolvidos na seqüência de um pensamento que vai se constituindo e se desenvolvendo em relação a um interlocutor. Nesse sentido, elas são

⁵⁰ As pesquisas sobre *stanzas* no corpus de dados C-ORAL-ROM Itália estão em fase inicial e é preciso investigar o padrão informativo, a prosódia, a semântica, sintaxe, dentre outros (CRESTI, 2009).

entidades locutivas complexas nem sempre correspondendo a princípios de coerência semântica e coesão lógico-sintática.

É importante ressaltar que o corpus com o qual trabalhamos nesta pesquisa difere do corpus investigado por Cresti (2000, 2005), constituído por interações orais. Entretanto, os estudos de Cresti (2000, 2005) ao tratar como unidade de análise o enunciado, nos possibilitam considerar a multiplicidade de estratégias empregadas nos textos produzidos pelos internautas, uma vez que, na tela do computador, a escrita produzida apresenta-se dinâmica e incorpora características da fala. Interjeições e outros elementos relevantes, por exemplo, embora não possuam a completude sintática, e conseqüentemente, seriam desconsiderados em uma perspectiva tradicional, configuram-se como enunciados de tamanho variável que possuem interpretabilidade pragmática, considerando-se as condições do discurso: o contexto, as intenções, os próprios usuários e as especificidades e possibilidades do sistema mediando a interação.

Além dos elementos apresentados por Cresti na Teoria da Língua em Ato (2000), na próxima seção apresentaremos outros elementos presentes nas interações mediadas por computador.

4.6 A presença de outros recursos nas interações mediadas por computador

Os textos produzidos nas interações mediadas por computador congregam uma multiplicidade de recursos, como risos, *emoticons* e ilustrações, que evidenciam o caráter multimodal e hipertextual da internet. Analisar um texto, em cujas condições de produção alguns recursos da modalidade oral estão registrados junto aos da escrita, faz com que fenômenos que seriam típicos em apenas uma modalidade apareçam conjugados e entrelaçados nas interações virtuais. Novamente argumentamos que embora o modelo langackeriano permita ilustrar a ampliação do Espaço Discursivo Corrente através de outras estratégias e recursos semióticos, a categoria oração é restritiva, por duas razões: não considera as tecnologias intermediando a comunicação e nem o fato de que os canais presentes nos pólo de vocalização e de conceitualização atuam de forma coordenada e, em algumas situações discursivas, pode haver a predominância de um deles. Nesta seção, ilustraremos outros elementos que podem ser inseridos no Espaço Discursivo Corrente.

Vejamos os exemplos:

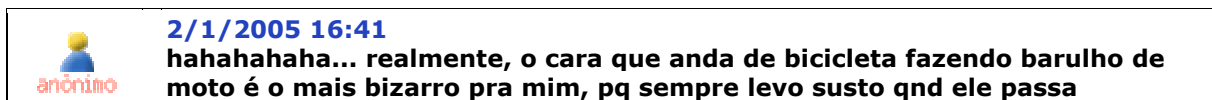


Figura 24: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
 Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

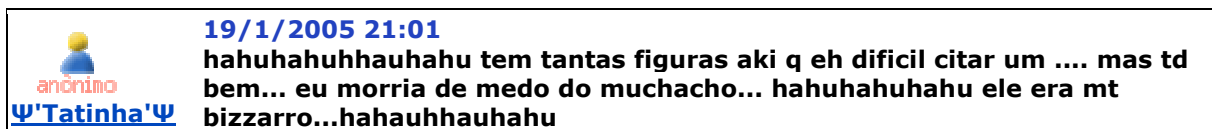


Figura 25: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
 Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Os textos apresentados exemplificam o registro do riso. Embora não sejam elementos verbais, podem ser inseridos no Espaço Discursivo Corrente. Castilho ressalta que na língua falada existem outros recursos que funcionam como marcadores conversacionais não-linguísticos⁵¹. Tais elementos são relevantes discursivamente, pois procuram retratar recursos típicos da oralidade, como entonação, expressão facial, riso.

O riso registrado nos exemplos anteriores, destacam o pólo fonológico presente no canal de vocalização. No pólo conceitual, podemos comparar com outros registros como *rsrsrs*, *hêhê*, *kkkkkk* e percebemos que o internauta possui intenções comunicativas diferenciadas, indo de um simples riso a uma estrondosa gargalhada. Por meio desse mecanismo, o internauta evidencia que deseja registrar recursos paralinguísticos presentes no pólo da vocalização.

Outro recurso relevante é o uso do *emoticon* que procurará evidenciar a atitude e expressão facial do falante na produção do discurso, uma vez que nessa interação não há a presença face a face.

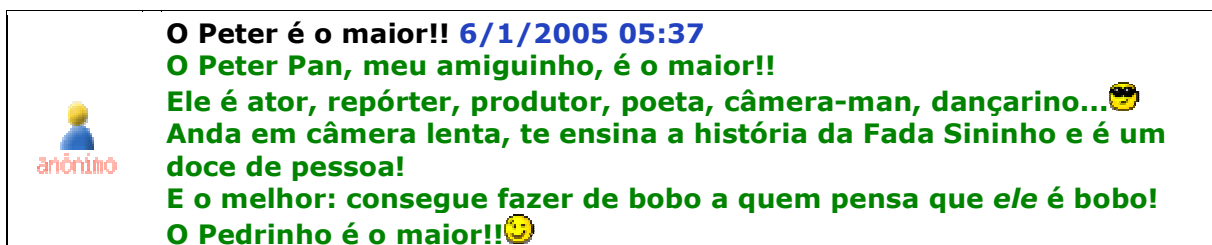


Figura 26: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga
 Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

⁵¹ Na língua falada, além dos recursos prosódicos, existem outros itens lexicais que funcionam como articuladores da conversação, ou nos termos de Castilho, *marcadores conversacionais*. Ver Castilho 1998.

Além dos risos e *emoticons* as ilustrações e as fotos também fazem parte do corpus analisado e estão presentes nas interações mediadas pelo computador. Tomemos como exemplo a ilustração do Menino Maluquinho, presente em uma das comunidades analisadas.

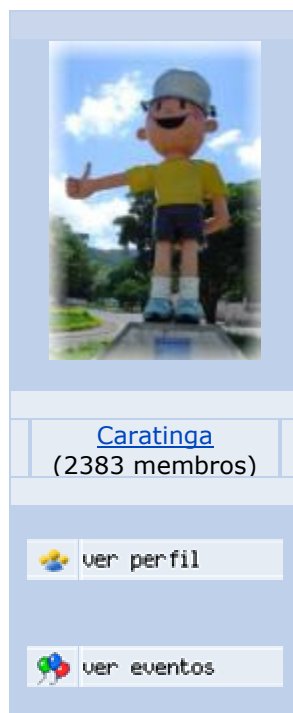


Figura 27: O Menino Maluquinho
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Tal ilustração evoca uma série de conhecimentos compartilhados e construídos pelos membros daquela comunidade. Saber que Ziraldo é escritor caratinguense, que sua obra foi transposta para o cinema e que na entrada da cidade uma estátua imensa do personagem recebe os visitantes faz parte do conteúdo conceitual da ilustração. Claro que nem todos podem possuir a informação de que na cidade há uma estátua do Menino Maluquinho homenageando o escritor. Esta informação faz parte de uma totalidade de informações/conhecimentos que podem ser evocados pela ilustração, ou seja, trata-se do escopo máximo de atenção.

Outra ilustração que faz parte do corpus analisado é o mapa do bairro Coração Eucarístico.



[fórum](#)

[enquetes](#)

[eventos](#)

[membros](#)

[ver perfil](#)

Figura 28: Mapa do bairro Coração Eucarístico

Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

A representação imagética do bairro através do mapa é uma forma de identificar a comunidade. O nome Coreu é uma forma muito própria de os moradores, principalmente estudantes, referirem-se ao bairro.

Há também a presença de fotos dos participantes. Estas foram retiradas, pois permitiam que os mesmos fossem identificados.

Finalmente, um outro recurso bastante presente no corpus são os títulos e os *links*.



Folha Seca 10/1/2005 17:53

Esse velhinho turrão é uma eterna figura Caratinguense!!!

>> responder ao tópico

primeira | < anterior | [próxima](#) > | [última](#)

Figura 29: Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga”, realizado na comunidade de Caratinga

Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

No exemplo presente em (29) percebemos que o título indicia o ponto de vista do participante sobre a maior figura de Caratinga. É importante ressaltar que nem todos os textos produzidos apresentam o título, revelando, com maior clareza, a fluidez entre oralidade e escrita. Explica-se melhor: é do senso comum que textos escritos, geralmente, apresentem título, o que não ocorre em um texto oral menos formal/conversação. Em uma conversação diária, o falante não antepõe um título ao seu discurso, ele diz. Na Internet é curioso identificar o uso de títulos em textos que se inserem em um fórum de discussão e isso pode

ser explicado pelo fato de que é comum que haja campo para que o internauta especifique o assunto.

Ainda no exemplo presente na figura (29) há a presença dos *links* que, quando clicados, remetem o participante para outra página da mesma comunidade, para outra discussão ou ainda para o perfil do participante.

4.7 Considerações finais

Elegemos como cerne desta pesquisa a noção de língua/linguagem como atividade interacional realizada por seres cognitivamente desenvolvidos que compartilham com seus co-específicos conhecimentos, crenças e sentidos. Nesta perspectiva sócio-cognitiva interacional, não há como desconsiderar a interrelação linguagem, cultura e cognição na análise de fenômenos languageiros, principalmente se considerarmos que, em nossa cultura digital, o computador é um artefato tecnológico que possibilita a interação. A partir das considerações de Langacker (2004), Sinha (2005) e Tomasello (2003), elaboramos um modelo para explicitar a interação mediada pelo computador, considerando-se que, no ambiente virtual, há a necessidade de se estabelecer um foco de atenção conjunta. Argumentamos a favor de se considerar as categorias enunciado e unidade de informação como princípio geral de construção de estruturas para atualizar e ampliar o Espaço Discursivo Corrente, a partir dos estudos de Cresti (2000; 2005; 2009). O próximo capítulo versará sobre as questões metodológicas.

5 METODOLOGIA

5.1 Introdução

O embasamento teórico para a presente pesquisa advém da Linguística Cognitiva atual e dos estudos sobre a língua falada, oriundas das pesquisas de Cresti (2000, 2005, 2008 e 2009). A Linguística Cognitiva, como ramo novo nos estudos linguísticos, não apresenta uma única metodologia definida que permita ser aplicada de imediato. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar o percurso metodológico trilhado durante esta pesquisa.

A presente pesquisa desenvolve-se em consonância com paradigmas quantitativos e qualitativos. Baseamo-nos em Johnson e Onwuegbuzie (2004), que defendem uma complementaridade natural de métodos quantitativos e métodos qualitativos, ressaltando que nas Ciências Sociais e Comportamentais – cujo objetivo é examinar e compreender diferentes fenômenos que envolvem intenções, experiências, atitudes, cultura e outros –, tal prática é tradição consolidada. Os autores ressaltam que os métodos qualitativos e os quantitativos apresentam em comum as observações empíricas e que muitas pesquisas são mais bem desenvolvidas através do uso de ambos os paradigmas. Para Johnson e Onwuegbuzie, é importante conhecer os pontos fortes e fracos de cada método. Assim, é possível coletar dados usando diferentes estratégias, múltiplas abordagens e métodos que se complementam.

A abordagem qualitativa manifesta-se, nesta investigação, a partir dos seguintes procedimentos: (1) coleta de textos autênticos, em situações reais de interação mediadas pelo computador; (2) a participação do próprio analista nas interações analisadas; (3) busca por uma descrição do fenômeno encontrado, em suas diversas facetas; (4) análise com características subjetivas sobre o fenômeno em questão.

Por sua vez, a necessidade de segmentar a primeira parte do corpus e validar a segmentação a partir da análise de informantes, além da tabulação dos dados, alinha-se a uma abordagem quantitativa. Após a segmentação da primeira parte do corpus em 140 enunciados, foi elaborado um experimento com o objetivo de verificar a aceitabilidade dos falantes em relação à segmentação efetuada. Foram selecionados 14 excertos e apresentados a quatro informantes voluntários, falantes nativos do português e com nível universitário de formação. Os dados foram analisados com o auxílio do software SPSS V. 13⁵² e o teste qui-quadrado foi

⁵² Sobre o SPSS: trata-se de um software estatístico que executa rotinas de análises quantitativas. Na análise, foi utilizado o cruzamento de dados nominais e foram geradas tabelas de contingência. Além disso, foi realizado o

aplicado com o objetivo de medir a associação entre a variável “tipo de enunciado” e a variável “segmentação aceitável”.

A seguir, serão descritos os procedimentos de análise.

5.2 Sujeitos

Os participantes apresentam nível de escolaridade e idade variados, são internautas que apresentam, de alguma forma, ligação com a cidade de Caratinga, no caso do primeiro conjunto de textos, e com o Bairro Coração Eucarístico, em Belo Horizonte, na segunda parte do corpus. Grande parte dos membros insere fotos e estas foram suprimidas.

5.3 Corpus

O corpus deste estudo é constituído de textos escritos, coletados em interações ocorridas em comunidades virtuais, através do Orkut. No caso da comunidade caratinguense, as interações aconteceram entre dezembro de 2004 a junho de 2005 (anexo B) e totalizam 23 textos. Na segunda comunidade, as discussões iniciaram-se em 2006 e foram concluídas em 2008 (anexo C), perfazendo 75 textos. Do total de 98 textos que compõem as interações foram analisados 62. Entretanto, para fins de compreensão, os textos produzidos foram mantidos na íntegra nos anexos.

Para a coleta dos dados ingressei como membro e participei das discussões propostas. A escolha das duas comunidades justifica-se pelo fato de que, no período da coleta dos dados, eu possuía algum vínculo com a comunidade escolhida. Identifiquei-me como pesquisadora apenas para o gerenciador da comunidade, pois meu objetivo era que minha participação não interferisse na forma de produzir dos textos.

Alguns textos produzidos foram retirados e essa retirada justifica-se pelos seguintes motivos: a- textos já postados anteriormente; b- notícias publicadas *on line*, cuja autoria não era do participante da comunidade; c- textos que continham ofensas pessoais, tendo em vista que o participante que assim procedia era excluído da comunidade e seus textos deixavam de figurar no fórum de discussão.

Essas interações são assíncronas e isso permite que o produtor do texto possa visualizá-lo antes de submetê-lo à página de discussões da comunidade. É possível inserir *emoticons*, desenhos, cores, formatar a fonte, etc. O texto, depois de submetido, passa a

teste qui-quadrado que verifica a probabilidade de erro no momento da análise dos dados. Normalmente são considerados estatisticamente significativos os valores de significância menores do que 0,05.

figurar no fórum de discussão da comunidade. Caso o participante queira enviar uma mensagem endereçada a algum dos participantes da comunidade, poderá fazê-lo por meio de um *scrap*, recado que somente constará no *profile* do participante. Este recebe em seu correio eletrônico um e-mail comunicando-lhe da mensagem recebida. Outra forma é através de depoimento. Nesse caso, o texto pode ou não tornar-se público. Nas análises, não tivemos acesso a depoimentos, mas somente aos textos postados nas páginas da discussão.

O tema é proposto pelo gerenciador da comunidade e este pode excluir algum participante, caso o mesmo não observe as normas instituídas para participar.

5.4 Procedimentos de análise

Para fins de análise, os textos constantes nas duas interações foram submetidos a uma primeira segmentação, considerando-se cada texto como um bloco semanticamente coeso. Cada bloco recebeu um número para identificação. Data e horário influenciaram na divisão, uma vez que ao submeter o texto na comunidade, data e horário são registrados.

Os textos da comunidade caratinguense receberam uma nova segmentação. A seguir, detalharemos os procedimentos adotados.

5.4.1 A segmentação dos textos presentes na comunidade caratinguense

A fim de verificarmos a aplicabilidade do modelo proposto, os textos presentes na página de discussão da comunidade caratinguense foram submetidos a uma nova segmentação. Era necessária uma segmentação que não se restringisse apenas à divisão oracional, nos moldes tradicionais. Por outro lado, a segmentação deveria preservar a coerência temática e relações lógico-semânticas. Optamos, portanto, por uma primeira segmentação em proposições que chamamos de enunciado⁵³.

⁵³ Há, na literatura, diferentes formas de se referir aos segmentos linguísticos efetuados a partir de uma segmentação baseada em critérios semânticos. Haliday (1976) denomina-os de unidade de informação e Chafe trabalha com unidades de entonação. O termo enunciado, para a Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), refere-se a uma unidade linguística mínima, interpretável pragmaticamente e capaz de veicular uma ilocução (domínio de ação). Raso et al (2007) esclarecem que, diferentemente da frase que precisa de uma interpretabilidade semântica, o enunciado não precisa verbo e pode ser constituído por apenas uma interjeição, desde que num contexto em que realize uma ilocução. Para os autores, uma interjeição como *hum hum*, em resposta a uma pergunta do tipo *Você que é o João?* pode ser interpretada como uma resposta afirmativa, constituindo-se um enunciado.

Esclarecemos que ao usar o termo enunciado não estamos equiparando as proposições segmentadas às categorias presentes na Teoria da Língua em Ato, uma vez que os estudos de Cresti (2000) foram baseados em textos orais e um dos critérios adotados pela pesquisadora é o perfil entoacional. Entretanto, procuramos manter a interpretabilidade pragmática e unidade semântica dos trechos.

Foram identificados 140 enunciados e cada um recebeu um número para identificação (anexo A). Detalhamos alguns índices relevantes que nos orientaram na segmentação do texto.

I - Na segmentação poderíamos nos valer das marcas de pontuação. Tal decisão estaria de acordo com postulações de Chafe e Danielwicz citado por McCleary:

Assumimos que a linguagem escrita tem uma cobertura prosódia, que é análoga à de língua falada: que ambos, escritores e leitores, atribuem intensidade, ênfase, e pausas para a língua em que escrevem e lêem. Assumimos também que um aspecto importante desta prosódia é a atribuição de entoação às unidades limites da linguagem escrita. Assumimos, por último, que estes limites são, pelo menos, razoavelmente bem indicado pela pontuação... Assim, quando usamos o termo unidade de entonação com referência à escrita estamos nos referindo a trechos de linguagem entre os sinais de pontuação. (Chafe; DANIELWICZ apud McCleary, 1996, p.76):

Entretanto, é preciso considerar que embora os sinais de pontuação⁵⁴ sejam marcas relevantes, não podem ser os únicos parâmetros a serem utilizados, uma vez que seu emprego adequado pressupõe uma proficiência do escritor em marcar o texto com pausas e isso, às vezes, não acontece no texto mediado pelo computador, seja pela diversidade dos perfis de usuários, seja pela urgência em submeter o texto para discussão, ou ainda, pelo registro usado pelo produtor. O que nos parece é que essa oscilação em relação ao uso da pontuação pode ser uma característica de alguns gêneros digitais.

A título de ilustração, vejamos como são empregados alguns sinais de pontuação no corpus:

- a) Ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, parênteses, ponto e vírgula, geralmente aparecem marcando término do enunciado. Por outro lado, pode também aparecer um enunciado sem nenhuma marca de pontuação. Exemplo:

*Não sou de Caratinga ...
estudo aew soh...
mas pra mim eh o Patrick .
Aquele eh uma figuraaaaaaa*

⁵⁴ Nos textos aqui analisados não só os sinais de pontuação representam a prosódia ou o nível suprasegmental (aspectos da fala não identificáveis no segmento, mas que constituem a fala. Ex. Melodia, intensidade, ritmo de fala, taxa de elocução). Recursos como emoticons que sinalizam a atitude e emoção do falante na produção de fala (o falante estava triste, alegre, nervoso, etc), a repetição de letras – especialmente as vogais- que sinalizam alongamento do som na palavra (figuraaaaaaa), a escrita de uma palavra com letras maiúsculas, sinalizando intensidade (volume alto/ baixo).

- b) Geralmente, os parênteses aparecem isolando algum comentário feito pelo internauta e indicam uma pausa na entonação, como mostra o exemplo:

- Texto 9... 6/1/2005 13:30
 caxambu
 (figurassa!)
 skisse tubisquis
 7 saias
 (mto foda)
 mutchatcho

- c) Nem sempre o uso da vírgula ocorre de acordo com as normas instituídas pela gramática. Vejamos o excerto abaixo, extraído do texto 11:

*sorte do índio que ele esta em caratinga,
 se fosse em brasília ao inves de concorrer a celebridade ele estaria concorrendo a
 tocha humana....*

No exemplo, a vírgula seria uma opção para separar a oração intercalada *ao inves de concorrer a celebridade*. Muitas vezes, outros sinais de pontuação não são empregados mas, a própria organização textual indica o término do enunciado, pois fica evidente que a tecla *enter* foi acionada. É o que acontece quando o texto está organizado em forma de lista, como exemplifica o excerto abaixo:

*T3-Opções 1/1/2005 08:30
 8 - Índio que anda pela rua
 9 - Peter
 10- SKATristes
 11- Roqueiros derrotas
 12- Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi*

Visto que os sinais de pontuação podem funcionar como pistas auxiliares, mas não como o único critério, justifica-se a necessidade de considerarmos aspectos semânticos e pragmáticos, a fim segmentar o texto em enunciados e identificarmos as unidades informacionais de inciso.

II - Discurso direto: Os trechos com discurso direto foram segmentados e seus enunciados, analisados separadamente.

III - Enunciados que apresentam dois verbos: Em algumas passagens do corpus encontramos enunciados estruturados em torno de dois verbos, como mostram os exemplos a seguir:

*T4- Opções 1/1/2005 08:32
 16- Um cara que **anda** pela rua **fazendo** propaganda de loja
 17- Quem **anda mexendo** em celular*

Os trechos em negrito apresentam uma estrutura formada por dois verbos (anda mexendo, anda fazendo) onde um verbo flexionado acompanha uma forma nominal (gerúndio, particípio, infinitivo). Embora alguns autores (LONGO, 2002) achem necessário definir se a estrutura constitui um complexo unitário⁵⁵, ou por apresentar dois verbos plenos constitui duas unidades oracionais, optamos por considerá-la como um enunciado apenas⁵⁶ e, para diferenciá-los daqueles que possuem apenas um verbo, eles foram agrupados sob o rótulo de enunciados complexos⁵⁷.

IV- Títulos, *links*: São relevantes no discurso produzido e constituem um enunciado.

PASSARIM

*Bom, não sei por onde ele anda mais,
mas era um velho cachacero
que todo lugar que ele tava
a moçada começava a gritar "'AO PASSARIM'"*
[...]

Esqueceram dele

*O maior figura morava na Santo antonio
e gritava o tempo inteiro "sai de mim pobreza",*
[...]

Nos dois casos podemos perceber que o título indicia o ponto de vista do participante. Nem todos os textos produzidos apresentam o título, revelando, com maior clareza, a fluidez entre oralidade e escrita nos textos da Internet.

V - Alguns marcadores conversacionais linguísticos⁵⁸, como *caraca, caramba, bom, pqp! soh figura, mo figura*: São relevantes no processamento discursivo, uma vez que indiciam sentimentos do falante. O critério de sinais de pontuação também não podem ser os únicos considerados, pois, às vezes, eles não são empregados. Como leitores e falantes da língua portuguesa sabemos que expressões como *caramba, caraca* são interjeições,

⁵⁵ Perífrase/locução verbal formado por um verbo auxiliar seguido de uma forma nominal.

⁵⁶ Opção diferente da Gramática do Português Falado. Longo e Campos (2002) propõem critérios para identificar perífrases: (i) o da impossibilidade de desdobramento da oração; e (ii) o da existência do sujeito único. As autoras ressaltam que os dois critérios estão intimamente ligados e se pudermos desmembrar o grupo verbal em dois núcleos oracionais, não teremos perífrases/locuções. Como optamos pela divisão em enunciados, acreditamos que os sinais de pontuação presentes são pistas que indiciam o término do enunciado.

⁵⁷ O termo não apresenta a acepção dada por Cresti. Novamente, esclarecemos que, para a Teoria da Língua em Ato, a segmentação em enunciados considera o perfil entoacional.

⁵⁸ Podem ser entendidos como segmentos: "(i) sintaticamente independentes do verbo (ii) constantes de um ou de mais de um item lexical, ou mesmo de expressões não lexicais, (iii) funcionando no monitoramento da conversação e na organização do texto, (iv) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade." Segundo Castilho, os marcadores discursivos verbalizam o monitoramento da fala, sendo frequentemente vazios de conteúdo semântico, portanto, irrelevantes para o processamento do assunto, porém altamente relevantes para manter a interação (CASTILHO, 2002, p.47).

portanto, veiculadas com uma entonação diferenciada, além de possuírem interpretabilidade pragmática.

Após a segmentação do corpus em 140 enunciados, evidenciou-se a necessidade de validar a divisão realizada. Para isso, elaboramos um experimento com o objetivo de verificar a aceitabilidade dos falantes em relação à segmentação apresentada.

5.4.1.1 Descrição do experimento

Para investigar a aceitabilidade dos participantes em relação à segmentação realizada, da lista dos 140 enunciados, selecionamos, aleatoriamente, uma amostragem de 14 trechos, correspondendo a 10% do total de enunciados constantes na primeira interação. Definimos que o primeiro enunciado, por conter o tópico central da discussão, seria apresentado e os demais cuja terminação possuísse o algarismo 01 na unidade, fariam parte da amostra. Os trechos foram organizados em uma lista, numerados de 01 a 14. Explicamos aos participantes que se tratava de uma interação pelo computador através de fóruns de discussão pelo Orkut. Apresentamos o tópico da discussão, mas não colocamos o modelo da página de discussões, pois nosso objetivo era verificar a aceitabilidade dos sujeitos em relação ao segmento analisado.

A tabela abaixo evidencia a descrição da amostra, a partir da categorização apresentada anteriormente:

Segmento apresentado	No. de ocorrências	Frequência	Excertos
Expressões nominais	03	21,4%	(1) <i>Maior figura de Carating 30/12/2004 19:39</i> (2) <i>Peter</i> (3) <i>outras figuras 2/1/2005 09:17</i>
Discurso direto	01	7,2%	(10) <i>"AO PASSARIM"</i>
Enunciados simples	06	42,8%	(5) <i>O Peter é o maior!! 6/1/2005 05:37</i> (8) <i>Outro dia ele bateu a cara no vidro do Chuletão, com a casa cheia!!</i> (11) <i>E o nome dele era Carlinhos</i> (12) <i>Outro figura é o STRICS STRICS...</i> (13) <i>e esqueceram tb vics tricks...</i> (14) <i>mais todas as figuras citadas eu conheci</i>
Enunciados complexos	03	21,4%	(4) <i>realmente, o cara que anda de bicicleta fazendo barulho de moto é o mais bizarro pra mim, pq sempre levo susto qnd ele passa</i> (6) <i>acho q uma das maiores diversoes da minha infancia era mexer c os doidos q tinha na cidade..</i>
Riso	01	7,2%	(9) <i>hahauhauhahu</i>
Total	14	100%	

Quadro 3: Descrição da amostra sem o contexto

Teste qui-quadrado para a tabela 1

Enunciado em contexto?	qui-quadrado	df	p-valor
não	17,106	8	,029
sim	15,222	8	,055

Como dito anteriormente, o teste qui-quadrado mede a associação entre a variável “tipo de enunciado” e a variável “segmentação aceitável”. Conclui-se, a partir do p-valor (valores menores do que 0,05 são estatisticamente significativos), que:

- 1) Para os enunciados “sem contexto”, existe diferença estatisticamente significativa entre os efeitos dos tipos de enunciado, em relação à questão “segmentação aceitável”.
- 2) Para os enunciados “com contexto”, não existe diferença estatisticamente significativa entre os efeitos dos tipos de enunciado, em relação à questão “segmentação aceitável”. Grande parte dos efeitos aproximam-se de 100%.

O gráfico, a seguir, representa a tabela 1.

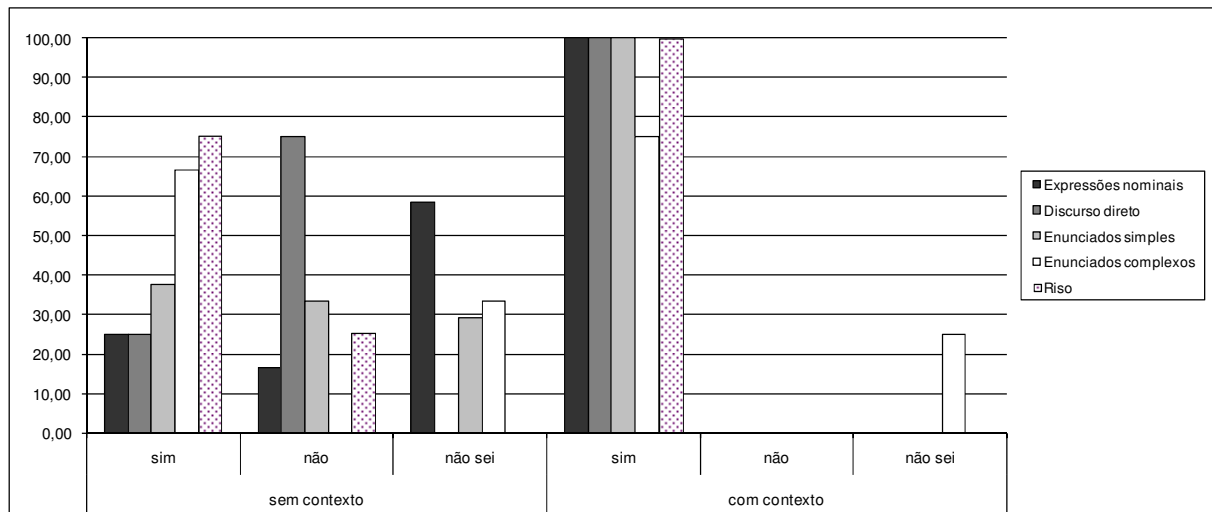


Gráfico 1: Resultado do experimento

O gráfico anterior mostra que a aceitabilidade da segmentação é praticamente categórica quando o enunciado está inserido em um contexto.

Uma reorganização da tabela 04 (conforme o gráfico apresentado a seguir) permite-nos testar estatisticamente a significância entre os pares sim (em contexto/sem contexto), não (em contexto/sem contexto) e não sei (em contexto/sem contexto).

O gráfico a seguir apresenta a tabela 4 reorganizada para contraste entre “sem contexto” e “com contexto”

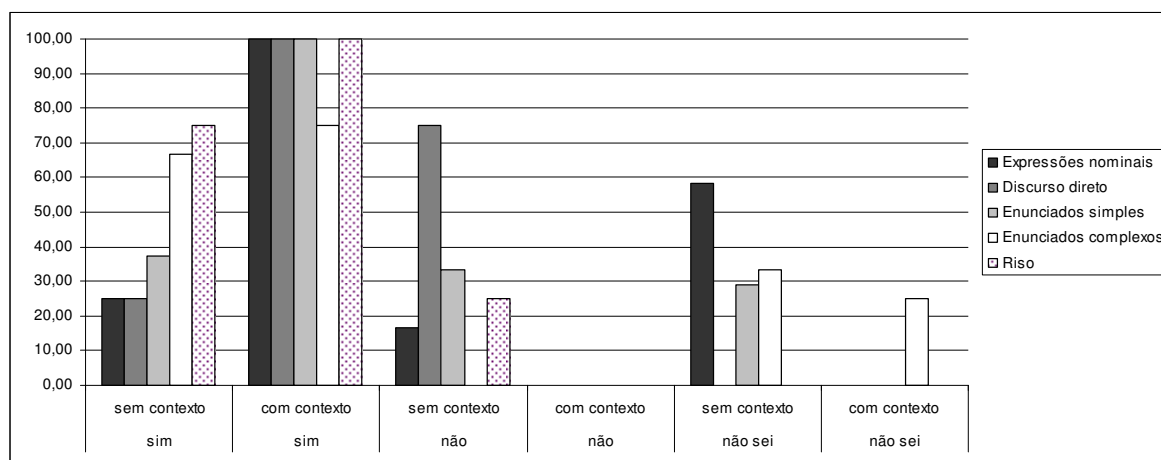


Gráfico 2: Resultado do experimento

A tabela a seguir apresenta o teste qui-quadrado para “sim” e “não sei” (o teste não pode ser feito para a resposta “não” “com contexto” já que ela é categórica, ou seja, igual a 0).

	qui-quadrado	df	p-valor
sim	42,927	4	< 0,001
não sei	40,389	4	< 0,001

Conclusão:

Existe diferença estatisticamente significativa para as respostas: “sim”, “não” e “não sei” quando estão em contexto ou quando estão fora de contexto. O contexto favorece a identificação e a aceitação dos enunciados como “com sentido”.

5.4.1.3 Discussão dos resultados

Os resultados do experimento nos permitem concluir que a aceitabilidade ou não de um enunciado é dependente do contexto, pois este garante a interpretabilidade pragmática dos mesmos. Na análise dos dados sem o contexto percebemos que os segmentos com maior aceitação são aqueles formados por enunciados complexos como *realmente, o cara que anda de bicicleta fazendo barulho de moto é o mais bizarro pra mim, pq sempre levo susto qnd ele passa*. Também o segmento que apresenta o registro do riso foi bem aceito pelos participantes e a justificativa mais comum era de que se tratava de um riso/gargalhada.

Por outro lado, os excertos que tiveram menor aceitação encontram-se no grupo do discurso direto como *‘ao passarim’*. O excerto apareceu entre aspas e não havia presença do verbo dicendi. Na justificativa, as explicações eram de que o excerto não permitia a compreensão do sentido.

Um dado relevante para nossa análise é o fato de que, no caso das expressões nominais, como *“maior figura de carating”* e *“Peter”*, dentre as justificativas dadas pelos participantes encontramos explicações como: *“não há sentido completo pois não sei a que figura a segmentação se refere”*, *“o trecho permite presumir uma infinidade de coisas. A pessoa se apresenta? Alguém diz o nome de outra pessoa?, ou ainda, “é legenda? É diálogo?”*. Tais respostas apontam para dois pontos chave: como os participantes não possuem conhecimentos prévios sobre a comunidade caratinguense e seus personagens, torna-se difícil construir sentido para o texto e, conseqüentemente, concordar com a segmentação apresentada. Também no caso de enunciados simples com estrutura canônica Sujeito+ Predicado, em que poderíamos supor uma maior aceitação pelos participantes, tal fato não aconteceu. As explicações dadas pelos participantes podem ser exemplificadas pelos seguintes motivos: *“é possível perceber que se trata de uma continuação de conversa ou uma concordância, mas sem entender vicks tricks é impossível apreender o sentido do trecho”* e outros afirmaram não entender nada. Tais considerações reforçam a importância do contexto para garantir a interpretabilidade pragmática desses excertos, e essa pode ser uma influência da oralidade no texto escrito: a dependência do contexto extralinguístico.

No segundo momento do experimento, embora os excertos analisados tenham sido os mesmos, o contexto fez uma grande diferença para que os informantes pudessem analisar a segmentação apresentada. No caso dos enunciados simples, que apresentaram um percentual alto de discordo e não sei, a apresentação do excerto no contexto provocou a justificativa dos informantes com explicações como: *concordo, depois de ver o texto, que complementa, percebi o que ele (o internauta) queria dizer*. No caso das expressões nominais, fato semelhante aconteceu e uma das justificativas é a explicação de que *além da figura ilustrativa, o excerto refere às opções de nomes para escolha*. O trecho com discurso direto, na primeira parte do experimento, mesmo aparecendo com aspas, um dos recursos para indicar a voz do outro, não teve a segmentação validada pelos informantes. Quando o segmento foi apresentado no contexto, os participantes concordaram com a segmentação. Um dos argumentos empregados pelos participantes foi que só era possível *avaliar a segmentação se atrelada ao contexto, caso contrário, o trecho perde completamente o sentido*. Em outros enunciados, como títulos e trechos entre parênteses, o mesmo fato aconteceu.

5.4.2 A segmentação dos textos presentes na comunidade do bairro Coração Eucarístico.

Como o objetivo desta pesquisa era analisar as unidades metalinguísticas e estas se configuram, geralmente, como unidades informacionais de incisos, adotamos critérios pragmáticos e semânticos⁵⁹ para identificá-los, uma vez que nosso objetivo era propor uma categorização dos mesmos a partir do elemento colocado em foco.

5.4 Considerações finais

Propusemos que a categoria unidades de informação pode ser aplicada não só à análise de textos orais mas também à análise de textos escritos, mediados por computador. Os experimentos nos mostraram que, no corpus analisado, estas unidades devem ser consideradas em um contexto maior, pois é ele quem garante a interpretabilidade pragmática desses excertos.

O próximo capítulo apresenta as análises e uma proposta de categorização das unidades metalinguísticas encontradas.

⁵⁹ Agradeço à pesquisadora Emanuela Cresti pela orientação em considerar os aspectos semânticos e pragmáticos a fim de identificar as unidades de informação que funcionam como incisos.

6 ANÁLISES

6.1 Introdução


Neste capítulo, os objetivos propostos são: (i) investigar as estratégias de referência metalinguística nas interações mediadas por computador, explicitando mecanismos sócio-cognitivos subjacentes nesse processo de referência; (ii) propor uma categorização para as unidades metalinguísticas. Partimos da hipótese segundo a qual as estratégias linguísticas que implementam a referência metalinguística no processamento de textos mediados pelo computador são relevantes e podem ser compreendidas como um fenômeno sócio-cognitivo-interacional, portanto explicitadas a partir dos processos cognitivos de perspectivação, focalização e gerenciamento de atenção.

Na primeira parte deste capítulo, apresentaremos uma página de um fórum de discussões de uma comunidade virtual no Orkut e selecionaremos alguns textos para exemplificar a aplicação do modelo. A seguir, apresentaremos trechos significativos presentes no corpus, a fim de explicitarmos o processo de referência metalinguística, e procederemos à categorização a partir do elemento colocado em foco.

6.2 O Espaço Discursivo Corrente e os textos produzidos na Internet

Examinemos o texto a seguir, produzido em um fórum de discussão⁶⁰:

⁶⁰ Nesta página, retiramos as fotos presentes.



[Caratinga](#)
(2383 membros)

 [ver perfil](#)

 [ver eventos](#)

tópico: **Maior figura de Carating**
primeira | < anterior | [próxima >](#) | [última](#)

 **anônimo**
[Rafael](#)
Maior figura de Carating 30/12/2004 19:39
Pra você qual o maior figura de Caratinga? Pense bem, abaixo vão algumas dicas:

 **anônimo**
[Guilherme](#)
31/12/2004 13:23
Não sou de Caratinga ...
estudo aew soh...
mas pra mim eh o Patrick ... aquele eh uma figuraaaaaaa

 **anônimo**
[Rafael](#)
Opções 1/1/2005 08:30
1 - Índio que anda pela rua
2 - Peter
3 - SKATristes
4 - Roqueiros derrotas
5 - Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi

 **anônimo**
[Rafael](#)
Opções 1/1/2005 08:32
6 - Quem sonha em ser Maurício e Patrícia
7 - O auto desse texto
8 - Um cara que anda pela rua fazendo propaganda de loja
9 - Quem anda mexendo em celular pra mostrar que depois de 3 anos de economia conseguiu um de tela azul
10 - Funqueiros loiros

 **anônimo**
[Thales](#)
outras figuras 2/1/2005 09:17
--> Tuty
--> Mutchatcha
--> Tony Eduart
--> O Xuxa (esse tá sumido)
--> O kra que anda de bicicleta imitando moto
--> Jefinho do SEMEAR
--> Zezé da APAE

 **anônimo**
2/1/2005 16:41
hahahahaha... realmente, o cara que anda de bicicleta fazendo barulho de moto é o mais bizarro pra mim, pq sempre levo susto qnd ele passa

 **anônimo**
[Thaís](#)
Concordo 5/1/2005 03:27
Concordo com vcs... O Tuty, o Peter, o Xuxa, o Tony Eduart (sei lá como escreve!!!) são todos figuras... só não sei qual deles e o mais louco!!!!

 **anônimo**
O Peter é o maior!! 6/1/2005 05:37
O Peter Pan, meu amiguinho, é o maior!!
Ele é ator, repórter, produtor, poeta, câmera-man, dançarino... 🤪 Anda em câmera lenta, te ensina a história da Fada Sininho e é um doce de pessoa!
E o melhor: consegue fazer de bobo a quem pensa que ele é bobo!
O Pedrinho é o maior!! 😊

 **anônimo**
[Roberto](#)
... 6/1/2005 13:30
acho q uma das maiores diversoes da minha infancia era mexer c os doidos q tinha na cidade.. e como tinha doido, pqp! soh figura:
-> caxambu (figurassa!)
-> skisse tubisquis
-> 7 saias (mto foda)
-> mutchatcho (quem tinha coragem de mexer c ele?!)
-> cata-toco!
-> filho do coco (peter, experimenta chamar ele desse nome...)
... caramba qta figura!!!!...

 **anônimo**
[Gustavo](#)
Folha Seca 10/1/2005 17:53
Esse velhinho turrão é uma eterna figura Caratinguense!!!

>> [responder ao tópico](#) primeira | < anterior | [próxima >](#) | [última](#)

>> [voltar aos tópicos](#)

A página anterior ilustra a interação por meio do Orkut, um site de relacionamentos, filiado ao *Google*. Os participantes se inserem em comunidades virtuais, cujos integrantes possuem algo em comum. No caso dessa comunidade, os integrantes compartilham o fato de serem provenientes de Caratinga, exercerem alguma atividade lá, ou, ainda, simplesmente conhecerem o lugar. Esta página de interação se configura como um espaço multimodal/hipertextual e integra diversos recursos semióticos. A ilustração da estátua do “Menino Maluquinho”, ativa informações sobre o escritor Ziraldo, filho caratinguense. Encontramos o número de participantes da comunidade e vários links que permitem ao usuário conhecer o perfil de cada integrante, saber os eventos e também as discussões desta comunidade. Permitem, ainda, navegar em outras páginas e ir para outras páginas e participar de outras discussões. Essa nova discussão se configura como uma nova interação, apresentando uma outra base formada por outros participantes, novos conhecimentos compartilhados, outros temas a serem discutidos e diferentes objetivos a serem alcançados. Como o computador possibilita a formação de uma rede, podemos afirmar que há uma integração entre essas diversas interações, formando uma “rede comunicante”.

Essa comunicação intermediada pelo computador configura-se como uma instância real de uso da linguagem, portanto, um evento de uso. Há um espaço dinâmico, interacional, que engloba interlocutores (falante/ouvinte; escritores/leitores), os conhecimentos construídos e compartilhados e, também, condições de tempo e espaço. Tais elementos são básicos na implementação desse espaço discursivo e os participantes atuam colaborativamente nessa construção. Os interlocutores que participam dessa interação são todos aqueles que debatem o tema proposto ou, simplesmente, lêem os textos ou trechos no momento em que ao navegarem pela Internet, abrem a página de discussão da comunidade. Esses participantes podem se identificar ou não (alguns inserem fotos que podem ser verdadeiras ou não) e o objetivo desses internautas é interagir, expor opiniões e pontos de vista.

A figura a seguir ilustra fatores envolvidos nessa interação.

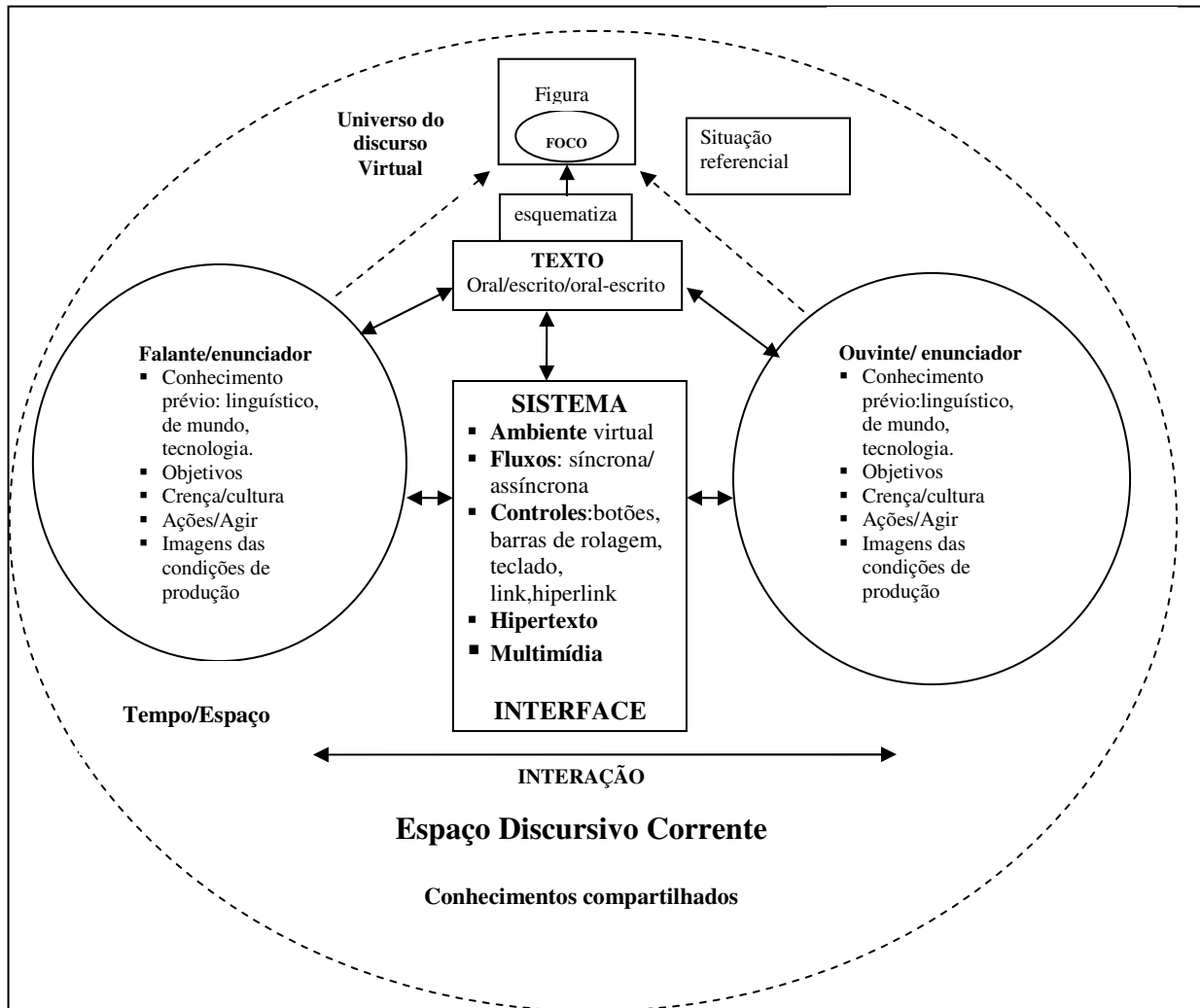


Figura 31: O processo de interação verbal em um ambiente virtual⁶¹
 Fonte: adaptado de SINHA, 2005, p.325

É preciso que os participantes estabeleçam um foco de atenção conjunta para garantir que a interação ocorra. Cada enunciador, ao produzir o seu discurso, aciona os controles presentes no teclado de seu computador e seleciona as opções a fim de que a versão final de seu texto seja aquela que deseja: cores, desenhos, tamanho, estilo da fonte, presença ou não de *emoticons*, etc. Imediatamente, o texto aparece configurado na tela e o usuário pode decidir por submetê-lo ou modificar algum detalhe. Por isso, a seta cheia sinaliza mão dupla entre o texto e o sistema, entre o sistema e o enunciador, e entre este e o texto, num movimento recursivo.

Os textos produzidos veiculam opiniões e comentários sobre este tema. Os conhecimentos compartilhados entre os internautas é que permitirão construir,

⁶¹ A linha pontilhada representa a construção mútua de uma situação referencial pelo falante e pelo ouvinte dentro de um universo intersubjetivamente compartilhado do discurso. (SINHA, 2005).

colaborativamente, a referência. Cada texto produzido, ao ser submetido na página da comunidade, apresenta data e horário - fatores de contextualização.

Cada texto produzido por um internauta/ escritor se refere ao anterior e/ou ao tópico proposto na comunidade e funciona ora de maneira prospectiva, ora retrospectiva, permitindo que se estabeleça uma coerência entre todos os textos e a discussão proposta na página da comunidade. As estratégias linguísticas são variadas e os textos conjugam a linguagem verbal a outros recursos semióticos como *emoticons*, registro de risos, alongamento de vogais, ilustrações etc.

O gerenciador da comunidade elege um tema central para a discussão: *Maior figura de Caratinga*. Este enunciado configura-se como um evento de uso: uma expressão linguística que engloba uma conceitualização abrangente. Além disso, permite estabelecer um foco de atenção conjunta entre os participantes da comunidade.

Bastante esquemática, esta expressão linguística permite que uma série de elementos sejam referenciados, como, por exemplo: maior figura caratinguense na música, na literatura, na política, popular e assim sucessivamente. Enfim, esta expressão corresponde ao escopo máximo de atenção. Cognitivamente, ocorre um processo básico da cognição humana: a perspectivização. É este processo que permite aos interactantes uma apreensão global e organizada do cenário discursivo, a saber: ausência da interação face a face, o suporte tela do computador mediando a interação, o texto escrito produzido pertencente ao domínio público, uso de estratégias linguísticas que caracterizam a modalidade oral e a escrita, o emprego de múltiplos recursos semióticos, a possibilidade de formatar o texto empregando fonte e cores diversas, etc.

O enunciado *maior figura de Caratinga* configura-se como uma expressão nominal e funciona como instrução para implementar o Espaço Discursivo Corrente. Uma vez implementado esse espaço, os enunciados produzidos pelos participantes trazem pequenas porções de informações que funcionam como molduras de atenção e servirão para ampliá-lo. Essas pequenas porções de informação são bipolares e constituem-se no emparelhamento de uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica (sons, gestos e representações gráficas).

Considerar o texto (1) a seguir:



Maior figura de Caratinga 30/12/2004 19:39

Pra você qual o maior figura de Caratinga? Pense bem, abaixo vão algumas dicas:

Figura 32: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Através do título *Maior figura de Caratinga*, o internauta retoma o assunto proposto na discussão. Essa retomada é uma estratégia linguística que permite a progressão textual e, ao mesmo tempo, mantém presente na memória o foco de atenção, considerando-se que essa interação não ocorre face a face. O negrito destaca a expressão, que está seguida de elementos como data e horário, importantes para contextualizar o discurso produzido. O enunciado *Para você qual o maior figura de Caratinga?* estrutura-se, linguisticamente, como uma pergunta, parte integrante do par adjacente pergunta-resposta. Tal configuração formal é uma estratégia para buscar a participação do outro nessa comunidade e permite que os participantes opinem sobre a temática proposta. A expressão *Para você* estabelece uma interlocução direta e deixa clara a intenção do internauta/escritor em sinalizar para que o interlocutor compartilhe cognitivamente dessa interação. A escolha dessa expressão é intencional e evidencia uma faceta importante do gerenciamento discursivo: não basta apenas iniciar a interação, é preciso que ela seja mantida, considerando-se, principalmente, a possibilidade de interagir com pessoas conhecidas apenas virtualmente. No enunciado *Pense bem*, há ênfase ao papel do ouvinte como interlocutor e o imperativo codifica essa ênfase linguisticamente, uma vez que não há um agente explícito, ordenando/sugerindo que o ouvinte/interlocutor pense bem.

Em *abaixo vão algumas dicas*, o internauta se propõe a apresentar algumas dicas sobre os itens a serem votados pelos participantes da comunidade.

Cada enunciado proferido traz uma porção de informação. Estas porções são produzidas em um contexto próprio, observando-se as contingências temporais desse discurso. Semanticamente, desenvolve-se um pensamento global: a apresentação do tema a ser discutido pelos participantes que compartilham conhecimentos sobre a situação comunicativa, sobre o modo de circulação desses textos produzidos, sobre a cultura, dominam os controles presentes no teclado do computador, enfim, possuem os conhecimentos necessários para participar desta interação mediada pelo suporte computador.

A fim de tornar mais claro esse processo de interação, analisemos o texto (2), a seguir:

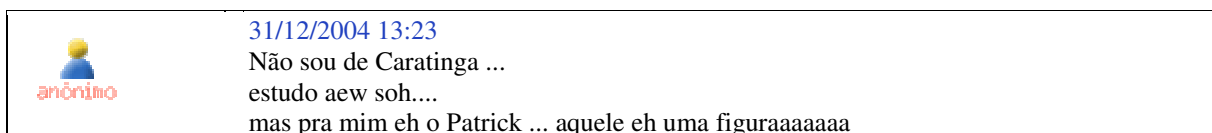


Figura 33: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

O texto (2) transcrito (Fig. 33) não pode ser considerado como um simples sucessor do texto anterior. Além de ser produzido como continuação ao texto (1), ele também retoma retrospectivamente o enunciado presente no tópico proposto na discussão. O internauta participante assume a posição de falante e institui-se como enunciador. Data e horário indicam as circunstâncias temporais da produção desse discurso e os enunciados presentes configuram-se como estruturas que ampliarão o espaço discursivo implementado. O enunciado *Não sou de Caratinga...* apresenta o enunciador, indiciado pelo dêitico *eu*, implícito na estrutura. A expressão *estudo aew soh* é uma estratégia discursiva e o termo *aew* retoma o referente Caratinga, presente no enunciado anterior. Ao dizer que apenas estuda em Caratinga, o enunciador procura preservar a face, pois poderia ser questionado por estar emitindo opinião em uma comunidade caratinguense. O enunciado *mas pra mim eh o Patrick* refere-se à pergunta presente no texto (1) transcrito (Fig. 32) e deve ser interpretada como a opinião do enunciador sobre a *maior figura de Caratinga*. O *mas* estabelece a oposição entre a idéia de não ser de Caratinga e o fato de emitir uma opinião. Continuando o discurso, o enunciador acrescenta o enunciado *aquele eh uma figuraaaaaaa*. O pronome *aquele* indica que seu referente já foi introduzido e se encontra presente na memória, devendo ser retomado cognitivamente pelo participante.

A forma de grafar o enunciado *aquele é uma figuraaaaaaa* é uma tentativa de destacar a estrutura fonológica. Ao marcar na escrita a repetição de vogais, o enunciador procura indicar uma entonação enfática. Entretanto, é preciso ressaltar que na oralidade esse alongamento vocálico seria marcado na sílaba tônica. O registro da duração da vogal é relevante, uma vez que o objetivo do internauta é marcar um efeito semântico que se consegue através da prosódia. É interessante ressaltar a orientação argumentativa evidenciada pela representação icônica do *a*, indicando que não se trata de uma figura qualquer, mas de uma figura que, por algum motivo, se destaca.

A presença das reticências parece corresponder a uma sintaxe marcada por interrupções, comum na língua falada. Percebemos que o planejamento e a verbalização do

texto aconteceram muito próximas e o internauta não procedeu a uma correção para adequar os vocábulos *aew soh* à forma ortográfica da língua.

Vejamos como prossegue essa interação, a partir da análise do texto abaixo:


 anônimo Rafael	Opções 1/1/2005 08:30 1 - Índio que anda pela rua 2 - Peter 3 - SKATristes 4 - Roqueiros derrotas 5 - Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi
--	---

Figura 34: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

O texto (3) apresenta enunciados que ampliarão e atualizarão o Espaço Discursivo Corrente. Nesse espaço, o título *opções* é relevante para indiciar que o objetivo do internauta é fornecer sugestões aos outros participantes sobre possíveis figuras da cidade caratinguense. A forma como o texto está organizado nos indica o acionamento da tecla *enter*, configurando assim, cada expressão nominal, como um enunciado distinto. Semanticamente, há o desenvolvimento de um pensamento global, qual seja, oferecer possíveis opções para os participantes votarem sobre a maior figura de Caratinga. O enunciado *Opções* retoma retrospectivamente o enunciado *abaixo vão algumas dicas*, presente no texto (1). Os enunciados *Índio que anda pela rua*, *Peter*, *SKAtristes*, *Roqueiros derrotas*, *Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi* não possuem ancoradores nominais. Entretanto, são referenciados como opções para *maior figura de Caratinga*, uma vez que estão associados a esse frame. Compreender por que esses objetos de discurso podem ser referenciados como Figuras de Caratinga requer a ativação de conhecimentos prévios pelos participantes, uma vez que o nível de informatividade do texto sobre tais referentes está relacionado às informações culturalmente partilhadas. Alguém que não tenha conhecimento sobre esses objetos de discurso dificilmente saberá explicar por que eles são considerados destaque na cidade. Outro enunciado interessante é formado pelo sintagma nominal *skatristes*, que evoca conhecimentos partilhados pertencentes a dois domínios diferentes - skatistas e tristes. Também, aqui, é preciso possuir conhecimentos prévios para entender o porquê de esse objeto de discurso ser referenciado como figura caratinguense.

No processo de referenciação, tradicionalmente, um sintagma nominal indefinido serve para a introdução de um novo referente no discurso⁶². Nesta página analisada, encontramos um número baixo de expressões nominais indefinidas. Tal fato evidencia que o falante acredita que determinados conhecimentos são partilhados por todos aqueles que se inserem na comunidade e participam do fórum de discussão. Em outros termos, mesmo que o referente não esteja acessível ou saliente no discurso, ele se faz presente na memória discursiva. No caso das expressões nominais definidas, notamos que o sentido destas expressões é dependente não só do foco *maior figura de Caratinga*, mas também de conhecimentos supostamente partilhados e ativados no processo de interação. Assim, tais informações não precisam ser introduzidas no discursivo que se desenvolve com indefinido para depois serem selecionadas e colocadas em foco.

Faz-se necessário ressaltar, ainda, a força argumentativa das expressões nominais. Ao longo das interações, o SN *maior figura de Caratinga* é retomado e reformulado a partir de outras expressões nominais, tais como:

- a) o mais bizarro;
- b) o mais louco;
- c) os doidos que tinha na cidade;
- d) o maior peça rara da cidade;
- e) tantos malas;

Tais expressões servem não somente para retomar o referente, mas também para indicar pontos de vista dos participantes. Koch (2002, p.106) ressalta que as expressões referenciais são multifuncionais: indicam pontos de vista, assinalam direções argumentativas, sinalizam dificuldades de acesso ao referente e recategorizam os objetos presentes na memória discursiva.

Em suma, a análise de alguns textos na página de discussões dessa comunidade caratinguense nos permite sistematizar os seguintes aspectos: (i) embora a interação seja assíncrona e o texto produzido seja escrito, características da modalidade oral se fazem presentes: planejamento e verbalização como procedimentos muito próximos, uma sintaxe semelhante à da língua falada, fluxo discursivo marcado por descontinuidade (presença, no texto, de muitas reticências), preocupação em registrar detalhes fônicos, presença de

⁶² Existem estudos amplamente reconhecidos que atribuem ao artigo indefinido a função de introduzir referentes novos em um discurso. Ver, por exemplo Chierchia (2003) e Fauconnier (1994), para citar alguns.

emoticons para indicar sentimentos, e outros; (ii) cada bloco de texto configurando-se como uma totalidade, apresentando argumentos, comentários, opiniões sobre a temática proposta pelo gerenciador, funcionando como o que Cresti denomina de *stanza* ; (iii) a presença de diversas estratégias no interior destes blocos.

Na próxima seção, abordaremos um aspecto específico da referenciação: as estratégias de referenciação metalinguística nas interações mediadas por computador. Tal recorte se faz necessário, uma vez que foge aos objetivos desta pesquisa analisar o funcionamento de todas as estratégias de referenciação. Outro ponto relevante diz respeito à análise da metalinguagem no cerne das discussões sobre referenciação, embasada em uma perspectiva sócio-cognitiva interacional. Acreditamos que o modelo proposto permite explicitar o processamento discursivo de textos que apresentem unidades metalinguísticas/metadiscursivas, evidenciando que tais unidades desempenham relevantes funções no processamento discursivo.

6.3 Referenciação metalinguística nas interações mediadas pelo computador

Uma cena pode ser vista a partir de diferentes perspectivas e os participantes podem focalizar determinados elementos do cenário em detrimento de outros. Os interlocutores, de forma coordenada, focalizam a atenção na mesma entidade conceitualizada. Esse processo é importante, pois evidencia aspectos cognitivos da interação humana: a necessidade de estabelecer um foco de atenção conjunta e de construir a referência de forma colaborativa. Mesmo nos casos em que a interação ocorre virtualmente - e não é possível afirmar que os participantes realmente se conheçam - a necessidade de estabelecer e compartilhar um mesmo foco de atenção evidencia que a linguagem não difere dos outros fenômenos cognitivos.

Seja na linguagem do dia-a-dia ou na interação mediada pelo computador, é muito comum encontrarmos comentários triviais que surgem em um ponto do dizer e fazem com que o discurso constitua-se como um comentário de si mesmo. O falante interrompe a sequência discursiva e coloca em foco o próprio fazer discursivo, a partir da implementação de comentários, avaliações e esclarecimentos sobre a situação comunicativa, sobre os participantes e sobre o referente.

Tal estratégia, conhecida como referenciação metalinguística ou metadiscursiva, pode ser explicitada em termos de seleção e focalização do conteúdo conceitual invocado e se diferencia das outras estratégias (pronominalização, expressões nominais, etc.) justamente por

focalizar não a cadeia referencial implementada, mas colocar em cena aspectos presentes do fazer discursivo.

Esses enunciados metalinguísticos funcionam como incisos, unidades de informação cuja função é servir para que o enunciador comente o conteúdo de sua locução.

Vejamos o texto a seguir, extraído da página analisada em 5.1.

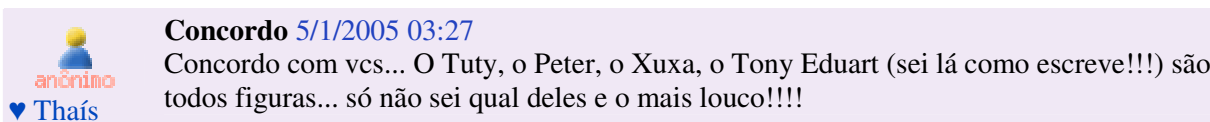


Figura 35: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

No texto (7), o título indica opinião do internauta, reforçada pela enunciado *concordo com vcs*, que perfila uma relação de concordância entre o enunciador com o que foi dito no texto anterior. O trecho *O Tuty, o Peter, O Xuxa, o Tony Eduart (sei lá como escreve!!!) são todos figuras...* apresenta um exemplo de uma unidade informacional de inciso. Após apresentar unidades de tópico – *O Tuty, o Peter, o Xuxa, o Tony Eduart* -, há uma interrupção momentânea na estrutura informacional do texto, codificada pelo uso dos parênteses. O enunciador insere uma unidade informacional de inciso representada pelo fragmento metalinguístico *sei lá como escreve!!!*. Neste inciso, o foco está no discurso, em particular na grafia de uma unidade linguística. O referente é a palavra *Tony Eduart*, que está presente na unidade de tópico. A expressão *Tony Eduart* evoca a conceitualização de um referente construído como objeto de discurso, entretanto, em *sei lá como escreve!!!* é a própria expressão linguística o foco da conceitualização, portanto o objeto de discurso.

Presente nas línguas naturais, a metalinguagem evidencia o enunciado e o processo de enunciação imbricados. Provoca, momentaneamente, a suspensão da cadeia referencial implementada e põe à mostra o próprio processo de construção desse discurso. No modelo proposto, a representação imagética do inciso metalinguístico:

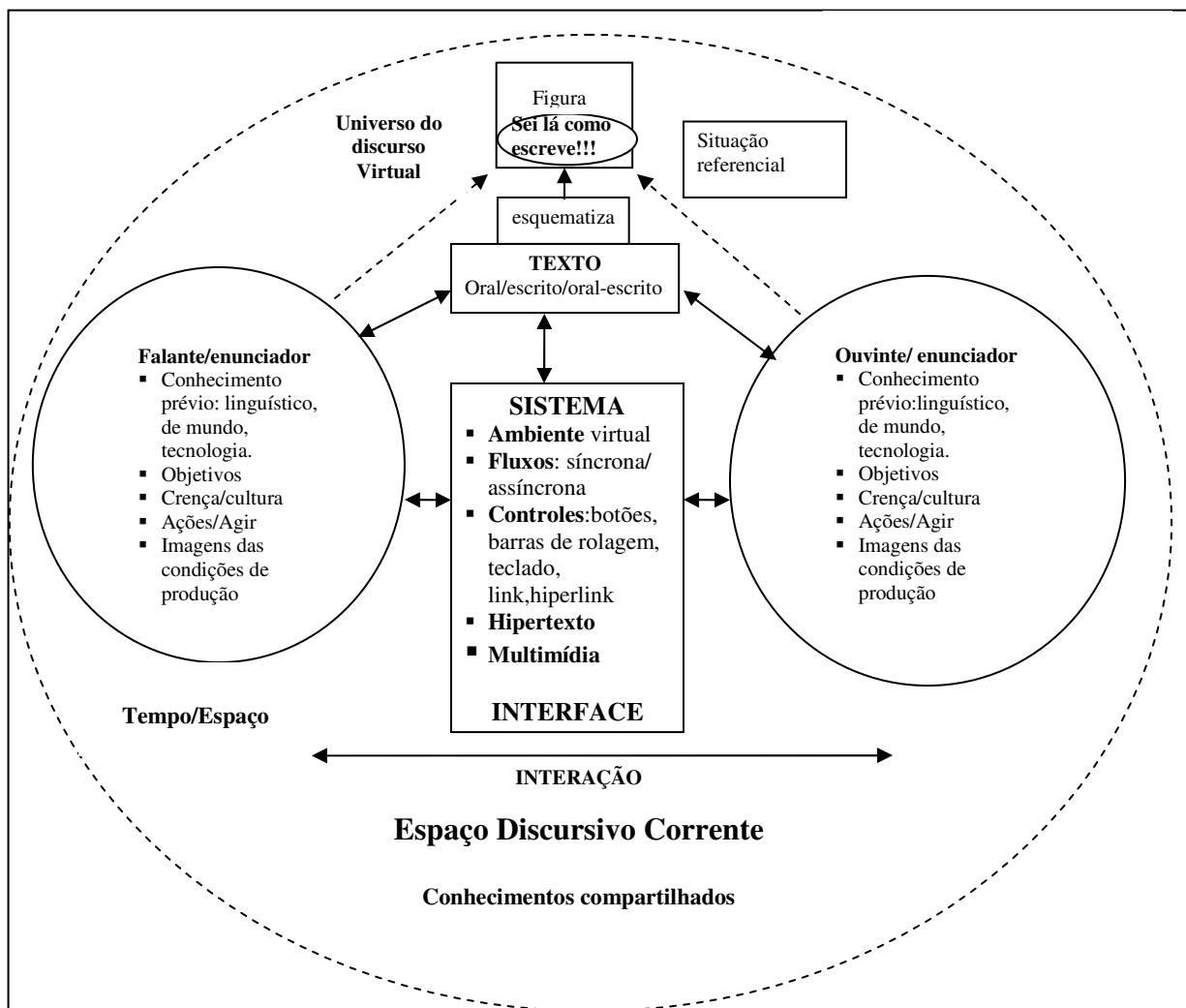


Figura 36: O processo de interação verbal em um ambiente virtual⁶³

Fonte: adaptado de SINHA, 2005, p.325

Na representação acima, o foco é o próprio discurso. A expressão Tony Eduart, conceitualizado como uma das maiores figura de Caratinga, contribui para a progressão textual. O inciso metalinguístico *sei lá como escreve!!!* não faz referência à cadeia discursiva implementada, mantendo-se exterior ao conteúdo proposicional do assunto *maior figura de Caratinga*, portanto não contribui para a progressão comunicativa do texto. Como não faz parte do conteúdo proposicional do texto e não contribui para a progressão textual, poderia ser considerado dispensável. Entretanto, é preciso considerar que ele traz um comentário relevante sobre um aspecto da expressão linguística. O internauta sabe que seu texto será acessado por todos os membros da comunidade, tem ciência das condições interativas em que seu discurso está inserido e de que o computador permite conjugar a dinâmica da língua

⁶³ A linha pontilhada representa a construção mútua de uma situação referencial pelo falante e pelo ouvinte dentro de um universo intersubjetivamente compartilhado do discurso. (SINHA, 2005).

falada à escrita. Como seu objetivo é interagir com os outros, aspectos de ordem interacional presentes na comunicação face a face são tão relevantes quanto o conteúdo informacional⁶⁴. Assim, a função da unidade *sei lá como escreve!!!* é correlacionar a estrutura informacional à atividade discursiva propriamente dita, através do gerenciamento discursivo. Esta estratégia permite que ele não se comprometa com a forma que usou para grafar o referente Tony Eduart e se justifica pela necessidade de preservação da face.

Também é possível encontrar a inserção metalinguística em uma unidade informacional de tópico, como mostra o exemplo a seguir:

E como foi dito anteriormente, não é benefício nenhum aos favelados saírem do lugar aonde estão, acredito que aja um outro interesse em tira-los de lá, pode ser que estejam querendo "limpar a cidade" (como está ocorrendo no centro de São Paulo). T92

No exemplo acima, há duas ocorrências metalinguísticas. A primeira, evidenciada pelo fragmento *E como foi dito anteriormente*, configura-se como uma unidade informacional de tópico e sua função é retomar o discurso proferido anteriormente. A segunda, representada pelo fragmento *como está ocorrendo no centro de São Paulo*, configura-se como unidade de inciso. Sua função é acrescentar uma informação.

Tomando por base a Teoria da Língua em Ato, a inserção metalinguística pode ser encontrada como unidade de comentário, como mostra o exemplo a seguir:

*trazer pro quintal eh uma figura de linguagem.
Quer dizer trazer pra perto...T57*

Enquanto na língua falada há uma demarcação prosódica indicando o desvio do tópico em proeminência, em alguns exemplos apresentados, percebemos o uso dos parênteses na unidade metalinguística. O critério entoacional, indicado por Cresti e que nesta investigação não pode ser considerado, está assinalado, neste exemplo, pelo uso desses parênteses, indicando que nas interações mediadas pelo computador, o uso dos sinais gráficos é uma das estratégias para suprir uma característica básica desse tipo de enunciado – a entonação diferenciada.

A referenciação metalinguística, ao colocar como elemento mais proeminente no cenário discursivo os próprios elementos constitutivos desse discurso, é essencial no

⁶⁴ É preciso considerar que embora o internauta tenha, em tese, tempo para planejar o texto, fazer rascunhos, revisões e correções antes de submeter o texto à comunidade (ações que geralmente acontecem quando produzimos um texto escrito para circular em domínios públicos), isso parece não ocorrer.

gerenciamento discursivo e evidencia a necessidade de os interactantes em construírem um foco de atenção conjunta.

Argumentamos que o uso da metalinguagem configura-se indispensável no processamento discursivo nas interações mediadas por computador. Impelido a submeter o texto na página de discussões de uma maneira mais ágil e, ao mesmo tempo, precisando garantir a manutenção da atenção do outro, que muitas vezes é um interlocutor desconhecido, o enunciador utiliza desta estratégia a fim de assegurar a interação, através dos seguintes recursos: ora verificando se o internauta mantém o mesmo foco de atenção, ora solicitando a sua participação colaborativa na construção do sentido; outras vezes, se desculpando ou tentando preservar a face; introduzindo explicações, exemplos, etc.

Propomos, nas próximas seções, agrupar as unidades metalinguísticas de acordo com o elemento que é colocado em foco. Esta categorização toma por base os estudos de Borillo e de Cresti.

6.4 Modalidades de metalinguagem encontradas no corpus

Na seção anterior, partimos de um pequeno texto e procuramos ilustrar e explicitar a metalinguagem no processamento discursivo. Nesta seção, nosso objetivo é explicitar o fenômeno a partir das noções de perspectiva, focalização, gerenciamento e foco de atenção e propor uma categorização para os incisos metalinguísticos encontrados no corpus, considerando o elemento colocado como foco de atenção. Cada categoria será ilustrada a partir de um texto e outros exemplos serão apresentados a partir de recortes. Os recortes que ilustram o fenômeno da referencição metalinguística serão identificados, ao final, pela sigla T (texto) e pelo número do texto correspondente, presente, na íntegra, nos anexos.

6.4.1 O foco na formulação linguística

No processo de referencição metalinguística, um dos aspectos que pode ser colocado em foco corresponde à elaboração do discurso no que diz respeito ao seu processamento linguístico, como comentários e avaliações da propriedade ou não de uso de uma palavra. O

enunciador suspende momentaneamente a sequência discursiva e coloca em foco o sistema verbal que está sendo utilizado, como ocorre no texto⁶⁵ a seguir:

(1)


 anônimo	Vocês esqueceram dele... 3/4/2005 10:21 Aí galera... vcs esqueceram do SINVAL, aquele pitor doidão! O Cara é um negão forte que anda pela rua encurralando as meninas nos becos de Caratinga! Outro figura é o STRICS STRICS... acho que é assim que escreve...
--	--

Figura 37: : Trecho do fórum “Maior figura de Caratinga” realizado na comunidade de Caratinga
Fonte: : www.orkut.com. Acesso em 20/10/2005

Ao opinar sobre o tópico em discussão, o enunciador emprega a expressão *outra figura é o STRICS STRICS...* Como não tem certeza se a grafia da palavra *Strics Strics* está correta, ele interrompe a sequência discursiva e desvia-se da cadeia referencial que está sendo construída. Através do comentário *acho que é assim que escreve...* o enunciador coloca em foco o próprio fazer discursivo, que passa a se configurar como o novo foco de atenção. A implementação desse comentário evidencia aspectos do código empregado na construção do texto.

Outro exemplo que mostra comentários sobre aspectos do próprio código empregado pode ser verificado no excerto abaixo:

(2)-Concordo com vcs...
 O Tuty, o Peter, o Xuxa, o Tony Eduart
 (sei lá como escreve!!!) T7

Conceitualmente, enquanto em *sei lá como escreve* a indica o desconhecimento sobre como grafar adequadamente a palavra que está presente no enunciado anterior, em *acho que é assim que escreve*, o uso do verbo epistêmico *achar* indica que o enunciador não se compromete com o conteúdo de sua crença. Tais comentários parecem atender a uma necessidade desses participantes em se desculparem, ou não de se comprometerem quanto a possíveis erros, uma vez que sabem que o texto produzido poderá ser visualizado e lido por qualquer internauta que acesse a página de discussões da comunidade.

Ainda, em relação ao foco na formulação linguística, os excertos abaixo trazem unidades metalinguísticas indicando o modo como uma expressão deve ser entendida.

(3) *trazer pro quintal eh uma figura de linguagem.*
Quer dizer trazer pra perto...T57

⁶⁵ Texto 17, presente no Anexo B

(4) *nao estou generalizando, mas parece q pra ser pobre tem q ser ladrao, bandido ou sei la o q, T*

(5) *fato que eu presencio quase todos os dias, que é ver bandos (**literalmente**) chutando portões, arranhando carros, jogando lixo pra fora das lixeiras, gritando, cantando e xingando em alto volume, T93*

(6) *Eu mesmo já fui vítima em 2 assaltos a mão armada, **literalmente** na porta de casa, aqui no bairro, e perdi a conta de quantas histórias de assalto já ouvi T93*

No excerto (3), o participante focaliza o significado da expressão *trazer pro quintal* explicitando seu valor em um determinado contexto, neste caso considerando que se trata de uma figura de linguagem. O enunciado *trazer pro quintal eh uma figura de linguagem* apresenta, portanto, um valor metalinguístico e se configura como unidade de comentário. Ainda em (3), o enunciador continua se valendo da estratégia da referência metalinguística, ao colocar em foco a unidade *Quer dizer trazer pra perto...* indicando a escolha de uma outra expressão que julga mais apropriada e que funcione como sinônimo para *trazer pro quintal*.

Por sua vez, nos excertos (4), (5) e (6), o enunciador escolhe o sentido que a expressão deve receber e instrui como o leitor deve interpretar a porção linguística à qual elas se referem, a partir do vocábulo *literalmente* e da expressão *não estou generalizando*.

O foco na formulação linguística pode se manifestar, também, como nos exemplos abaixo:

(7) *UM ASSUNTO INPORTANTE!!!("favela" São José) T24*

(8) *São poucas áreas "abandonadas" sem construção. T25*

(9) *Alguém dos postantes sabe como a prefeitura faz a "seleção" dos possiveis habitantes dos conjuntos? T29*

(10) *Alguém sabe como são, onde estão e se há histórico dessas "realocações de moradores"? T29*

(11) *é a segunda vez que vejo vc por aqui no orkut, fazendo "bagunça". T40*

(12) *Aceitar mais "desses" por aqui???? T58*

(13) *Vc classifica esta turma de "seres humanos"??? T67*

(14) *Um dia esse rapaz vai "resce" começa a ralar e descobrir o que é a vida é dura.*

(15) *os "favelados" como eu, estão progredindo e os "Play Boys" cada vez mais se drogando, bebendo, fazendo loucuras... T85*

(16) *vcs estao querendo q eles se acomodem enquanto o governo compre votos a seu favor usando de "presentinhos eleitorais". T83*

(17) *ô André, valeu pelo "mais bem informado" hehehe, T90*

(18) *Só não sou como você, de "dar a entender". T98*

(19) *E como foi dito anteriormente, não é benefício nenhum aos favelados saírem do lugar aonde estão, acredito que aja um outro interesse em tira-los de lá, pode ser que estejam querendo "limpar a cidade" (como está ocorrendo no centro de São Paulo). T92*

O uso de aspas em determinadas palavras ou expressões coloca em foco a formulação linguística. Esta estratégia indica que estes elementos aspeados, originariamente presentes no discurso de outrem, são trazidos pelo enunciador para seu próprio texto e estão assumindo um sentido que não é compartilhado por ele. É o caso, por exemplo, das aspas em *favelas* e em *favelados*. O enunciador, ao marcar estas palavras, sinaliza que não concorda com o argumento de que os conjuntos habitacionais sejam favelas e seus moradores, favelados. Esta retomada a outro discurso para refutá-lo é uma estratégia cognitiva que visa manter a interação. Ao ver seu argumento refutado nas páginas da comunidade, o participante certamente procurará defender seu ponto de vista.

O uso de aspas indica, ainda, que se estas palavras fossem ditas em voz alta, provavelmente receberiam uma entonação diferenciada, a fim de que o ouvinte pudesse perceber o foco na formulação linguística.

Finalmente, outro exemplo da metalinguagem é encontrado no exemplo abaixo:

(20) *entao vamos para a aulinha de sociologia meu caro neonazismo = posição política de extrema direita e positivista (sabe o que é positivismo, negatisvo/descontrutivismo? acredito que voce nao saiba o que seja, entao procure saber), tem como base de suas ideias economicas um estruturalismo um pouco modificado do que aquele formado pela CEPAL, veem no estado o grande poder supremo e finalmente, acreditam que a culpa da pobreza é dos proprios pobres e que um solucao para isso é o simples exterminio das classes economicamente inferiores T71*

Diferentemente dos exemplos anteriores, no excerto (20) o enunciador procura definir o neonazismo, nos moldes de um verbete de dicionário, a fim de reforçar sua argumentação em favor da construção das casas populares. Subjacente a esta estratégia está implícito o argumento de que aqueles que não concordam com as casas populares podem ser equiparados a neonazistas.

Estabelecidos como unidades a serem focalizadas, os enunciados que focalizam a própria formulação linguística se constituem como unidades mais proeminentes em relação à

cadeia referencial implementada na página de discussões e ganham teor de metalinguísticos uma vez que estabelecem, no âmbito do discurso, uma autorreflexividade sobre elementos constitutivos desse próprio discurso.

Conceitualmente, a metalinguagem atende à necessidade dos enunciadores de gerenciar o processamento discursivo, indicando ora a forma como uma expressão deve ser compreendida, ora o desconhecimento sobre a grafia correta de uma palavra. Indica também que esse gerenciamento de atenção requer a manutenção de um mesmo foco de atenção pelos participantes e, para isso, não basta apenas que o texto progrida em termos de informação. É necessário que esse enunciador se construa e se posicione como um participante efetivo que apresenta pontos de vista, comentários e julgamentos.

Outra modalidade de referenciação metalinguística ocorre quando o enunciador focaliza, no processamento discursivo, o modo como o texto se constrói.

6.4.2 O foco na estrutura textual

Um segundo aspecto relevante da referenciação metalinguística está relacionado ao gerenciamento e à elaboração tópica do texto, em termos de montagem e progressão textual, conforme exemplifica o texto⁶⁶ a seguir:

(21)


	<p>28/04/2006 19:29</p> <p>Mais uma vez: Por que não mandam esta turma para o interiorzão??? Assim eles podem criar suas galinhas, seus cavalos, ter a vida bem tranquila já que o custo de vida é bem baixo....</p> <p>Sabem por que nunca iriam para o interior???</p> <p>Por que aqui tudo é de graça, luz, água, etc...</p>
---	---

Figura 38 Trecho do fórum “favela São José”, realizado na comunidade Coreu
Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

No exemplo acima, o enunciador intencionalmente escolhe a expressão *mais uma vez* e coloca em foco a própria estrutura do texto, ressaltando um argumento que ele considera relevante e, ao mesmo tempo, indicando que este argumento já foi apresentado na discussão.

Outros exemplos:

⁶⁶ Texto 55, presente no Anexo C

(22)- *Agora sim vou falar pq sou contra* T47

(23)- *Agora, voltando ao assunto do tópico*
Quem disse que viria a favela toda morar aqui? T77

(24)-*vou repetir mais uma vez*
Que os moradores do conjunto seriam selecionados. T60

Em (22), (23) e (24), as unidades informativas destacadas configuram-se como metalinguísticas. Ao serem selecionados como estratégia discursiva, esses elementos indicam que o enunciador, intencionalmente, escolhe expressões que colocam em foco a própria estrutura do texto. O assunto em questão era a construção ou não de moradias para pessoas de baixa renda nas imediações de alguns bairros em Belo Horizonte e os elementos destacados focalizam, não o próprio assunto em si, mas a construção textual. Cognitivamente, é necessário assegurar que o interlocutor mantenha a atenção no argumento que o enunciador considera relevante, a fim de perceber seu ponto de vista contrário ou favorável sobre a construção dessas moradias. De uma visão ampla sobre o discurso que se desenvolve, é preciso focalizar mais especificamente no argumento central. Esse aspecto é o da perspectivação, como ocorre, por exemplo, em *Agora sim vou falar pq sou contra* e em *vou repetir mais uma vez*. A função dessas unidades informacionais metalinguísticas é prefaciá-las esse argumentos relevantes e ao mesmo tempo garantir que o foco de atenção dos participantes se volte para um ponto particular do discurso.

No gerenciamento discursivo, também é preciso sinalizar a organização argumentativa e o movimento de raciocínio do produtor do discurso. Isso pode ser verificado em (25) e (26), transcritos abaixo:

E é muito simples resolver o problema das favelas construindo conjuntos habitacionais distantes do real problema.

(25) **Primeiro** *que eles criam uma história, uma tradição, totalmente destruída pelos organizadores do conjunto habitacional.*

(26) **Depois** *que alternativa é muito fácil para os proprietários da terra invadida.*
 T24

As expressões *primeiro* e *depois* exercem um papel importante nas unidades em que estão inseridas, auxiliando na organização sequencial do discurso e assegurando a progressão lógica, a coesão e a coerência textuais.

Entretanto, vale ressaltar, como argumentamos anteriormente, que um aspecto relevante da referenciação metalinguística é que ela possibilita evidenciar funções cognitivas.

Claro que os elementos acima analisados em (25) e (26) contribuem para a organização textual e asseguram a progressão lógica, etc., mas o fazem porque, antes de mais nada, é necessário – em qualquer interação – assegurar que o interlocutor mantenha a atenção na mesma cena de atenção. Quando organizamos um texto nos preocupando com a coerência, objetivando sinalizar a orientação argumentativa, o fazemos por uma necessidade imperiosa de interagir com outrem, de gerenciar o processamento discursivo, enfim de construirmos com o nosso interlocutor uma cena de atenção conjunta. Nesse sentido, as unidades metalinguísticas que sinalizam a orientação argumentativa e a organização textual se mostram relevantes como estratégia linguístico-cognitiva capaz de garantir a interação.

Outra forma de manter a atenção na mesma cena de atenção é focalizar o discurso enquanto ato comunicativo.

6.4.3 O foco no próprio ato comunicativo

Outro aspecto da referenciação metalinguística encontrado no corpus é aquele que contempla enunciados em cujo interior há elementos que fazem referências ao próprio ato comunicativo em processo, quanto às suas contingências de realização, a exemplo do texto⁶⁷ a seguir:

(27)


	07/05/2006 00:29
nossa vei...tem uns post os caras comecam a xingar tanto, sem necessidade, q vc nem entende o q ele qr dizer...parece q o post eh soh pra enxer lingua e xingar o cara q tem opiniao diferente...	
radicalismo fede.	

Figura 39: Trecho do fórum “favela São José”, realizado na comunidade Coreu

Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

No exemplo acima, o enunciador não comenta sobre o tema da discussão. Seu texto é construído para fazer referência ao próprio ato comunicativo, sobre os textos postados na página de discussões e para isso ele emprega nomes de atividades linguageiras como *post* e *opinião*.

Outras ocorrências:

(28)- *Um assunto importante!!!* (“favela” São José) T24

⁶⁷ Texto 72, presente no Anexo C.

- (29)...*que nós nos organizemos para que possamos desenvolver a partir de um **debate** ativo*
- (30) *Seu **texto** também foi pouco argumentativo.* T24
- (31) *Não concordo com os **argumentos** sobre o conjunto.* T25
- (32) *O **assunto** não é rodoviária, mas é a **informacao** que eu sei.*T30
- (33) *Por isso minha **opinioao** sobre o conjunto habitacional*
- (34) *Ocês dois aqui em cima, vamo **discutir** igual gente.* T34
- (35) *queria pedir para que a **discusão** pudesse voltar ao seu foco...* T45
- (36) *Cada vez que eu leio vc, mais tenho vontade de nao escrever por aqui...*T40
- (37) *ficou sem **argumentos**? foi pra dar uma **resposta** pifia dessa que vc foi fuçar no meu profile anteontem? decadende isso...* T54
- (38) *nao preciso falar mais nada, vc falou tudo, é isso ai vc ta apoiado.* T61
- (39)*Ae... esse **tópico** já foi tão desvirtuado que fica até difícl resumir as opiniões...*
T87
- (40) *Este **assunto** tá rendendo hein* T79
- (41) *Só questiono: depois de tantos comentários e **discussões**, quantos aqui sabem como está essa proposta hoje, ou foi a alguam reunião, ou vai atrás da associação de bairro pra participar?* T 94
- (42) *E como disse na **msg** anterior: não tava apontando dedo pra ninguém. Inclusive me inclui no assunto dos que falam pelos cotovelos.* T97
- (43) *Suas **argumentações** são ridículas, assim como a sua postura.*T98
- (44) *Pela sua **argumentação**, você quer que esta siga o mesmo caminho da educação e da saúde pública???* T95

Nos exemplos acima, os participantes opinam sobre a construção de um conjunto habitacional e empregam nomes de atividades languageiras (*debate*) além de nomes metalinguísticos em sentido próprio tais como *texto* e *argumentos*, com o objetivo de tomar o discurso do interlocutor como foco de comentários e classificação. Tais nomes se inserem em enunciados e exercem, no processamento discursivo, uma categorização do discurso do outro. Apresentam, portanto, função coesiva como discutido por Francis (2003), uma vez que ligam o texto produzido ao anterior e, ao mesmo tempo, função argumentativa. Essa função argumentativa fica evidente ao analisarmos o exemplo a seguir:

- (45) *Simplesmente lamentável ter que ler **asneiras** como estas suas. Mais parece um esquerdista revoltado que sem **argumentação** consisa, parte para a agressão descabida e infundada. Ou do contrário, me leva a crer que você se favorece da falta de policiamento e da segurança, aqui no bairro!* 🗣️ T95

Ao empregar o termo *asneira* o enunciador retoma o discurso do outro que passa a ser recategorizado e avaliado subjetivamente.

Os exemplos acima vêm mostrar que palavras como *debate*, *texto*, *argumento*, tratadas por Francis como rótulos metalinguísticos, no discurso aparecem inseridas em unidades maiores/ enunciados.

Outra estratégia que evidencia o uso de palavras para se referirem ao próprio ato comunicativo pode ser observada em (46) e (47), abaixo transcritas:

(46) *Lá vai mais uma...*

Empresário é morto a tiros na região da Pampulha, em BH

(Portal Uai) T80

(47) *Outra!!! T81*

Nos exemplos acima ocorreu a omissão da palavra notícia. O enunciador, com o objetivo de comprovar seus argumentos sobre a questão da violência e relaciona-la às pessoas de baixa renda, busca notícias publicadas em jornais e as insere na página de discussão da comunidade. É muito comum a elipse destes termos e, ao empregar este recurso, o enunciador conta com a colaboração do participante, para que juntos construam a referência.

Além da focalização na formulação linguística, na estrutura textual e no próprio ato comunicativo, outra faceta da referenciação metalinguística diz respeito à focalização nos próprios enunciadores.


6.4.4 O foco nos participantes

No processamento discursivo, falante e ouvinte são elementos necessários para a implementação do discurso. Juntos, focalizam a atenção na mesma entidade conceitualizada. No caso da referenciação metalinguística, cujo foco é um dos elementos constitutivos do próprio discurso, falante e ouvinte - enunciadores - correspondem às instâncias co-produtoras no discurso, que se marcam no texto a fim de estabelecerem condições dialógicas para assegurar a interação verbal.

O texto⁶⁸ a seguir exemplifica o foco de atenção no próprio falante:

⁶⁸ Texto 92, presente no Anexo C.

(48)



25/08/08

.....

Para pensar...

Eu acho que vcs, que criticam essa idéia e defedem outras(tão pouco absurdas) estão um pouco equivocados. O problema do nosso país não são os pobres, não seria excluindo-os do mundo que resolveriam todos esses problemas de criminalidade e etc. E como foi dito anteriormente, não é benefício nenhum aos favelados saírem do lugar aonde estão, acredito que aja um outro interece em tira-los de lá, pode ser que estejam querendo "limpar a cidade" (como está ocorrendo no centro de São Paulo). Então pesso-lhes que revejam as suas idéias e pessem melhor se estão de fato contribuindo para melhoria de seu bairro e quem sabe, ate mesmo de seu país. Abraço.

Figura 40: Trecho do fórum “favela São José” realizado na comunidade Coreu
Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005

Através da modalização pelo uso do verbo epistêmico *acho*, o foco de atenção se volta para a opinião do enunciador. Outras ocorrências no corpus:

(49) *O que me parece é que todos estão muito mal informados sobre o assunto, não me excluindo do grupo.* T29

(50) *Bem, eu não tenho certeza pois nunca tinha visto a Tal neusinha antes,... mas acho que estava sim.* T34

(51) *A reunião foi em Agosto ou Outubro do Ano passado se não me engano...*T34

(52) *ser humanos com wquem se comporta como humanos mas **infelizmente** esse país ta uma desordem,* T39

(53)... *to achando que vc é um fake, cara* T40

(54) *vc **realmente** acha isso?* T42

(55) *sim **concerteza,** é* T43

(56) *Se fosse fazer bem para o bairro, aumentar o comercio, melhorar o transito, trazer mais investimentos, blz, pode mandar construir o conjunto amanhã, mas **infelizmente** nao é,* T47

(57) *Esta turma que estão querendo colocar aqui possui renda mensal compatível com o bairro???* **Evidente que não!** T48

(58) *A pena de MORTE seria bastante adequada, **a meu ver...*** T67

(59) *loucura pq o bairro nao comporta mais trafego, ja temos as dores de cabeca com dias de provas na puc, eleicao, que o transito simplesmente nao flui, e acrescentar uma rodoviaria como desvio de fluxo do centro da cidade ???**fala serio,** e outra, quem nunca passou nos arredores da rodoviaria no centro da cidade e num teve medo de ser assaltado, ou foi assaltado ?* T47

Podemos perceber que nos excertos apresentados a focalização se volta para uma das instâncias dos participantes. Conceitualmente, o enunciador exerce um duplo papel, qual seja, além de ser parte da interação falante/ouvinte, também funciona como o foco de atenção. Isso é possível porque nas unidades em negrito há incisos que carregam operadores modais e indicam o julgamento do enunciador sobre o conteúdo proposicional do enunciado. Incisos como *realmente*, *com certeza*, *Evidente que não!* explicitam o grau de certeza do falante sobre o conteúdo proposicional de sua asserção através da avaliação modal.

Por outro lado, também é possível perceber o não comprometimento do enunciador com o conteúdo do seu discurso, como acontece em (49), (50) (51) e (58), em que as expressões em negrito indicam que ele escolheu, intencionalmente, ou verbos epistêmicos (*acho*, *parece*) ou incisos verbais (*a meu ver*) a fim de não fazer uma avaliação tão categórica. Conceitualmente, o enunciador tem consciência de que outro participante pode refutar seu argumento e, ao não se comprometer totalmente com o conteúdo do discurso, emprega uma estratégia de preservação da própria face.

Também é possível que o enunciador procure se desqualificar, antes de emitir sua opinião.

(60) *-Não sou de Caratinga...*

Estudo aew só... T2

(61) *meu estou em São Paulo*

Mais todas as ficuras citadas eu conheci T22

Os exemplos acima ganham um teor de metalinguísticos, na medida em que devem ser interpretado como uma asserção do enunciador para justificar/ antecipar sua participação na discussão. Para um leitor pouco experiente, pode significar que o enunciador não se julga a pessoa indicada para opinar sobre o assunto em pauta. Esta, entretanto, é uma estratégia argumentativa, uma vez que, ao prever que outro interlocutor poderia refutar a opinião dada, o enunciador se antecipa, apresenta argumento contrário à sua participação e desconstrói esse argumento contrário, afirmando, por exemplo, que conhecia todas as figuras citadas.

É possível também que o foco de atenção se volte para o outro participante da interação. Assim, além de ser elemento básico na implementação do discursivo, o participante passa a figurar como foco da cena de atenção conjunta:

(62) *Para você qual o maior figura de Caratinga? T1*

(63) *O Jefinho do SEMEAR eu conheço, é peça rara!
Outro dia ele bateu a cara no vidro do Chuletão, com a casa cheia!!
Acreditas? T11*

Em (62), observamos que a pergunta funciona como uma espécie de negociação entre os interlocutores a fim de assegurar a interação. O pronome *você*, mencionado explicitamente, indica que o participante é elaborado objetivamente como o foco e ao mesmo tempo é construído como elemento básico da conceitualização. Em (63), o enunciado *acreditas?* ganha teor de metalinguístico uma vez que retoma a porção de discurso anterior e está subentendida a expressão *acreditas nisso que eu disse?*

Tais unidades demonstram que a seleção do foco de atenção nos próprios participantes é uma estratégia que objetiva assegurar a manutenção das relações interacionais, considerando-se, sobretudo, que se trata de uma interação mediada por computador.

6.4.5 O foco na informatividade

Embora Borillo não contemple esta faceta da metalinguagem, os dados analisados nos indicam, como proposto por Cresti (2000) que os incisos metalinguísticos exercem funções diversas e, entre elas, está o acréscimo de informações, exemplificado no texto⁶⁹ a seguir:

(64)

01/04/06
olha o tópico que falei:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=92291&tid=12518708>

**Figura 41: Trecho do fórum “favela São José”, realizado na comunidade Coreu
Fonte: www.orkut.com Acesso em 20/10/2005**

Nos excertos a seguir, os trechos em negrito ilustram uma função referencial das unidades metalinguísticas: a ampliação de informações.

(65) *quando o assunto surgiu aqui no bairro, disseram que os lojistas da regioao nao queriam o conjunto lá (minas brasil), T32*

(66) *Ninguem aqui do bairro que votou nela e acompanha o trabalho da vereadora?(eu voto no interior) T36*

⁶⁹ Texto 35, presente no Anexo C.

(67) *A Rodoviária está orçada e projetada, falta {como se fosse pouco e fácil} desapropriar a área da Via Expressa Ocupada **{da Tereza Cristina até a Silva Lobo}** e a conclusão {que eu esteja vivo pra ver} da Estação de Metrô que integrará a linha 1 **{atual}**, linha 2 **{Calafate-Barreiro}** e a NOVA ROOVIÁRIA de Belo Horizonte.* T25

(68) *Ela que manda no bairro (ela que proibiu a Rodoviária no Gameleira, etc)* T24

(69) *Na reunião que eu fui ano passado {tem um tópico aqui "Reunião com a PM"},* T31

(70) *Quando falei sobre segurança 24h na porta de casa, não há nenhuma asneira nisso. Basta refletir: existem cidades grandes (500, 600mil, 1 milhão ou mais de hab) que são seguras e nenhuma tem uma taxa de 1 policial por habitante* T96

(71) *E como foi dito anteriormente, não é benefício nenhum aos favelados saírem do lugar aonde estão, acredito que aja um outro interesse em tira-los de lá, pode ser que estejam querendo "limpar a cidade" (como está ocorrendo no centro de São Paulo).* T92

Em (65), a expressão Minas Brasil, além de especificar como deve ser interpretado o sentido do advérbio *lá*, amplia o conteúdo da informação presente. O mesmo acontece em (67): as expressões destacadas em negrito explicitam as expressões *área da Via Expressa Ocupada, a linha 1, linha*. Não se trata aqui de sinônimos ou outra expressão do gênero, mas de uma ampliação sobre uma determinada expressão constante no discurso. Em (69), além do acréscimo de informações, há uma referência explícita a outro tópico de discussão da comunidade.

O excerto (71) conjuga diversos exemplos de ocorrências metalinguísticas. Além dos parênteses que acrescentam uma informação, encontramos o foco na construção textual de uma maneira ampla, uma vez que a expressão *e como foi dito anteriormente* glosa sobre um texto escrito anteriormente. O uso do epistêmico *acredito* e das aspas na expressão *limpar a cidade* ilustram aspectos da metalinguagem já discutidos em seções anteriores.

Além do acréscimo de informações, há ainda a possibilidade de comentários e avaliações sobre o objeto de discurso. Nos exemplos abaixo, o enunciador acrescenta uma informação e ao mesmo tempo marca seu ponto de vista, após opinar sobre a maior figura caratinguense:

(72)- *O Xuxa (esse tá sumido)* T5

(73)- *caxambu (figurassa!)* T9

(74)- *7 saias (mto foda)* T9

Em síntese, uma questão importante que se pôde verificar nas análises é que, na implementação de uma unidade de informação metalinguística, alguns elementos do próprio discurso são tomados como mais relevantes em um dado momento do processamento discursivo. Nem sempre a informação propriamente dita é tomada como foco de atenção. Às vezes, para garantir um gerenciamento discursivo eficaz, é preciso inserir unidades que forneçam instruções sobre como um trecho deva ser interpretado, que comentem ou avaliem o conteúdo proposicional do discurso, enfim, que contemplem aspectos da enunciação propriamente dita. Essas unidades metalinguísticas podem se configurar como incisos, comentários, tópicos e sua função centra-se na interação e não na cadeia referencial propriamente dita. Nesse sentido, essas unidades informacionais analisadas colocam como elementos mais proeminentes ora a formulação linguística, ora a própria construção textual, ora o próprio ato comunicativo que se desenvolve, ora os próprios participantes. Ainda é possível acrescentar informações e fazer avaliações sobre determinadas expressões linguísticas.

A observação dessa estratégia linguística presente nas interações mediadas por computador indica que, nos processos de referenciação, tão importante quanto garantir a progressão textual, é preciso assegurar que falante e ouvinte mantenham a interação, uma vez que o gerenciamento discursivo e a estrutura informacional atuam de forma coordenada no pólo da conceitualização.

Na próxima seção, nosso objetivo é tecer algumas considerações sobre a caracterização das unidades informacionais metalinguísticas. Essas considerações não pretendem esgotar o assunto, mas apontar possibilidades para uma investigação mais minuciosa sobre a configuração dessas unidades nas interações mediadas pelo computador.

6.5 As unidades metalinguísticas e as interações mediadas por computador

Encontramos, nos exemplos analisados, uma grande variedade de mecanismos indiciadores de autorreflexividade discursiva. Em relação à estrutura morfossintática, podemos perceber que as unidades metalinguísticas não possuem uma única estrutura. Encontramos no corpus analisado palavras (*literalmente*), enunciados verbais (*sei lá como escreve*) e estruturas textuais maiores como verbetes de dicionário, que funcionam como recursos que colocam como foco de atenção um dos elementos do próprio discurso. Uma primeira categorização possível seria agrupá-los em unidades metalinguísticas verbais e não

verbais. Entretanto, a estrutura morfossintática não é o critério principal para identificar uma unidade metalinguística, uma vez que além da diversidade de mecanismos envolvidos há, ainda, a possibilidade de surgirem outras estruturas que se instituem no dinamismo das interações verbais. Outro dado importante para uma categorização refere-se ao fato de que as unidades metalinguísticas funcionam, prototipicamente, como incisos. Entretanto, é possível encontrar unidades metalinguísticas que se configuram como unidades informacionais de comentário e de tópico, por exemplo. Para a Teoria da Língua em Ato, todo inciso é metalinguístico, mas nem toda inserção metalinguística configura-se como inciso.

Na língua oral, um critério relevante para caracterizar grande parte das unidades metalinguísticas é a entonação. Enquanto na língua falada há uma demarcação prosódica indicando desvio do tópico em proeminência, nos textos que compõem o corpus desta análise o critério entoativo não pode ser verificado, pois os textos são escritos. Entretanto, são usados pelos internautas recursos como o uso de aspas e de parênteses para indicar que tais porções se configuram como inserções que não interferem na informatividade e na progressão temática da cadeia referencial implementada. Exemplos como: *Um assunto importante!!!* (“favela” São José) e *(sei lá como escreve!!!)* ilustram o uso de recursos gráficos próprios da escrita para marcar pausas prosódicas que se manifestam na oralidade quando se pronuncia um enunciado dessa natureza. Indicam ainda que esses enunciados se encontram em uma pauta diferenciada em relação às demais estruturas apresentadas no Espaço Discursivo.

Finalmente, apresentamos, a título de uma síntese, o quadro exemplificando as unidades metalinguísticas encontradas no corpus analisado.

Categorização das unidades metalinguísticas de acordo com o foco de atenção	Exemplos
1- O foco na formulação linguística	<i>trazer pro quintal eh uma figura de linguagem. Quer dizer trazer pra perto...</i>
2- O foco na construção textual	<i>Agora, voltando ao assunto do tópico Quem disse que viria a favela toda morar aqui?</i>
3- O foco no próprio ato comunicativo	<i>ficou sem argumentos? foi pra dar uma resposta pifia dessa que vc foi fuçar no meu profile anteontem? decadende isso...</i>
4- O foco nos conceitualizadores	<i>Bem, eu não tenho certeza pois nunca tinha visto a Tal neusinha antes,... mas acho que estava sim.</i>
5- O foco na informatividade	<i>quando o assunto surgiu aqui no bairro, disseram que os lojistas da regioao nao queriam o conjunto lá (minas brasil)</i>

Quadro 4: Categorização das unidades metalinguísticas

O próximo capítulo apresenta as considerações finais, sinaliza possíveis contribuições desta investigação e indica pontos que merecem aprofundamento em novas investigações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as estratégias de referenciação metalinguística nas interações assíncronas mediadas pelo computador, a partir da análise de textos escritos, produzidos em fóruns de discussão. Partimos das seguintes hipóteses: (i) a referenciação metalinguística pode ser compreendida como um fenômeno sócio-cognitivo, portanto, explicitada a partir dos processos cognitivos de perspectivação, focalização e gerenciamento de atenção; (ii) tal estratégia é relevante no processamento de textos mediados por computador uma vez que possibilita assegurar a interação.

No primeiro capítulo, apresentamos uma visão geral sobre a pesquisa, sobre o objeto de investigação, os objetivos e a estrutura do texto.

No segundo capítulo, estudos representativos que abordam os temas referenciação e metalinguagem foram discutidos. Argumentamos que a referenciação metalinguística configura-se como uma estratégia cognitivo-interacional relevante, pois permite a manutenção da interação, através da construção e manutenção de um foco de atenção conjunta.

No terceiro capítulo, a partir das noções de língua, linguagem cultura e cognição, apresentamos o referencial teórico a partir dos estudos de Langacker (2004) em diálogo com a perspectiva cultural proposta por Tomasello (2003). No quarto capítulo elaboramos um modelo para explicitar a interação mediada por computador. Embasados nos estudos de Cresti (2000, 2005 e 2009), argumentamos a favor de se considerar o enunciado e a *stanza* como a categoria base para a análise das interações mediadas pelo computador. A metodologia foi apresentada no quinto capítulo e as análises no sexto.

A partir das análises feitas, verificamos que a referenciação metalinguística, como propriedade imanente das línguas naturais, está intimamente ligada à necessidade de se gerenciar o discurso e de se estabelecer um foco de atenção conjunta.

As unidades metalinguísticas se configuram, prototipicamente, como unidades de informação de incisos e estão ligados à interação. Nas interações mediadas por computador, como acentuado por Halliday (1995), a escrita, devido ao meio, recobre-se, em alguns gêneros, de uma dinamicidade muito próxima do texto oral. Percebemos que o planejamento e a execução do texto - mesmo nas interações assíncronas, em que o enunciador pode revisar o texto antes de torná-lo público - são realizações muito próximas, o contexto é partilhado e parte das informações não estão presentes na materialidade linguística, mas nos conhecimentos partilhados pelos participantes da comunidade. Isso faz com que o internauta, muitas vezes, empregue uma sintaxe carregada de interrupções - no texto, verificada pela

presença de reticências, inserções, enfim, uma sintaxe muito parecida com a da língua falada. Entretanto, como não há a presença física dos participantes, faltam elementos expressivos típicos da interação face a face, como gestos, entonação, expressão facial. O computador oferece, então, além dos recursos gráficos como aspas, parênteses, maiúsculas, etc. outros recursos semióticos, como os *emoticons*. Além desses recursos, há a possibilidade de inserir comentários, avaliações, inserções, correções, ressalvas, etc. e isso é feito através das unidades de informação metalinguísticas. No fluxo dialógico, a função dessas unidades é comentar de maneira direta o conteúdo do enunciado proferido, conjugando conteúdo informativo com avaliações, críticas, correções, etc.

Outro aspecto evidenciado é que as unidades metalinguísticas constituem construções parentéticas isto é, que não se integram sintaticamente a nenhum enunciado do segmento textual no qual se inserem. No discurso, geralmente, são produzidas após uma pausa – marcada, na escrita, pela presença de sinais gráficos como parênteses, reticências e promovem um desvio em relação à cadeia referencial implementada. Entretanto, ao focalizarem o discurso propriamente dito colocam no mesmo patamar o gerenciamento discursivo e a estrutura informacional, presentes no nível da conceitualização. Em outras palavras, embora no nível informacional as unidades metalinguísticas pareçam dispensáveis, uma vez que não estão diretamente ligados ao conteúdo proposicional, elas são relevantes no fluxo dialógico por atuarem como estratégia cognitivo-interacional, a fim de permitir um gerenciamento de atenção eficaz, garantindo, portanto, a manutenção da interação, principalmente se considerarmos o uso da tecnologia intermediando a comunicação. Argumentamos, então, que nas interações mediadas por computador, cuja escrita apresenta-se como um processo dinâmico, o processo comunicativo poderia ser comprometido caso não houvesse essas estratégias de gerenciamento. Não basta apenas iniciar a interação e colocar o tema em uma página de discussão: é necessário que o participante leia as discussões, opine e, principalmente, sinta a co-presença do outro participante, percebendo marcas desse outro entremeadas ao texto.

Não estamos desconsiderando que na escrita tradicional não seja possível usar *emoticons* ou uma escrita reduzida, etc, haja vista a escrita que adolescentes empregam, por exemplo, nos bilhetinhos para o amigo no diário. Mas é do senso comum que pessoas que não se conhecem pessoalmente não enviam textos escritos carregados de *emoticons*, reduções sintáticas e dentro de um padrão bem próximo ao coloquial a desconhecidos. Afinal, dependendo da situação, o texto escrito é como um cartão de apresentação.

A hipótese de que esta modalidade de referenciação pode ser explicitada a partir das noções de perspectivação, focalização e gerenciamento de atenção mostrou-se verdadeira, uma vez que na interação, é preciso que os enunciadores, a partir de uma visão ampla sobre o discurso, focalizem a atenção em determinadas porções. Dependendo do elemento colocado em foco, as unidades metalinguísticas podem ser agrupados em categorias: o foco na formulação linguística, na construção textual, nos enunciadores, no próprio ato comunicativo e na adição de informações.

Consideramos que este trabalho traz algumas contribuições aos estudos linguísticos. Primeiro, o modelo de Espaço Discursivo Corrente, proposto por Langacker, permite visualizar o processo de construções das cadeias referenciais e explicitar, através da representação imagética, o processamento discursivo da referenciação metalinguística à medida que evidencia os elementos colocados em foco. Entretanto, nas interações mediadas pelo computador, como é possível o emprego de vários recursos semióticos e de uma escrita que se aproxima de um padrão próximo ao da oralidade, o modelo proposto por Langacker (2004) para a análise do processamento discursivo requer uma categoria de análise abrangente, que contemple porções de discursos que não se refiram apenas a construções típicas estruturadas em torno de sujeito e predicado. Nesse sentido, as categorias enunciado e a unidades de informação, tal como proposto por Cresti (2000), são mais abrangentes, uma vez que a presença do elemento verbal não é condição exigível para definir um enunciado. Entendemos, por isso, que o modelo proposto para analisar a referenciação metalinguística nas interações assíncronas parece se configurar como um modelo mais abrangente e que pode ser testado em outras interações mediadas pelo computador. Além disso, os estudos linguísticos sobre o hipertexto podem se valer deste modelo que conjuga noções como foco de atenção e dialogismo nas interações mediadas pela máquina.

Em relação aos estudos sobre a referenciação metalinguística, as análises feitas evidenciaram que é preciso novas pesquisas a fim de determinar as categorias linguísticas presentes e também a relação entre as unidades metalinguísticas e as estratégias argumentativas. É possível, ainda, agrupar essas unidades metalinguísticas a partir das categorias de informação propostas pela Teoria da Língua em Ato, investigando a ocorrência da metalinguagem nas unidades de tópico, comentário, incisos, apêndice, auxílios dialógicos, introdutores locutivos.

Em síntese, nesta investigação, ao analisarmos a referenciação metalinguística nas interações mediadas pelo computador, abordando não apenas as mudanças linguísticas, mas também mudanças nas relações sociais e nas questões ligadas à cognição, este talvez seja um pequeno passo em um campo de trabalho promissor.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Trad. De Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas:** as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAKHITIN, M. **Questões de literatura e estética:** a teoria do romance. 4.ed. São Paulo: Unesp, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Trad. de Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3.ed. São Paulo :Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BAZZANELLA, Carla. **Le facce del parlare:** un approccio pragmatico all'italiano parlato. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1994.
- BORILLO, A. Discours ou metadiscours? **DRLA**, Paris, v.32, p.7-61, 1985
- BRASIL, André. Texto em mutação. In: PAIVA, Aparecida et al. (Org.). **No fim do século:** a diversidade: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 89-96.
- BROOKS, R.A. Intelligence without representation. **Artificial intelligence**, v.47, n.1-3, p.139-159, 1991
- CAFIERO, Delaine. **A construção da continuidade temática por crianças e adultos:** compreensão de descrições definidas e de anáforas associativas. 2002. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo : Contexto, 1998.
- CAVALCANTE, Mônica M. et al. (Org.). **Referenciação.** São Paulo : Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).
- CHAFE, W.; DANIELWICZ, J. **Properties of spoken and written language.** California: University. Berkeley: Center for the Study of Writing, 1987.
- CHOMSKY, Noam. **O programa Minimalista.** Tradução: Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999. (Coleção Universitária Série Linguística).
- CRESTI, Emanuela. **Corpus di italiano parlato.** Firenze: Accademia della Crusca. 2000. v.1.
- CRESTI, Emanuela. Enunciato e frase. teoria e verifche empiriche. In: SALIBRA, L.; BIFFI, M. (Dir.) **Scritti in onore di Giovanni Nencioni.** Siena: Protagon Editori, 2005. p.249-260.

CRESTI, Emauela. **La stanza**: um'unità di costruzione testuale del parlato. Lablita: Università di Firenze, 2009

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FAVERO, Leonor L; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio eletrônico**: novo dicionário Aurélio. São Paulo: Positivo, 2000. 1 CD-Rom

FIRENZUOLI, V.; SIGNORINI, S. **L'unità informativa di topic**: correlati intonativi. Università di Firenze, 2002. Disponível em: < <http://lablita.dit.unifi.it/preprint/preprint-02coll11.pdf/view>>

FOLEY, W.A. **Anthropological linguistics**: an introduction. Oxford: Blackwell, 1977. Cap. 1, p.1-40.

FRANCIS, Gil. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção clássicos da linguística).

FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. **Advances in written analysis**. London: Routledge, 1994. p. 83-1001.

FROSALI, Fabrizio. **Il lessico degli Ausili dialogici**. Università di Firenze, 2003. Disponível em: <<http://lablita.dit.unifi.it:8080/silfi2006/programme/abstracts/Fabrizio Fros.html>>

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente**: uma história da revolução cognitiva. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GIANI, Daniela. Una strategia di costruzione del testo parlato: l'introduttore locutivo. In: LEONI et al, Federico Albano (Dir.). **Il parlato italiano**. Napoli: M. D'Auria editore, 2004.

GOUTSOS, D. A Model of sequential relations in expository text. **Text**, v.16, n.4, p.501-503, 1996.

HALLIDAY, M. **Spoken and written language**. Austrália: Deakin University Press, 1985.

JOHNSON, R. Burke; ONWUEGBUZIE, Anthony J. Mixed methods research: a research paradigm whose time has come. **Educational Researcher**, Washington, v.33, n.7, p.14-26, 2004.

JUBRAM, C. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.; MORATO, E.; BENTES, A. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

JUBRAM, C. S. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.) **Gramática do português falado**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

KOCH, Ingedore. A construção sociocognitiva da referencia. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, M. C. (Org.) **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

KOCH, Ingedore. A referenciação textual como estratégia cognitivo interacional. In: BARROS, K.S.M. (org.) **Produção textual**: interação, processamento, variação. Natal: Edufurn, 1998. p.69-80.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002

KOCH, Ingedore. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore; MARCUSCHI, L. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, São Paulo, v.14, n.esp., p.169-190, 1998.

KUROSaura, Akira. **Sonhos**. Japão, 1990. 119 min. Título original: Akira Kurosawa's Dreams

LA FAMÍLIA de Felipe IV. Wikipédia. Disponível em: <http:pt.wikipedia.org/wiki/La_Familia_de_Felipe_IV> Acesso em: 15 jan. 2007.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v.1.

LANGACKER, Ronald W. **A course in cognitive gramma**: preliminares, conceptual semantics. San Diego: University of California, 2004a.

LANGACKER, Ronald W. **A course in cognitive grammar**: preliminares, discourse in cognitive grammar. San Diego: University of California, 2004b.

LANGACKER, Ronald W. Viewing and experimental reporting in cognitive grammar. In SILVA, Augusto (Org.) **Linguagem e cognição**. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga. 2001.

LANGACKER, Ronald W. Viewing in cognition and grammar. In: LANGACKER, Ronald W. **Grammar and conceptualization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela, C. S. (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v.8, p.445-478.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-36

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas, Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, v.3, p.21-46, 1999.

MCCLEARY, Leland Emerson. **Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador**. 1996. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Departamento de Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

MELO NETO, João Cabral de. **Catar feijão: poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MENEZES, Vera. **Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração**. Curso Yai: Atividades programadas. Disponível em: <[http://cursoyai.googlepages.com/comunidades Virtuais.pdf](http://cursoyai.googlepages.com/comunidadesVirtuais.pdf)>. Acesso em: 09 fev. 2009

MONDADA Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référenciation. **Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, n.23, p.273-302, 1995.

MONDADA, Lorenza. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. **Boletim da ABRALIN**, v. 26, n. esp., p.66-70, 2001.

OLIVEIRA, Paulo César de. Marcos Valério. **Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 15 mar. 2009. Política, p.02.

OLSON, David R.. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática. 1997.

OLSON, David R.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática. 1995

OYAMA, Susan. Commentary the idea of innateness: effects on language and communication research. **Developmental Psychobiology**, v.23, n.7, p.271-277, Oct. 2004.

OYAMA, Susan. Ontogeny and the Central Dogma: do we need the concept of genetic programming in order to have an evolutionary perspective? In: OYAMA, Susan. **Evolution's Eye: a systems view of the biology: culture divide**. London: Duke University Press, 2000. Cap.3, p. 44-76.

RASO, T et al. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.15, n.2, 2007.

REDDY, Michael F. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew. **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p.164-201.

RISSO, Mercedes Sanfelice; JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. **Delta**, São Paulo, v. 14, n. spe, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2009.

RORTY, Richard. Relativismo: encontrar e fabricar. In: CICERO, Antonio; SALOMÃO, Waly (Org.) **O relativismo enquanto visão do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p-115-134

SEVERINO, Antônio Joaquim **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo : Cortez, 2007

SILVA, Augusto Soares. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (Org.). **Linguagem, cultura e cognição**: estudos de linguística cognitiva. Coimbra: Almedina, 2004. v.1, p.1-18.

SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord.) **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SINCLAIR, J. M. **Corpus, concordance and collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINHA, Chris. Biology, culture and the emergence and elaboration of symbolization. In: SALEEMI, Anjum P.; BOHN, Ocke-Schwen; GJEDDE, Albert (Ed.) **In search of a language for the mind-brain**: can the multiple perspectives be unified? Aarhus: Aarhus University Press, 2005. p. 311-335.

SMITH, Bárbara. **Crença e resistência**: a dinâmica da controvérsia intelectual contemporânea. Trad. Maria Elisa Marchini Sayeg. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

SOUZA, Ricardo Augusto. Comunicação mediada pelo computador: o caso do chat. In: COSCARELLI, Carla Viana. **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p.111-118.

TOMASELLO, Michel. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TUCCI, I. **L'inciso**: caratteristiche morfosintattiche e intonative in un corpus di riferimento. Università di Firenze, 2003. Disponível em: < <http://lablita.dit.unifi.it/preprint/preprint-03coll12.pdf/view>>

VARELA, Francisco J. et al. **A mente incorporada**: ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: XAVIER, Antônio Carlos; MARCUSCHI, Luiz Antônio (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 170-180.

ANEXOS

Anexo A- Corpus Segmentado

T1-

1-Maior figura de Carating 30/12/2004 19:39

2-Pra você qual o maior figura de Caratinga?

3-Pense bem,

4- abaixo vão algumas dicas:

T2-31/12/2004 13:23

5-Não sou de Caratinga ...

6-estudo aew soh....

7mas pra mim eh o Patrick ...

8-aquele eh uma figuraaaaaaa

T3-

9- Opções 1/1/2005 08:30

10 - Índio que anda pela rua

11 - Peter

12- SKATristes

13- Roqueiros derrotas

14- Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi

T4-

15- Opções 1/1/2005 08:32

16 - Quem sonha em ser Maurício e Patrícia

17- O auto desse texto

18- Um cara que anda pela rua fazendo propaganda de loja

19-Quem anda mexendo em celular pra mostrar que depois de 3 anos de economia conseguiu um de tela azul

20 - Funqueiros loiros

T5-

21- outras figuras 2/1/2005 09:17

22- Tuty

23- Mutchatcha

24- Tony Eduart

25- O Xuxa

26- (esse tá sumido)

27- O kra que anda de bicicleta imitando moto

28- Jefinho do SEMEAR

29- Zezé da APAE

Texto 6- 2/1/2005 16:41

30- hahahahaha...

31-realmente, o cara que anda de bicicleta fazendo barulho de moto é o mais bizarro pra mim, pq sempre levo susto qnd ele passa

Texto 7-

32-Concordo 5/1/2005 03:27

33-Concordo com ves...

34- O Tuty,

35- o Peter,

37-o Xuxa,

38-o Tony Eduart

39- (sei lá como escreve!!!)

40-são todos figuras...

41- só não sei qual deles e o mais louco!!!!

Texto 8-

42-O Peter é o maior!! 6/1/2005 05:37

43-O Peter Pan, meu amiguinho, é o maior!!

44-Ele é ator, repórter, produtor, poeta, câmera-man, dançarino...

45-😄

46-Anda em câmera lenta,

47-te ensina a história da Fada Sininho

48-e é um doce de pessoa!

49-E o melhor: consegue fazer de bobo a quem pensa que ele é bobo!

50-O Pedrinho é o maior!!

51-😄

Texto 9... 6/1/2005 13:30

52-acho q uma das maiores diversoes da minha infancia era mexer c os doidos q tinha na cidade..

53-e como tinha doido,

54- pqp!

55- soh figura:

56- caxambu

57- (figurassa!)

58- skisse tubisquis

59- 7 saias

60-(mto foda)

61- mutchatcho

62- (quem tinha coragem de mexer c ele?!)

63- cata-toco!

64- filho do coco

65 (peter, experimenta chamar ele desse nome...)

66-... caramba qta figura!!!...

Texto 10-

67-Folha Seca 10/1/2005 17:53

68-Esse velhinho turrão é uma eterna figura Caratinguense!!!

Texto 11-

69-Rsrsrs...

70- O Jefinho do SEMEAR eu conheço,

71-é peça rara!

72-Outro dia ele bateu a cara no vidro do Chuletão, com a casa cheia!!

73-Acreditas?

74-Mas o maior peça rara da cidade é o Peter,

75-é unânime!!!

Texto 12- 19/1/2005 21:01

76-hahuhahuhauhahu

77-tem tantas figuras aki q eh dificil citar um

78-mas td bem...

79- eu morria de medo do muchacho...

80-hahuhahuhahu

81-ele era mt bizzarro...

82- hahauhauhahu

Texto 13- 20/1/2005 11:48

83-Caraca..

84-sao tantos malas q eh qte dificil...

85-tipo..

86-o kra q faz propaganda eh mt incovenient,

87-faz a gent pagar uns micosss!!!!!!

Texto 14-

88- PASSARIM [20/1/2005 18:40](#)

89-Bom, não sei por onde ele anda mais,

90 mas era um velho cachacero

91que todo lugar que ele tava a moçada começava a gritar

92 ""AO PASSARIM""

93- ae ele chingava tudo quanto é nome ...

94-sem contar que ele corria atras dos muleke pra tentar bater!!

95- mo figura ...

Texto 15-

96- Esqueceram dele [22/1/2005 14:13](#)

97-O maior figura morava na Santo antonio e gritava o tempo inteiro

98- "sai de mim pobreza" ,

99-entrava na igreja de toalha ,

100-quebrava a casa,

101-e ainda foi morto esmagado na porta de casa pelo caminhão do frigorifico!

102-E o nome dele era Carlinhos

Texto 16-

103- +1 voto pro Peter [25/1/2005 04:26](#)

104- Não tem como passar por Ctga sem lembrar do Peter...

105- o cara faz parte do folclore caratinguense já.

106- Acho até que poderiam mudar o nome da Av. Olegário Maciel pra Av. Peter...

107-rs

Texto 17-

108-Vocês esqueceram dele... [3/4/2005 10:21](#)

109-Aí galera...

110- vcs esqueceram do SINVAL, aquele pitor doidão!

111-O Cara é um negão forte que anda pela rua encurralando as meninas nos becos de Caratinga!

112- Outro figura é o STRICS STRICS...

113- acho que é assim que escreve...

Texto 18- [3/4/2005 12:59](#)

114-Eu morria de medo do Muchacha!!!

115- Mas o Peter, sem dúvida, é a maior figura!

Texto 19- [4/4/2005 12:10](#)

116-atualmente nos temos duas figuraças...

117-o reporter tony eduart e o indio...

118-sorte do indio que ele esta em caratinga,

119-se fosse em Brasília ao inves de concorrer a celebridade ele estaria concorrendo a tocha humana....

Texto 20-

120- Lembrem-se [4/4/2005 12:15](#)

121- Vcs se esqueceram do RODAO, aquele negao que andava naquele caminhao velho mostrando os paises baixos

122- e esqueceram tb vics tricks...

123-aquele doido que andava de braços pro alto...

124- e tem tb o sardinha que fica mexendo com as meninas na rua...

Texto 21-

125- Adrianin Galak [4/4/2005 20:59](#)

126-Pode Ter Certeza que esse é o maior figura de toda a historia do caratinga...

127-O mais PINEU de todos

128-huahuhua ...

129-Ta pra Nascer um cara que nem ele ...

130-huahauhau

Texto 22- 4/4/2005 21:37

131- meu estou em sao paulo,

132- mais todas as figuras citadas eu conheci

133- deu ate saudade dos doidos.

134- mais meu voto vai para o lu capeta que aida não levou neinhum voto,

135-e foda o cara e figura

Texto 23

136-CRUIZS!!!! 29/6/2005 18:44

137-SARDINHA!!!!

138-SARDINHA!!!!

139-COM CERTEZA O SARDINHA MALA....

Anexo B – Corpus Original

| [Minha Conta](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

[Home](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Mídia](#) | [O que há de novo](#)


beta



[Caratinga](#)
(2383 membros)

 [ver perfil](#)

 [ver eventos](#)

tópico: **Maior figura de Carating**
primeira | < anterior | [próxima >](#) | [última](#)

Maior figura de Carating 30/12/2004 19:39
Pra você qual o maior figura de Caratinga? Pense bem, abaixo vão algumas dicas:

 **anônimo**

 31/12/2004 13:23
Não sou de Caratinga ...
estudo aew soh....
mas pra mim eh o Patrick ... aquele eh uma figuraaaaaaa

Opções 1/1/2005 08:30
1 - Índio que anda pela rua
2 - Peter
3 - SKATristes
4 - Roqueiros derrotas
5 - Maurícios e Patrícias do Jairo Grossi

 **anônimo**

Opções 1/1/2005 08:32
6 - Quem sonha em ser Maurício e Patrícia
7 - O auto desse texto
8 - Um cara que anda pela rua fazendo propaganda de loja
9 - Quem anda mexendo em celular pra mostrar que depois de 3 anos de economia conseguiu um de tela azul
10 - Funqueiros loiros

 **anônimo**

outras figuras 2/1/2005 09:17
--> Tuty
--> Mutchatcha
--> Tony Eduart
--> O Xuxa (esse tá sumido)
--> O kra que anda de bicicleta imitando moto
--> Jefinho do SEMEAR
--> Zezé da APAE

 **anônimo**

2/1/2005 16:41
hahahahaha... realmente, o cara que anda de bicicleta fazendo barulho de moto é o mais bizarro pra mim, pq sempre levo susto qnd ele passa

 **anônimo**

Concordo 5/1/2005 03:27
Concordo com vcs... O Tuty, o Peter, o Xuxa, o Tony Eduart (sei lá como escreve!!!) são todos figuras... só não sei qual deles e o mais louco!!!!

 **anônimo**

O Peter é o maior!! 6/1/2005 05:37
O Peter Pan, meu amiguinho, é o maior!!
Ele é ator, repórter, produtor, poeta, câmera-man, dançarino... 😄
Anda em câmera lenta, te ensina a história da Fada Sininho e é um doce de pessoa!
E o melhor: consegue fazer de bobo a quem pensa que ele é bobo!
O Pedrinho é o maior!! 😄

 **anônimo**

... 6/1/2005 13:30
acho q uma das maiores diversoes da minha infancia era mexer c os doidos q tinha na cidade.. e como tinha doido, pqp! soh figura:
-> caxambu (figurassa!)
-> skisse tubisquis
-> 7 saias (mto foda)
-> mutchatcho (quem tinha coragem de mexer c ele?!)
-> cata-toco!
-> filho do coco (peter, experimenta chamar ele desse nome...)
... caramba qta figura!!!...

 **anônimo**

Folha Seca 10/1/2005 17:53
Esse velhinho turrão é uma eterna figura Caratingense!!!

 **anônimo**

>> [responder ao tópico](#)

primeira | < anterior | [próxima >](#) | [última](#)

>> voltar aos tópicos

mauriceivieira@yahoo.com.br | [Minha Conta](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

[Home](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Mídia](#) | [O que há de novo](#)

serviço filiado ao Google

orkut

beta

[orkut in english](#) | [Sobre o Orkut](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)



[Caratinga](#)
(2383 membros)

-  [ver perfil](#)
-  [ver fórum](#)
-  [ver eventos](#)

tópico: **Maior figura de Carating**

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

Figura 18/1/2005 14:06



Rsrtrs...
O Jefinho do SEMEAR eu conheço, é peça rara! Outro dia ele bateu a cara no vidro do Chuletão, com a casa cheia!! Acreditas?
Mas o maior peça rara da cidade é o Peter, é unânime!!!



19/1/2005 21:01
hahuhahuhahuhu tem tantas figuras aki q eh dificil citar um mas td bem... eu morria de medo do muchacho... hahuhahuhu ele era mt bizzarro...hahuhahuhu



20/1/2005 11:48
Caraca...sao tantos malas q eh qte dificil... tipo..o kra q faz propaganda eh mt inconvenient,faz a gent pagar uns micosss!!!!!!



PASSARIM 20/1/2005 18:40
Bom, não sei por onde ele anda mais, mas era um velho cachacero que todo lugar que ele tava a moçada começava a gritar ""AO PASSARIM"" ae ele chingava tudo quanto é nome ... sem contar que ele corria atras dos muleke pra tentar bater!! mo figura ...



Esqueceram dele 22/1/2005 14:13
O maior figura morava na Santo antonio e gritava o tempo inteiro "sai de mim pobreza" ,entrava na igreja de toalha ,quebrava a casa, e ainda foi morto esmagado na porta de casa pelo caminhão do frigorifico!E o nome dele era CArlinhos



+1 voto pro Peter 25/1/2005 04:26
Não tem como passar por Ctga sem lembrar do Peter... o cara faz parte do folclore caratinguense já. Acho até que poderiam mudar o nome da Av. Olegário Maciel pra Av. Peter...rs



Vocês esqueceram dele... 3/4/2005 10:21
Aí galera... vcs esqueceram do SINVAL, aquele pitor doidão! O Cara é um negão forte que anda pela rua encurralando as meninas nos becos de Caratinga! Outro figura é o STRICS STRICS... acho que é assim que escreve...



3/4/2005 12:59
Eu morria de medo do Muchacha!!! Mas o Peter, sem dúvida, é a maior figura!



4/4/2005 12:10
atualmente nos temos duas figuraças... o reporter tony eduart e o indio... sorte do indio que ele esta em caratinga, se fosse em brasilia ao inves de concorrer a celebridade ele estaria concorrendo a tocha humana....



Lembrem-se 4/4/2005 12:15
Vcs se esqueceram do RODAO, aquele negao que andava naquele caminhao velho mostrando os pais baixos e esqueceram tb vics tricks... aquele doido que andava de braços pro alto... e tem tb o sardinha que fica mexendo com as meninas na rua...

>> responder ao tópico

[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

>> voltar aos tópicos

serviço filiado ao Google

[orkut in english](#) | [Sobre o Orkut](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)



[Caratinga](#)
(2383 membros)

	ver perfil
	ver fórum
	ver eventos

serviço filiado ao Google

tópico: [Maior figura de Carating](#)[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)**Adrianin Galak** 4/4/2005 20:59

Pode Ter Certeza que esse é o maior figura de toda a historia do caratinga... O mais PINEU de todos huahuahua ... Ta pra Nascer um cara que nem ele ... huahauhau



4/4/2005 21:37

meu estou em sao paulo,mais todas as ficuras citadas eu conheci deu ate saudade dos doidos. mais meu voto vai para o lu capeta que aida não levou neinhum voto, e foda o cara e ficura

**CRUIZS!!!!** 29/6/2005 18:44**SARDINHA!!!!**
SARDINHA!!!!**COM CERTEZA O SARDINHA MALA....**>> [responder ao tópico](#)[primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)>> [voltar aos tópicos](#)

Anexo C



Coréu - Coração Eucarístico
(3.223 membros)



[fórum](#)

[enquetes](#)

[eventos](#)

[membros](#)

[ver perfil](#)

UM ASSUNTO INPORTANTE!!!("favela" São José)

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Cidades e Bairros](#) > [Coréu - Coração Eucarístico](#) > [Fórum](#): > Mensagens

primeira | < anterior | [próxima](#) > | última mostrando **1-10** de **151**



anônimo T24

27/03/06

até parece q somos fortes o suficiente para barrar um projeto destes... rolou até um movimento do bairro contra, mas quem decidiu NAO fazer o conjunto habitacional foi a PUC. Ela que manda no bairro (ela que proibiu a Rodoviária no Gameleira, etc)

Seu texto tambem foi muito pouco argumentativo. Direitos humanos para voce foi uma questao moral e religiosa. Direitos humanos é respeitar uma estrutura urbana para manter uma condicao de existencia num bairro. O Coracao eucaristico é um bairro incapacitado de sustentar grandes movimentos rodoviários. Já percebeu que aqui não possui prédios com mais de sete andares, fora duas excessoes na Dom Antunes? Sobre favelas, alegar que proibimos a construcao de um Conjunto habitacional é esquecer que nosso bairro já é cercado por várias favelas . Não somos um bairro nobre de belo horizonte, mas temos um movimento de dezenas de milhares de estudantes da PUC e nao suportamos mais uma saturacao na infraestrutura do bairro.

E é muito simples resolver o problema das favelas construindo conjuntos habitacionais distantes do real problema. O posse das terras ocupadas pelos moradores. Primeiro que eles criam uma história, uma tradicao, totalmente destruida pelos organizadores do Conjunto Habitacional. Eles mesmos não querem sair de onde estão. Depois que alternativa é muito facil para os proprietários da terra invadida. Recebe o terreno de volta e os moradores somem deste terreno. Construir esse conjunto é muito mais barato do que indenizar os donos da terra e contruir um bairro estruturado, com saneamento, segurança e educacao.

Culpar nós, moradores do COREU, é culpar-nos de anos e anos de incapacidade e insignificancia do Estado para com o crescimento da favelizacao nas grandes cidades.



anônimo T25

30/03/06

Desde quando conjunto habitacional é sinonimo de Moradia de Bandido?

E que eu saiba o tal projeto, já discutido aqui em outro tópico, seria no Minas Brasil.

Quem disse que a PUC proibiu a Nova Rodoviária?? Tah Louco?

A Rodoviária está orçada e projetada, falta {como se fosse pouco e fácil} desapropriar a área da Via Expressa Ocupada {da Tereza Cristina até a Silva Lobo} e a conclusão {que eu esteja vivo pra ver} da Estação de Metrô que integrará a linha 1 {atual}, linha 2 {Calafate-Barreiro} e a NOVA ROOVIÁRIA de Belo Horizonte.

Não concordo com os argumentos sobre o conjunto. A maioria carregados de preconceitos e falsos moralismos e/ou compaixão camuflada.

GENTE é GENTE e se nós queremos mandar GENTE pra longe é porque somos tão ruins quanto achamos que essa GENTE seja.

Sobre a Rodoviária, metrô e comaphnia, já passou da hora dessas obras estarem prontas. Não trarão mais violência para o bairro. Não trarão mais trânsito.


Comparar com a região da atual rodoviária é um absurdo, pois aquela área está degradada a anos.

Nosso bairro e os do entorno, estão consolidados como bairros residenciais. São poucas áreas "abandonadas" sem construção.

Já falei demais em tópico alheio.


Té+

Quem quiser discutir pode ser por aqui, ou pegar contatos no meu perfil.



anônimo T26
30/03/06

a questao nao é o sinonimo, a questao q a propria pessoa faz a propria imagem, ate hj nao tivemos provas de que pessoas assim se comportam como gente civilizada, entao o negocio é proibir mesmo se nao sabe aproveitar q se retirem.

30/03/06



anônimo T27
30/03/06

socialismo desde que saiba se comportar como gente, pq vem um povo q tem uma fama de baderneiros rtirar nossa paz, se nao sabe viver em uma sociedade seguindo suas regras, suas leis o negocio é ter distancia mesmo, a liberdade de um termina quando começa a do outro.


anônimo T28
30/03/06

nem eu com defençor dos pobres e oprimidos, infelizmente nesse pais em q vivemos nao da pra misturar as classes pois os proprios nao fazem por onde, o q podemos fazer se nao sabem viver em sociedade, arrumam briga em todo lugar, sao baderneiros, sem educaçao, nao temos culpa q as pessoas colocam a culpa no pais de sua vida ruim.

30/03/06


anônimo T29
30/03/06


Agora alguém me explica umas coisas:

Alguém dos postantes sabe como a prefeitura faz a "seleção" dos possiveis habitantes dos conjuntos?

Alguém sabe como são, onde estão e se há histórico dessas "realocações de moradores"?

O que me parece é que todos estão muito mal informados sobre o assunto, não me excluindo do grupo. Eu só sei de informações duma reunião na puc que eu fui ano passado, e nem era esse o assunto.


té


anônimo T30
30/03/06

são cadastradas. Oficialmente é isso que todos nós sabemos. Nao sei o critério de selecao, vou me informar e te respondo. Mas lógico que, por mais oficial que seja, nunca será igual a selecao de verdade. A burocracia é um caminho democrático, mas lento, e propício a falhas humanas.

O assunto não é rodoviária, mas é a informacao que eu sei: O projeto da transferencia da rodoviario é mais antigo , anteriormente a prefeitura colocaria a Rodoviária nas proximidades do metro Gameleira e fontes oficiosas da prefeitura alegaram que o projeto não teve seguimento por causa da veto da PUC. O mesmo veto que proibe construcoes de alta densidade no bairro.


Por isso minha opiniao sobre o conjunto habitacional. Nao adianta moradores os recusarem alegando riscos no transito ou violência no bairro. Quem manda aqui é a PUC e eles que vetaram este conjunto habitacional.


anônimo T31
31/03/06

Na reunião que eu fui ano passado {tem um tópico aqui "Reunião com a PM"}, a informaçã que eu tive foi de que a própria PUC através dos seus cursos de engenharia e arquitetura estava viabilizando o projeto do tal conjunto. Palavra de um dos pró-reitores presentes.

A reunião era sobre o programa "vizinhos em ação" da PM, sobre a ação conjunta dos moradores/PM, numa nova abordagem testada e aprovada numa pequena área do Caiçara.

Mas quando surgiu esse assunto do conjunto, a reunião descambou. Tinha uma tal de Neusinha e seus acessores de um lado, Seu Firmino de Outro, outros moradores de outro, e a PM no meio tentando intermedira uma discussão que nem era dela.


anônimo T32
31/03/06

po... legal . eu nao sabia desta reuniao. vc estava presente? A neusinha é vereadora neh... mas ela é daqui do coreu? Era a favor ou contra o conjunto? quando o assunto surgiu aqui no bairro, desseram que os lojistas da regioao nao queriam o conjunto lá (minas brasil), e uma vereadora iria trazer um onibus com moradores da favela para protestarem em frente da loja. Vc lembra disso?



anônimo T33

31/03/06

eu nao conheco a neuzinha
ela é vereadora aqui do coreu né. O que ela ja fez pelo o bairro? ou que ela deixou de fazer pelo o bairro?



anônimo T34

01/04/06

Bem, eu não tenho certeza pois nunca tinha visto a Tal neuzinha antes,... mas acho que estava sim.
A reunião foi em Agosto ou Outubro do Ano passado se não me engano... vou caçar o tópico aqui na comunidade.
Ocês dois aqui em cima, vamo discutir igual gente.

Concordo que devemos tocar fogo nas faixas da Neuzinha. Poluição demais, e verdade de menos.

A participação dela no tal conjunto é controversa. Primeiramente parece que ela era contra, depois surgiu a noticia de que fora ela quem propôs o projeto pra construção lá no Minas Brasil.

Parece que ela é uma das PTistas {gosto do PT, mas tah foda.} que deixou o poder subir a cabeça e o que escuto sobre ela sempre vem carregado de arrogância da parte dela para com os assuntos com que ela trata.



anônimo T35

01/04/06

olha o tópico que falei: <http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=92291&tid=12518708>



anônimo T36

01/04/06

acabei de ler tudo q vc postou

mas saca... o que quero saber é da neuzinha , a vereadora

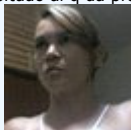
Ja ouvi quem fale bem, quem fale mal... mas todos desconhecem o seu trabalho. Ninguem aqui do bairro que votou nela e acompanha o trabalho da vereadora? (eu voto no interior)



anônimo T37

01/04/06

nós nao estamos falando pra NAO fazer isso, simplesmente estamos falando pra nao fazer AQUI so isso, via pra outro lugar qual o problema, bgh ta cheio de lugar desabitado ai q da pra fazer um outro bairro.



02/04/06 T38

Mauriceia

Não sou contra a construção de moradias para pessoas de baixa renda, mas por que não construí-las nas comunidades em que essas pessoas já estão inseridas?



anônimo T39

04/04/06

ser humanos com wquem se comporta como humanos mas infelizmente esse pais ta uma desordem, q as pessoas estao agindo como animais entao q sejam tratados assim , é um matando o outro, é um batendo no outro, é um ali sendo assaltado, pois é tem q afastar esse tipo de gente das pessoas que querem paz, se nao sabem se comportar como gente entao sinto muito.



anônimo T40

04/04/06

Cada vez que eu leio vc, mais tenho vontade de nao escrever por aqui...
é a segunda vez que vejo vc por aqui no orkut, fazendo "bagunça".

Outra vez foi na comunidade do UNI-BH, quando vc abriu o tópico "Odeio o UNIBH" e menospresava os alunos de la... lembra daqueles parágrafos imensos sem virgula?

Pois é... to achando que vc é um fake, cara. Uma zoação. Nada que vc escreve faz sentido, e cada vez tenta polemizar com alguem...

Acha alguém que discorda de você, e tenta discutir com ele. Ai vem aquele "xou do orror", a discussão perde o foco, e ninguem mais posta no tópico.

Parabens.



anônimo T41

05/04/06

ue nunca criei topico "odeio unibh" eu criei o topico "abaixar a media para 60 pontos" e aqui so tem 2 pessoas discordando de mim, entao vc esta errado, vc q veio aqui para fazer bagunça.



anônimo T42

05/04/06

vc realmente acha isso?



anônimo T43

05/04/06

sim concerteza, é sao apenas 2 vc e um metido a socialista.



anônimo T44

05/04/06

queria pedir para que a discussão pudesse voltar ao seu foco... caros amigo provavelmente será retomado em um reubião na PUC esse assunto mas informações lhe madarei quando estiver com mas coerencia... caros acho que no que estamos a confequissionar aqui uma teia de varias informações seria melhor começar a rever a questão



anônimo T45

10/04/06

Não sou contra por violencia (não gosto de generalizar) ou algo do tipo.

E sim pq o bairro já esta estagnado o bastante para mais um projeto de habitação por aki (tendo em vista que terreno é o que não falta nessa cidade).

Não temos uma delegacia, ruas bem pequenas para a quantidade de onibus e carros que passam por aki, e etc. Não há pq fazer o Coreu encher mais. Simplesmente não há.



anônimo T46

10/04/06

concordo contigo thiago



anônimo T47

10/04/06

PRIMEIRO DE TUDO: SOU CONTRA A CONSTRUCAO DA RODOVIARIA E DO CONJUNTO HABITACIONAL

Agora sim vou falar pq sou contra:

nao sou contra pq sou socialista, burgues, neo nazista, ou sei la o q, sou contra pq o bairro ja é violento de mais do jeito q esta, mais populacao de baixa renda a criminalidade vai aumentar sim!

nao estou generalizando, mas parece q pra ser pobre tem q ser ladrao, bandido ou sei la o q, vcs dizem q eles nao tiveram oportunidades, nem tem chance, etc. eu tb nunca tive vida facil, sempre corri atras dos meus objetivos, saio de casa as 7:00 pra poder chegar em casa as 23:30.

Se fosse fazer bem para o bairro, aumentar o comercio, melhorar o transito, trazer mais investimentos, blz, pode mandar construir o conjunto amanha, mas infelizmente nao é, o que eles quererm é reduzir a pobreza das pessoas realocando as moradias para o coreu.

A rodoviaria tb, concordo que a rodoviaria atual nao comporta mais, mas fazer o que, colocar uma rodoviaria num bairro residencial é totalmente loucura.....

loucura pq o bairro nao comporta mais trafego, ja temos as dores de cabeça com dias de provas na puc, eleicao, que o transito simplesmente nao flui, e acrescentar uma rodoviaria como desvio de fluxo do centro da cidade ???

fala serio, e outra, quem nunca passou nos arredores da rodoviaria no centro da cidade e num teve medo de ser assaltado, ou foi assaltado ? eu sempre q vou la prefiro ir de taxi do centro ate o estacionamento pra num ter q passar por la e evitar de ser assaltado, justamente pq o ambiente de rodoviaria é propicio a assaltos, oportunistas, trafico, etc...!

fazer o q, nao é a minha cabeça que eu tenho q mudar, ou me tornar mais humano e social pra poder fazer um mundo melhor, pq minha parte eu tento fazer, é pouco, é, mas eu tento fazer, agora sacrificar um bairro de familia que é conhecido justamente pela sua tranquilidade e q cada dia q passa é invadido por marginais como no shopping rosa ja é exagero !

Pra mim basta a violencia em q o bairro se encontra, e a inutilidade da policia!



anônimo T48

10/04/06

Cada um na sua! Esta turma que estão querendo colocar aqui possui renda mensal compatível com o bairro??? Evidente que não!

Seria o mesmo que irmos morar no Belvedere ou Morumbi em SP...

Insanidade pura!

Este bairro não comporta esta turma...

Penso que um local mais adequado para este pessoal é a zona rural do estado...Vida mais tranquila, custo de vida BEM menor (A propósito, por que querem viver aqui??? Por que ganham tudo!!!! Não pagam nada!!!)...

Triste realidade...



anônimo T49

11/04/06

COM todo o respeito, mas tem umas opiniões aqui que não há argumento que possa ser utilizado.

E olha que a questão não é vencer a discussão, mas enriquecer a discussão com coisas que o valham.

Tem coisa aqui que dá pra:

rir
processar
rir de novo
ignorar
revoltar-se
...

Pessoal, vamo discutir como gente inteligente, por favor.



anônimo T50

26/04/06

pois entao se gostam tanto de favelado abre a porta de suas casas entao, se sao tao caridosos assim, e o cara ai de cima ta completamente certo, ter seu imovel desvalorizado por conta de uma jogada politica barata, q nao leva a nada, na hora de falar de jesus cristo, de caridade, de pao de cada dia todo mundo FALA mas na hora de fazer é q sao elas, haha se estao com dó dos meninos de rua entao leva pra casa, ninguem é obrigado a conviver com a marginalidade nao.



anônimo T51

26/04/06

Peço que deixe as discussões pros tópicos.

Esse Darlan foi encher meu saco lá nos meus scraps falando que NÃO TENHO CULTURA pq sou contra favelado do lado da minha casa e opq disse que SOCIALISMO ACABOU JUNTO COM MURO DE BERLIM.

Contunuo sugerindo a ele que abrigue os mesmos no quintal da sua casa ou vá morar em Cuba ou Coreia do Norte pra ver o que é bom.



anônimo T52

26/04/06

eu falei que nao ia mais discutir com neo-nazita, mas eu vi uma coisa aqui que vai merecer um adendo meu. pra quem diz que tambem nunca teve vida facil, sempre correu atras, e qeu pobre devia era tratar de trabalhar, eu digo uma coisa, estude so um pouco de economia e de sociologia ok, ah, talvez um pouco de psicologia heterodoxa tbm contribuia



anônimo T53

28/04/06

Abner, escuta o que o Titio Varisto vai falar: vai brincar no parquinho e deixe discussões sérias pros adultos, tá legal?



anônimo T54

28/04/06

ficou sem argumentos? foi pra dar uma resposta pifia dessa que vc foi fuçar no meu profile anteontem? decadende isso...



anônimo T55

28/04/06

Mais uma vez: Por que não mandam esta turma para o interiorzão??? Assim eles podem criar suas galinhas, seus cavalos, ter a vida bem tranquila já que o custo de vida é bem baixo....

Sabem por que nunca iriam para o interior???

Por que aqui tudo é de graça, luz, água, etc...

I

 anônimo T56
 29/04/06
 ai

tens uns cara que aqui se dizem contra porque na verdade já ganharam a via ou simplesmente os pais deram de presente no natal mas meu cara me desculpe até que eu daria meu quintal para as pessoas que vem de lá mora mas eles precisam na verdade meu caro é de uma casa é não de um puleiro pois eles não são animais seja um pouco apenas um pouco humano coloque sua historia diante de tantas pessoas que não tiveram a oportunidade que nós temos até de um simples acesso a net caros amigos aqui venho é apenas tramitar dizendo que o socialismo não ira rezolver nossos problemas mas sim quando formos todos concientes do nosso papel de seres humanos é de pessoas que vivem em um sociedade....

digo novamente veja o que os grandes escritores é homens e mulheres fizeram foram apenas HUMANOS
 SERÁ QUE ISSO É TÃO DIFICIL DE SER!!!! FIQUE ESSA QUESTÃO PRA PESSOAS QUE DESEJAM APENAS O AFASTAMENTO DESSAS PESSOAS PRA HIGIENIZAR NOSSA SOCIEDADE É NOSSO BAIRRO... VEJAMOS MELHOR O QUE SE DEV SER HUMANO...

santo ansemo um filosofo medieval dizia que o homem só é homem quando reconhecer a humanidade que existe no outro então vejam ai o que acham de tudo isso!!!

29/04/2006 07:47



T57

darlan, trazer pro quintal eh uma figura de linguagem.
 qr dizer trazer pra perto...

abner n eh grendo mudar sua opniao e talz..
 entendo a forma como vc pensa e respeito...acho legal msm..


 anônimo T58
 29/04/06

Darlan, experimenta levar aqueles 5%, que julgo ser o grande problema desta turma, para seu quintal...

Não ganhei nada na vida...Ralei ao extremo para ter um pouco, dentro das possibilidades que este país nos dá...

Agora, aceitar a idéia de repartir, a força, este pouco com estes 5% não me é possível, por razões óbvias...

Quase sofri tentativa de sequestro relâmpago neste bairro, sendo que meu sonho de consumo, comprado três meses antes, virou um amontoado de peças solitárias que devem estar rodando por aí...Vc gostaria que eu passasse a mão na cabeça do sequestrador??? Penso que o melhor seria enfiar uma bala na coluna do maldito...

Aceitar mais "desses" por aqui????

Penso que NÃO precisamos!!!!

Portanto, que tais seres sejam enviados para longe, muito longe...

É isso...


 anônimo T59
 29/04/06

esperimenta viver na favela entao, perto da casa de marginais ai vc vai ver o q é otimo, as pessoas aqui do bairro nao sao nenhum vagabundo que ganharam as coisas nao, trabalharam muito pra ter o q tem, trabalham muito pra mais tarde vir um tanto de favelado roubar tudo conquistado, esse povo nao sabem viver em uma sociedade civilizada, vai acontecer igual num bairro em contagem, o bairro via em perfeita armonia, roubos e tudo mais nem tinha, depois q o prefeito sismou de ser caridoso pura jogada politica, colocou conjunto habitacional, a marginalidade cresceu tanto q ate colocaram 2 postos policiais no bairro, vc simplesmente nao sabe o q fala, essa mente de se achar Jesus Cristo atrapalha vc pensar sobre a segurança das pessoas.


 anônimo T60
 29/04/06

vou repetir mais uma vez que os moradores do conjunto seriam selecionados, pessoas com renda fixa de 800 reais por mes, pq!! vcs sao cegos ou o que?


 anônimo T61
 29/04/06
 Thiago


nao preciso falar mais nada, vc falou tudo, é isso ai vc ta apoiado.


 anônimo T62
 29/04/06


a ta bom nao sei pq agora aqui no orkut todo mundo resolveu ser Jesus Cristo ne, hum se ta com dó traz pra morar em suas casas, nós do bairro nao temos q conviver com malandro nao, o problema nao resolve tirando eles de onde eles estao nao, pq nao reforma e manda trabalho pr aeles, podem ate fazer o seguinte, muitas pessoas de favela mexe com construção entao o governo sei la podia dar uma verba la pra eles mesmo construirem o quintal dele, em troca de casa, comida e estudo pros seus filhos.


anônimo T63
01/05/06


SABE
CARAS PRIMEIRAMENTE..... NÃO SE PODE ESTA NA LEI.... QUE NÃO PODE COLOCAR CONJUNTO HABITACIONAL PRA PESSOAS DE RENDA ACIMA DE 1 SALARIO MINIMO.... SO UMA COISA DIZER QUE DEVEMOS LEVAR ESSAS PESSOAS NÃO RESOVEL O PROBLEMA MAS SIM COMPLICA MAS... MEU QUERIDO NÃO SOU MINEIRO SOU CEARENSE É VIE MORA AQUI EM BH PRA CONQUISTAR O ESPAÇO AONDE VIVO É LHE GARANTO QUE SE TROUXESSE ESSAS PESSOAS PRA MORA NO QUITAL REPITO NÃO LHES DARIA O QUE A CONSTITUIÇÃO A LEI SUPREMA DO NOSSO PAIS DITA QUE É MORADIA DIGNA A TODOS... TUTO BENE BANBINO, COSI


anônimo T64
01/05/06


o povo acha q intende de muita coisa, adora colocar Deus no meio, acha q justifica tudo, quanta eresia, um lugar aqui mesmo na via expressa foi construindo um conjunto desses hum em 2 anos ja virou favela, o onibus passa aqui e o povo fica com medo de assalto.


anônimo T65
05/05/06

O extremismo ainda não é algo de pessoas adultas mas sim de homens que vive sua infatilidade.... é outra coisa só a nivel de informação o ser humano pela constituição brasileira tem direito a vida é isso e algo de priore em nossa contituição


anônimo T66
05/05/06

mas fazer um programa q ao invéz de tira-los da favela e DAR uma casa, eles possam trabalhar pra roformar a favela, nao vai tirar o direito de viver de ninguem.


anônimo T67
06/05/06

Darlan, vc vive onde????

Vc classifica esta turma de "seres humanos"???

Gostaria de saber sua opinião após ter um cano de revolver encostado na sua nuca e ouvindo a seguinte frase: CALA A BOCA E VAMOS EMBORA, com a sua noiva no banco do lado...


Estes animais somente pensam em lucro, isto é, te encaram como uma oportunidade de negócios, DINHEIRO...

Logicamente esquecem que seus alvos são pessoas e desconsideram qualquer prejuízo psicológico ou financeiros que estes possam vir a ter. Em poucas palavras eles pensam: FODA-SE este CARÁ!!!

Logo, crimes deste naipe deveriam ser considerados como HEDIONDO e a pena deveria ser equivalente à pena que "eles" "impõem" às suas vítimas...

A pena de MORTE seria bastante adequada, a meu ver...Mas praticamente impossível neste país de bananas...


Att...


anônimo T68
06/05/06

Darlan, outra coisa...

Favor melhorar seu português, assim fica difícil te entender...

Dica: Usar o corretor do MS Word...


anônimo T69
07/05/06

Cada um com sua opinião...

Abner: Sabe o que é NAZISMO???? Sabe a motivação do Hitler??? Nenhuma! Apenas limpeza racial...Fruto de uma mente doentia e insana...


Defendo a tal pena de morte apenas para evitar que inocentes continuem a morrer nas mãos de meliantes sem motivações legítimas (Fome, excluídos pelo SISTEMA???? Para mim agem desta forma por outros motivos, tais como drogas, bebidas, inveja e sei lá o quê).

Se o crime valesse a pena tais bandidos continuariam a viver nas condições precárias em que vivem??? Em outras palavras para que eles ROUBAM e HORRORIZAM com suas vítimas???

Portanto, sugiro aprender um pouco de história antes de classificar motivações LEGÍTIMAS de NEONAZISMO, uma vez que você nem aparenta saber do que se trata...

Espero ter contribuído com o seu crescimento como pessoa...

Att...


 **anônimo** T70
07/05/06

Gostaria de saber se sua opinião seria a mesma caso um "ser macabro" desses entrasse em seu carro, pela porta de trás, sem ser convidado e, com a PT em punhos dissesse:

- PERDEU! "VAMU" embora, com o segundo comparsa chegando logo em seguida...

Certamente mudaria de opinião...

É questão de sobrevivência! Entendeu????

 **anônimo** T71
07/05/06

entao vamos para a aula de sociologia meu caro
neonazismo = posição política de extrema direita e positivista (sabe o que é positivismo, negatismo/desconstrutivismo? acredito que voce nao saiba o que seja, entao procure saber), tem como base de suas ideias economicas um estruturalismo um pouco modificado do que aquele formado pela CEPAL, veem no estado o grande poder supremo e finalmente, acreditam que a culpa da pobreza é dos proprios pobres e que um solucao para isso é o simples extermínio das classes economicamente inferiores



T72

07/05/2006 00:29

nossa vei...tem uns post os caras comecam a xingar tanto, sem necessidade, q vc nem entende o q ele qr dizer...parece q o post eh soh pra enxer lingua e xingar o cara q tem opiniao diferente...


radicalismo fede.



T73

07/05/2006 00:30

qnto pena de morte, fede tbm.

 **anônimo** T74
09/05/06

Legal Abner, obrigado pela aula...Apesar de ter cursado Engenharia e Mestrado em Engenharia (UFMG) e ser apaixonado por HISTÓRIA nunca tinha ouvido falar destes tópicos tão interessantes e realmente úteis para esta discussão...

Se não conhece música de fato, aprenda a conhecer...Metallica, Pearl JAM (E não JEAM, ignorante!) e U2 dispensam maiores comentários...Vc gosta de que??? Strauss, Mozart e etc???? Como dúvida que goste e parece desprezar as bandas acima sou obrigado a acreditar que vc é chegado num pagodão ou no maldito FUNK das favelas (APOLOGIA EXPLÍCITA AO CRIME E AO SEXO ANIMAL)...


Não tenho nada contra as ditadas camadas pobres. Penso que 95% desta população está dentro dos critérios de humanidade desejados pela sociedade. Os 5% restantes não valem o ar que respiram e, por isso, penso que não fazem falta aqui...

O que é mais útil: 100 destes terroristas urbanos ou 100 pessoas honestas pagando todos os impostos??? Evidentemente fico com a segunda opção...

Mais uma VEZ: É questão de sobrevivência, pura e simples...Discussão além disso corresponde a atirar pedra em BOEING e não leva a lugar nenhum...

Obs: Favor não visitar meu PROFILE. Nada lá te interessa...

Att...

 **anônimo** T75
09/05/06
Entendeu?????

Adianta fazer afagos nos criminosos mostrados acima????

Penso que não...

LOGO...



anônimo T76

09/05/06

E vc vem me criticar isso????



anônimo T77

10/05/06

agora, voltando ao assunto do topico, quem disse que viria a favela toda morar aqui? é difícil entender que teria um estudo sobre os moradores, sobre a vida deles para eles poderem ser trasferidos? parece que voces acham que ia ser que nem naquelas maquininhas de pegar bichinho, vinha um gancho no alto da favela e catava um morador qualquer pra morar aqui. infelizmente, esses 5% ao qual voce se refere sao atualmente de dificil recuperacao, mas nos nao podemos simplesmente dar as costas para eles ja que o corrompimento do homem acontece pela propria sociedade em que ele vive (nao me lembro se foi locke, montesquieu ou voltaire quem disse isso), eu duvido que muitos de nos aqui, vendo as pessoas na rua com seus bens materiais, na media televisionada anunciando a todo momento que para voce ser feliz precisa de x ou y, nas radios e nos jornais fazendo o mesmo, conseguiriamos viver nos limites impostos pela sociedade com nossos pais desde quando crianças chegassem em casa na favela a todo momento e dissessem por semanas seguidas o mesmo: nao tem comida hoje pq nao temos com o que comprar



anônimo T78

11/05/06

meu maior sonho como de todas as pessoas inteligentes é trabalhar para meu proprio sustento sem ter que ganhar dos outros, o q adianta tirar a favela de um lugar e colocar em outro, a proposta simplesmente deveria ser o governo dar condições das pessoas q moram na favela, é reconstruir a favela, seria muito mais satisfatorio vc trabalhar construindo a sua propria casa, enquanto as pessoas da favela reconstrói suas casa tudo do jeito pra eles, o governo em forma de salario daria os materias pra construção, alimentação, todos na escola, muito melhor do q o governo por interesse politico, vespera de eleicoes e tal, e outra coisa interesse de fazer o filme deles para a proxima eleicao, cosntruir casas em outro lugar, mandar a favela pra la e pronto vcs q se virem igual fizeram ali na berada da via expressa com a joao cesar de oliveira aquilo ali tudo era conjunto tb casa bunitas q tinha ali, pois é vai la agora q vcs vao ver o q virou aquilo, nova contagem tb a mesma coisa, tirar o povo da favela e deixar a deus dará nao adianta nada, vai tirar o problema de um lugar e colocar no outro, é tao bom vc ter as coisas por merito seu, pelo seu trabalho, seu esforço e nao ganhando de um politico q ta querendo seu voto e ainda deixado a deus dará.



anônimo T79

11/05/06

Este assunto tá rendendo hein

e ai Ebert, meu amigao, blza?



anônimo T80

11/05/06

Lá vai mais uma...

Empresário é morto a tiros na região da Pampulha, em BH

(Portal Uai)



anônimo T81

11/05/06

Outra!!!!

Grande BH: Presos suspeitos de matar funcionário de prefeitura

(Portal Uai)

11/05/06 T82

A última de hoje...

Tiroteio deixa criança ferida na zona Sul de BH

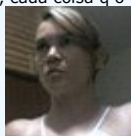
(Portal Uai)



anônimo T83

12/05/06

a q bom ele disse isso ne, cada coisa q o povo fala pra aparecer é foda.



T84

13/05/06

Mauriceja

Pessoal, como já disse não sou contra investir em moradia para pessoas de baixa renda, mas penso que isso deve ser feito nas comunidades em que essas pessoas já estão inseridas. Concordo plenamente com a idéia de que é necessário investir em melhores condições de vida, saúde, lazer, segurança, moradia, educação de qualidade para TODOS. O que não dá é vivermos refém dos bandidos (de todos os lugares - favelas, congresso...; de todas as profissões - os de colarinho branco são os piores) e continuarmos achando que o problema será resolvido exterminando alguns. Infelizmente, outros virão. Penso que é necessário continuar discutindo as questões com seriedade, nos conscientizarmos e cobrar de nossos "ilustres representantes" respostas para nossas reivindicações. Afinal de contas, se houvesse menos corrupção, sobriariam recursos para investir em necessidades básicas, promovendo, quem sabe, maior justiça social.



anônimo T85

16/05/06

Concordo plenamente com vc Darlan. Adorei seu ponto de vista...

As pessoas em modo geral tem sim direito de ter uma boa moradia, um bom estado de vivência, isso não é só dito nas leis divinas mais tbm nas leis dos homens...!!!

E essa história de trazer mais marginais, ouvi muitos hipocritas falando isso. Essas pessoas já são julgadas sem vc msm as conhecerem, aond estão os principios da vida!? Nda quer dizer q somos moradores de favela e por isso somos ladrões, assaltantes, estropadores e etc, nda. E hj oq está acontecendo é totalmente o contrário, os "favelados" como eu, estão progredindo e os "Play Boys" cada vez mais se drogando, bebendo, fazendo loucuras...E exemplo disso tá aí pra todo mundo vê, ou o Juíz Nicolau era favelado? Aquela mulher que matou os pais pra fik com a herança era favelada?

O Palloci era favelado?

Então é isso aí eu concordo com esse projeto de melhoria de vida pra esses cidadãos sim, q além de serem cidadãos são seres humanos iguais a todos...!!!

Entaum é isso aí...

Pq o msm direito que vc tem nós tbm temos....!!!!

Vle brigado aí hein...

Pra quem naum me conhece eu sou o Vinícius ou Nicinho como queiram, morador da Vila São Vicente mais conhecida como Vila dos Marmiteiros. Vlw...Abraços



anônimo T86

20/05/06

Para quem apoia a vinda dos favelados para cá e seus 5% de irrecuperáveis:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=92291&tid=2465577292546541097&na=4>

Att...



anônimo T87

27/05/06

Ae... esse tópico já foi tão desvirtuado que fica até difícl resumir as opiniões...

DELIRIOS DE RUINA DELITOS E PERICIAS VIOLENCIAS TRANVESTIDAS FAZ SEU RITUAL EM ARMAS DE BRINQUEDO, MEDO DE VIVER, E ANUNICOS LUMINOSOS LAMINAS DE BARBEAR.



anônimo T88

29/06/06

PQ PAROU

PQ PAROU A DISCURSÃO



anônimo T89

30/06/06

????????????????????????????????



anônimo T90

12/07/06

ô André, valeu pelo "mais bem informado" hehehe, mas não tenho muitas informações além das que dei não... nem ouvi mais do projeto depois da fatídica reunião já citada aí pra trás.

Só uma coisa, Ebert, o projeto não tem cunho eleitoral, pelo menos a princípio, já que a questão já vem sendo abordada aqui no bairro a mais de ano.

Não concordo/discordo totalmente de muitas opiniões aqui. Mas com certeza, falta mais planejamento por parte do governo e mais consciência dentre muitos os que escreveram aqui.



anônimo T91

03/07/07

cade agalera da discursão



T92

25/08/08

Para pensar...

Eu acho que vcs, que criticam essa idéia e defedem outras(tão pouco absurdas) estão um pouco equivocados. O problema do nosso país não são os pobres, não seria excluindo-os do mundo que resolveriam todos esses problemas de criminalidade e etc. E como foi dito anteriormente, não é benefício nenhum aos favelados saírem do lugar aonde estão, acredito que aja um outro interece em tira-los de lá, pode ser que estejam querendo "limpar a cidade" (como está ocorrendo no centro de São Paulo). Então pesso-lhes que revejam as suas idéias e pessem melhor se estão de fato contribuindo para melhoria de seu bairro e quem sabe, ate mesmo de seu país. Abraço.



anônimo T93

13/09/08

Eu sou contra a favela e qualquer coisa do gênero

Claro que não podemos generalizar, ao dizer que vindo a favela, virá só ladrão, bandido e etc

Mas temos que convir que é entre os favelados, entre os menos favorecidos, que se concentram a maior parte dos bandidos perigosos, que na falta de trabalho, de estudo, de educação, saem pra roubar, assaltar, sequestrar... seja pra sobreviverem, seja pra sustentar seu vício, seja por hobbie, etc.

Como boa parte de quem mora nas favelas não tem o que comer, se drogam boa parte do dia, e depois de drogados, saem pra praticar furtos, roubos, assaltos e etc. E por estarem drogados, a chance de acontecer uma tragédia é muito maior.

Eu mesmo já fui vítima em 2 assaltos a mão armada, literalmente na porta de casa, aqui no bairro, e perdi a conta de quantas histórias de assalto já ouvi, assim como do número de arrombamentos de carro no prédio onde morava antes, onde só um amigo que morava no mesmo apto que eu teve 7 aparelho de som roubados em pouco mais de 3 anos.

Vindo essa tal favela, claro que aumentará o índice de assaltos, pelos fatos já apresentados acima, assim como virou um Deus nos acuda ter que conviver com esse bando de delinquente que invade o shopping Rosa e a praça da PUC nos fins de semana, seja pra brigar, roubar, ou mesmo pra fazer arruassa e vandalismo quando estão voltando pras suas casas, fato que eu presencio quase todos os dias, que é ver bandos (literalmente) chutando portões, arranhando carros, jogando lixo pra fora das lixeiras, gritando, cantando e xingando em alto volume, tudo isso em plena madrugada, como se estivessem num deserto e o que falam/fazem não incomoda ninguém.

PORTANTO, BASTA DE MARGINAIS NO BAIRRO!!!! INDEPENDENTE SE TAMBÉM VIRÃO PESSOAS SIMPLES, HONESTAS E TRABALHADORAS, COM ELAS VIRÃO MAIS MARGINAIS E O BAIRRO ESTÁ LARGADO AO ACASO DEMAIS PARA SERMOS VÍTIMAS DE MAIS MARGINAIS.

POSTOS FIXOS DE POLICIAMENTO, DELEGACIA COM FUNCIONAMENTO 24HORAS E MAS VIATURAS ELES NÃO PROPÕE, NÉ?? 




anônimo T94

13/09/08

E viva a solução mais fácil: falar pelos cotovelos. Não estou apontando dedo pra ninguém. Só questiono: depois de tantos comentários e discussões, quantos aqui sabem como está essa proposta hoje, ou foi a alguam reunião, ou vai atrás da associação de bairro pra participar?

Eu confesso que estou totalmente desatualizado, mas não fiquei só batendo boca no iogurte, ou falando mal da polícia (que nunca estará na porta da sua casa 24h por dia, pra isso contrate segurança particular).


anônimo T95
13/09/08

Eu também não sei a quantas anda este assunto aqui no bairro, mas por ser morador deste há mais de 1 década, me vejo no direito de opinar a respeito do mesmo.

Quanto às reuniões de bairro, nunca fui e nunca irei, mesmo porquê pelo que eu sei só rola politicagem nessas reuniões, e por mais platéia que dê nessas reuniões, nada se consegue sem influência, ou sem algum peixe grande.

Quanto a sua argumentação, de que se quer policiamento eficiente e 24hs na porta da sua casa, que contrate segurança particular é totalmente ridícula e descabida. Acredito que você não gere e pague impostos públicos, pra falar uma ASNEIRA dessas, porquê o mínimo que se espera dos nossos dirigentes hoje em dia é segurança, já que educação e saúde pública, já não existe há anos! E segurança, eficiente, já falta faz algum tempo.


Pela sua argumentação, você quer que esta siga o mesmo caminho da educação e da saúde pública???

Simplemente lamentável ter que ler asneiras como estas suas. Mais parece um esquerdista revoltado que sem argumentação consisa, parte para a agressão descabida e infundada. Ou do contrário, me leva a crer que você se favorece da falta de policiamento e da segurança, aqui no bairro!



Pq sinceramente esta frase foi totalmente absurda e só me faz enxergar esses 2 pontos de vista.

Passar bem!


anônimo T96
14/09/08

Agora sim apontando o dedo pro Marcelo:

Seus textos são bem previsíveis, parecem os comentários do Bob Faria na transmissão da Globo. Fala aqui como se fosse mudar o mundo.

Quando falei sobre segurança 24h na porta de casa, não há nenhuma asneira nisso. Basta refletir: existem cidades grandes (500, 600mil, 1 milhão ou mais de hab) que são seguras e nenhuma tem uma taxa de 1 policial por habitante. Por isso disse o que disse. Se segurança publica fosse sinonimo de 1 policial por habitante....

Se você acha que seus impostos são mau geridos tem que ir atrás de quem os administra em vez de comodamente sentar ao teclado e chamar os outros de esquerdista, como um nobre membro da Corte.


Trabalho, e pago meus deveres, como você deve fazer também. Se não o faz, não reclame daquilo que você não paga para merecer.

Concordo que faltam educação e saúde. Agora me diz: o Rio de Janeiro melhorou em segurança com esse vai-vem de exército e força nacional brincando de operções na favela?

Medida de segurança publica é: educação, saúde e judiciário eficaz para fiscalizar os outros poderes, e vice versa.


Você vota (mesmo que nulo)? Você sabe quem trabalha na camara? Pratica e/ou difunde atividades relacionadas a cidadania (seja numa ong, seja conversando com amigos)?

Se não o faz, contrate um psicologo em vez de ficar esbravejando no orkut.


anônimo T97
14/09/08

E como disse na msg anterior: não tava apontando dedo pra ninguém. Inclusive me inclui no assunto dos que falam pelos cotovelos.

Mas se a carapuça serviu em você, não posso fazer nada.


anônimo T98
14/09/08

Suas argumentações são ridículas, assim como a sua postura.

Me recuso a querer discutir algo com uma pessoa tão infundada como você. Quanto a carapuça, não digo que serviu nem que seja pra mim! Só não sou como você, de "dar a entender". Eu falo na cara, e dito nomes, ao contrário de você.

Quanto a um policial por habitante.... tenho que rir. Só um retardado mental pra querer basear-se uma argumentação dessa!

Faz-me rir!!!

...

Anexo D - Glossário

Construal: construção; perspectivação conceitual. O termo refere-se ao processo através do qual, falante e ouvinte, conceitualizadores, constroem cognitivamente uma cena a fim de se expressarem linguisticamente.

Embodied: relativo ao corpo; corporificado.

Ground: significa base e engloba o evento de fala, os participantes e as circunstâncias imediatas (tempo e espaço) em que a fala ocorre.

Immediate Scope: escopo imediato

Landmark: proeminência focal secundária.

Maximal Scope: escopo máximo

Profile: (perfil) refere-se ao foco específico de atenção. O perfil de uma expressão é a entidade por ele designada, sua referência com a base conceptual provida pelo escopo máximo e pelo escopo imediato.

Trajector: proeminência focal primária.

Viewing frame: moldura de atenção.

Anexo E - Citações nos originais

1- The CDS is defined as the mental space comprising those elements and relations construed as being shared by the speaker and hearers as a basis for communication at a given moment in the flow of discourse. (LANGACKER, 2004, p.01)

2- [...] “des entités qui ne sont pas conçues comme des expressions référentielles en relation spéculaire avec des objets du monde ou avec leur représentation cognitive, mais des entités qui sont interactivement et discursivement produites par les participants au fil de leur énonciation.” (MONDADA, 2001, p.67)

3- Conceptualization is broadly defined to encompass any facet of mental experience. It is understood as subsuming (i) both novel and established conceptions; (ii) not just “intellectual” notions, but sensory, motor, and emotive experience as well; (iii) apprehension of the physical, linguistic, social and cultural context; and (iv) conceptions that develop and unfold through processing time (rather than being simultaneously manifested). (LANGACKER, 2004a, p.02)

4- Most fundamentally, CG makes contact with discourse through the basic claim that all linguistic units are abstracted from **usage events**, i.e. actual instances of language use. (LANGACKER, 2004, p.01)

5- (a) *I was sitting in the park yesterday.*
 (b) *A man walked by.*
 (c) *The man saw a dog.*
 (d) *He kicked it.*
 (e) *It yelped..* (LANGACKER, 2004, p.24)

6- Un enunciato può essere un pattern informático complesso, costituito da un'unità informativa di Comment più altre unità informative di funzione diversa, e in tal caso è interpretato da un pattern tonale complesso, costituito da più unità tonali intorno ad un'unità di Comment (CRESTI, 2000, p.117).

7- Il comment è necessario e può essere sufficiente a costituire enunciato; in tal caso l'enunciato è semplice (CRESTI, 2000, p.81).

8- [...] Comment è diverso da:

- a- Predicato, perché non è descrivibile in termini di relazioni strutturali (semantiche e sintattiche) della locuzione;
- b- Rema o Proposito, perché non lo è in termini di costruzione testuale della locuzione o di rappresentazione psicologica;
- c- Modus perché non lo è in termini di espressione della modalità della locuzione;
- d- Nuevo perché non lo è in termini di novità semantica della locuzione;
- e- Focus, perché non lo è in termini di rilevanza o di contrasto contextuale della locuzione. (CRESTI, 2000, p.81).

9- [...] tutte le espressioni che sono intonate con quello che abbiamo chiamato un pattern tonale corrispondono a entità del dominio azionale, come lo sono gli atti illocutivi. Ma dal momento che per definizione gli atti illocutivi esistono solo come atti simultanei ad atti locutivi, le espressioni intonate con un patter tonale sono anche le espressioni che costituiscono gli atti locutivi, ovvero sono enunciati. (CRESTI, 2000, p. 56).

10- We assume that written language has a covert prosody which is analogous to that of spoken language: that both writers and readers assign pitch, stress, and pauses to language as they write and read it. We assume also that an important aspect of this prosody is the assignment of intonation unit boundaries to written language. We assume, finally, that these boundaries are at least reasonably well indicated by punctuation...Thus, when we use the term "intonation unit" with reference to writing we will be referring to stretches of language between punctuation marks. (CHAFE; DANIELWICZ apud MCCLEARY, 1996, p.76):